

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUAS – MESTRADO
PROFISSIONAL

RICARDO GOMES DE OLIVEIRA

O E-MAIL COMO PORTA DE ENTRADA PARA A UTILIZAÇÃO DE GÊNEROS
TEXTUAIS EM AMBIENTES DIGITAIS

Bagé
2020

RICARDO GOMES DE OLIVEIRA

**O E-MAIL COMO PORTA DE ENTRADA PARA A UTILIZAÇÃO DE GÊNEROS
TEXTUAIS EM AMBIENTES DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Línguas, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Línguas.

Orientadora: Dr.^a Camila Gonçalves dos Santos do Canto.

**Bagé
2020**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

048e Oliveira, Ricardo Gomes de

O e-mail como porta de entrada para a utilização de gêneros textuais em ambientes digitais / Ricardo Gomes de Oliveira.

166 p.

Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa,

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE LÍNGUAS, 2020.

"Orientação: Camila Gonçalves dos Santos do Canto".

1. Gêneros textuais. 2. E-mail. 3. Tecnologia. 4. Prática social. I. Título.

RICARDO GOMES DE OLIVEIRA

O E-MAIL COMO PORTA DE ENTRADA PARA A UTILIZAÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS EM AMBIENTES DIGITAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino de Línguas.

Dissertação defendida e aprovada em: 26 de novembro de 2020.

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Camila Gonçalves dos Santos do Canto
(UNIPAMPA)

Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Camerini Corrêa Pérez
(UNIPAMPA)

Prof^ª. Dr^ª. Vanessa Fonseca Barbosa
(USP)



Assinado eletronicamente por **CAMILA GONCALVES DOS SANTOS DO CANTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/07/2021, às 14:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CLAUDIA CAMERINI CORREA PEREZ, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/07/2021, às 15:21, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Vanessa Fonseca Barbosa, Usuário Externo**, em 05/07/2021, às 15:37, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0562708** e o código CRC **CC8631AE**.

RESUMO

Este compartilhar de pesquisa é fruto de um trabalho que desenvolveu, implantou e analisou um produto pedagógico, mostrando uma possibilidade de aproximação dos estudos linguísticos e as práticas de escrita no Ciberespaço. Realizou-se uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), concentrada na exploração de gêneros textuais a partir do E-mail, por alunos do 9º ano de escola pública do município de Santana do Livramento. O caminho teórico incluiu Letramento (STREET, 2014), Cibercultura (LÉVY, 1999; TAPSCOTT, 2010), Gêneros (MARSCUCHI, 2008, 2010; BAKHTIN, 1992) e Monitoração (HORA, 2014; BORTONI-RICARDO, 2005). Tratou o E-mail como porta de entrada para a utilização de gêneros textuais em ambientes digitais. O estudo mostrou que, desde um bilhete para um amigo até uma carta destinada a uma autoridade, o E-mail apresenta expressiva versatilidade para a construção e veiculação de gêneros textuais em sua plataforma, ainda pouco explorada (PAIVA, 2010). Destaca-se que o E-mail revigora o gênero epistolar, em alcance de pessoas e velocidade de interação. Ele é acessível a partir dos 13 anos de idade, gratuito, realiza o registro, armazenamento de mensagens e apresenta baixo risco de exposição. É assíncrono, fornece o tempo necessário para a reflexão semântica e pragmática, o que abre espaço para a mediação de aspectos da língua portuguesa. Os instrumentos de coleta de dados foram: questionário para checar o conhecimento tecnológico dos alunos, observações durante a implementação e questionário aplicado aos professores. A aplicação com estudantes de 9ºano ocorreu na forma de sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) teve como objetivo instrumentalizar os alunos para o uso qualificado do recurso digital, para esta que foi a primeira ferramenta de escrita digital a consolidar-se e continua sendo a mais utilizada a nível empresarial, institucional e, para as interações formais no Ciberespaço. Os dados do questionário revelaram que a maioria dos estudantes não enviava e-mail, mas todos possuíam perfil em rede social, o que sugere uma fragilidade quanto à possibilidade de escrita dos gêneros com variação de monitoração e consideração dos contextos sociais. Mais de 90% dos pesquisados, confirmaram que é necessário aprender a utilizar o e-mail, um consenso de que necessitarão lidar com a conta, inclusive, os alunos buscaram a mediação do professor tanto a nível de estrutura digital quanto para produzir nos gêneros textuais propostos. O estudo revelou que, embora usem tecnologia, os adolescentes nativos

digitais precisam orientação para escrever seus textos em uma plataforma de E-mail. Conclui-se que o estudo do E-mail se encaixa perfeitamente para turmas de 9ºano, por ser uma alternativa digital assíncrona que facilita o aprendizado da língua, das tecnologias atuais de comunicação e, também, para a efetivação de práticas sociais em diversos segmentos da sociedade letrada, com a vantagem de revelar o locutor pelo seu endereço e pelo teor de seu texto, preservando a pessoa de uma exposição desnecessária em redes sociais que operam de forma síncrona.

Palavras-chave: gêneros textuais; e-mail; tecnologia; prática social.

RESUMEN

Este intercambio de investigaciones es el resultado de un trabajo que desarrollo, implementó y analizó un producto pedagógico, mostrando la posibilidad de acercar estudios lingüísticos y prácticas de escritura en el Ciberespacio. Se realizó una investigación-acción (THIOLLENT, 2011), enfocada en la exploración de géneros textuales desde el E-mail, por parte de alumnos del 9º año de la escuela pública del municipio de Santana do Livramento. El camino teórico incluyó Alfabetización (STREET, 2014), Cibercultura (LÉVY, 1999; TAPSCOTT, 2010), Géneros (MARSCUCHI, 2008, 2010; BAKTHIN, 1992) y Monitoreo (HORA, 2014; BORTONI-RICARDO, 2005). Ha tratado el E-mail como puerta de entrada al uso de géneros textuales en entornos digitales. El estudio mostró que, desde una nota a un amigo hasta una carta destinada a una autoridad, el E-mail tiene versatilidad para la construcción y colocación de géneros en su plataforma, es en sí mismo un género textual, aún poco explorado (PAIVA, 2010). Es de destacar que el E-mail dinamiza el género epistolar, al alcance de las personas y la velocidad de interacción. Es accesible desde los 13 años, gratuito, realiza el registro, almacenamiento de mensajes y presenta bajo riesgo de exposición. Es asincrónico, proporcionando el tiempo necesario para la reflexión semántica y pragmática, lo que abre un espacio para la mediación de aspectos de la lengua portuguesa. Los instrumentos de recolección de datos fueron: cuestionario para verificar el conocimiento tecnológico de los estudiantes, las observaciones durante la implementación y cuestionario aplicado a los docentes. La aplicación con estudiantes de 9º año se dio en forma de secuencia didáctica (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) orientada a equipar a los estudiantes para el uso calificado del recurso digital para la primera herramienta de escritura digital en consolidarse y sigue siendo el más utilizado a nivel corporativo, institucional y, para las interacciones formales en el Ciberespacio. Los datos del cuestionario revelaron que la mayoría de los estudiantes no enviaban E-mail, pero todos tenían un perfil de red social, lo que muestra una debilidad en cuanto a la posibilidad de escribir géneros con variación en el seguimiento y consideración de los contextos sociales. Más de 90% de los encuestados confirmaron que es necesario aprender a usar el E-mail, consenso en que deberán manejar la cuenta, entre ellos, los estudiantes buscaron la mediación del docente tanto a nivel de estructura digital y producir en los géneros textuales propuestos. El estudio reveló que, al utilizar

tecnología digital, los adolescentes nativos digitales necesitan orientación para escribir sus textos en una plataforma de E-mail. Se concluye que el estudio del E-mail encaja perfectamente para las clases de 9º año, ya que es una alternativa digital asincrónica que facilita el aprendizaje del idioma, las tecnologías de comunicación actuales y, también, para la implementación de prácticas sociales en diferentes segmentos de la sociedad letrada, con la ventaja de revelar al hablante por su dirección y el contenido de su texto, preservando a la persona de una exposición innecesaria en las redes sociales que operan sincrónicamente.

Palabras clave: géneros textuales; e-mail; tecnología; práctica social.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeiro contato: Aluna 3A.....	108
Figura 2 – Primeiro contato: Aluna 1A.....	109
Figura 3 – Primeiro contato: Aluno 1B.....	110
Figura 4 – Vídeo 2: conta de e-mail	112
Figura 5 – Vídeo 2: divisão de e-mail	113
Figura 6 – Endereço digital.....	113
Figura 7 – Sobre a estrutura do E-mail	116
Figura 8 – Gêneros mais simples.....	117
Figura 9 – Gêneros mais complexos.....	118
Figura 10 – Troca de e-mail com papéis sociais, remarcação de audiência	119
Figura 11 – Respostas do e-mail sobre remarcação de consulta.....	120
Figura 12 – Extrato de um e-mail informativo.....	121
Figura 13 – Extrato de e-mail sobre pedido de desculpas	122
Figura 14 – Resposta ao pedido de desculpa	123
Figura 15 – Extrato de e-mail enviado para uma responsável de RH.....	126
Figura 16 – Mensagem de resposta da representante da empresa	127
Figura 17 – Informações sobre ingresso no instituto.....	129
Figura 18 – Resposta do gestor	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipo de E-mail	72
Quadro 2 – Rubrica de avaliação	83
Quadro 3 – Sequência didática	87
Quadro 4 – Apresentação inicial	88
Quadro 5 – Módulo I.....	89
Quadro 6 – Módulo II.....	91
Quadro 7 – Módulo III.....	93
Quadro 8 – Primeira análise de extrato de e-mail	108
Quadro 9 – Segunda análise de extrato de e-mail	110
Quadro 10 – Terceira análise de extrato de e-mail.....	111
Quadro 11 – Quarta análise de extrato de e-mail.....	114
Quadro 12 – Quinta análise de extrato de e-mail	119
Quadro 13 – Sexta análise de extrato de e-mail	120
Quadro 14 – Sétima análise de extrato de e-mail	121
Quadro 15 – Oitava análise de extrato de e-mail	122
Quadro 16 – Nona análise de extrato de e-mail	128
Quadro 17 – Décima análise de extrato de e-mail	130

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Pergunta nº 1	96
Gráfico 2 – Pergunta nº 2	98
Gráfico 3 – Pergunta nº 3	99
Gráfico 4 – Pergunta nº 4	100
Gráfico 5 – Pergunta nº 5	101
Gráfico 6 – Pergunta nº 6	102
Gráfico 7 – Pergunta nº 7	103
Gráfico 8 – Pergunta nº 8	104
Gráfico 9 – Pergunta nº 9	105
Gráfico 10 – Pergunta nº 10	106

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CERN	European Organization for Nuclear Research
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
MPF	Ministério Público Federal
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONGS	Organizações Não Governamentais
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
ProInfo	Programa Nacional de Tecnologia Educacional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
WWW	World Wide Web

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	O professor-pesquisador: trajetória e inquietações	15
1.2	Justificativa	19
1.3	Questão e objetivos de pesquisa	24
1.3.1	Objetivos	26
1.3.2	Estrutura da dissertação	26
2	REFERENCIAL TEÓRICO	27
2.1	Letramentos	27
2.2	Letramento como prática social	30
2.3	Letramento digital	32
2.4	Cibercultura e o surgimento do E-mail	38
2.4.1	Cuidado na rede	44
2.4.2	Modos de relação e interação na cibercultura	47
2.4.3	Ensino, aprendizagem e profissionalização em meio à cibercultura	49
2.5	Linguagem contextualizada	52
2.5.1	A importância do texto	52
2.5.2	Estudo dos gêneros	53
2.5.3	Gêneros e tipos	59
2.5.4	Variação e monitoração	62
2.5.5	A variação estilística	63
2.5.6	O problema da formalidade	64
2.5.7	Os contínuos de monitoramento	66
2.6	A versatilidade do E-mail	67
2.6.1	Características do E-mail	70
2.6.2	Netiquetas	73
2.6.3	O futuro do E-mail	75
3	METODOLOGIA	77
3.1	Metodologia da pesquisa	77
3.1.1	Definição da temática	78
3.1.2	Contexto e sujeitos da pesquisa	79
3.1.3	Instrumentos de coleta de dados	82
3.2	Metodologia da intervenção	84

4	ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO DO PRODUTO PEDAGÓGICO.....	95
4.1	Análise do questionário aos alunos	95
4.2	Análise da aplicação	106
4.2.1	Observações e discussão da aula 1	107
4.2.2	Observações e discussão das aula 2 e 3	111
4.2.3	Observações e discussão da aula 4	115
4.2.4	Observações e discussão da aula 5	116
4.2.5	Observações e discussão da aula 6	120
4.2.6	Observações e discussão da aula 7	123
4.2.7	Observações e discussão da aula 8	124
4.3	Análise das impressões docentes sobre a temática	131
4.3.1	Primeira categoria de análise	131
4.3.2	Segunda categoria de análise	134
5	CONCLUSÃO	139
	REFERÊNCIAS.....	143
	APÊNDICE A – Resultado do questionário sobre e-mail 2º semestre, ano 2016.	149
	APÊNDICE B – Resultado do questionário sobre e-mail 2º semestre, ano 2020	150
	APÊNDICE C – Troca de mensagens - Pesquisador aluna	151
	APÊNDICE D – Professora A - Pacheco Prates – 2016	153
	APÊNDICE E – Professora B - Cyrino – 2019	157
	APÊNDICE F – Professora C – Mauricio Cardoso – 2020	161
	APÊNDICE G – Professora D – Pacheco Prates – 2020	163

1 INTRODUÇÃO

1.1 O professor-pesquisador: trajetória e inquietações

As primeiras interações que temos com o novo, seja um objeto de estudo, pessoa, animal, lugar, entre outras coisas, desencadeia uma predisposição que aguça a curiosidade de conhecer ou repele pelo medo que o preconceito gerou. Sobre as experiências escolares, meu encantamento foi na 1ª série do ensino fundamental: A dona Griselda me fez gostar das letras e querer descobrir o significado das palavras.

Segui minha trajetória de descobertas na linguagem. Com nove anos de idade, consegui meu primeiro dicionário, através da venda porta em porta de cartelas para sorteio, uma estratégia de venda utilizada na época, na qual optei pelo glossário. Desde aquele momento passei a ler tudo o que me chegava aos olhos. Agora escrevendo, penso que realmente só poderia ter um sentido maior, afinal de contas, por que um menino chegaria de comércio em comércio para pedir ajuda a fim de obter um dicionário? O tal dicionário foi vital para que eu escrevesse alguns poemas galanteadores dirigidos a uma colega e, também, alguns roteiros que se tornaram peças teatrais apresentadas no ambiente escolar.

Lembro que nessa época (minha adolescência, início da década de 1990), a língua portuguesa não era a disciplina mais empolgante, a responsabilidade de desenvolver a comunicação e expressão a congelavam. Seu tom soava regulatório, era necessário decorar várias regras para “ir bem na prova”, saber as preposições e conjugar os verbos em voz alta na frente da turma. Cada vez que se conseguia realizar um trabalho de criação pessoal, a maior preocupação ficava por conta da correção da professora e a caneta vermelha sinalizava que não havia domínio total da língua.

O ensino privilegiava a assimilação de conteúdos (muita coisa me lembro até hoje), minha parte preferida era a leitura em voz alta, da qual sempre fui voluntário. Podia se pensar que a língua era difícil¹, por isso, tanta dificuldade de dominá-la. Sendo assim, não valeria o esforço de compreendê-la a ponto de poder utilizá-la como uma ferramenta de participação e ascensão social. Preferi juntar-me a alguns

¹ Geraldi (2010, p.43) referindo-se a um tipo de exclusão gerada pela própria escola: “Quase ao contrário: ensina que ler é muito difícil e para somente alguns; ideologiza que escrever é para muito poucos e, sobretudo, ensina que, nascidos ‘errados’, tivemos a oportunidade de sair do mundo vivido para o mundo sonhado e se não conseguimos, é porque não temos qualidades para isso”.

apaixonados pelas letras ou simplesmente pela ousadia de se fazer entender pela palavra e, daí em diante, passei a ler livros e revistas.

Para realizar pesquisas e leituras tive que superar o fato de ser oriundo de família baixa renda que não dispunha sequer de energia elétrica em casa. Caminhava durante uma hora para chegar à biblioteca pública e gastava o resto da tarde para devorar revistas, livros e alguns temas específicos nas enciclopédias. Era a realidade de quem gostava de informação e aprendia nos livros ensinamentos que não estavam disponíveis em casa. O contato com uma cultura mais prestigiada podia gerar um ideal de mudança coletiva no meu contexto social ou uma obstinação para trocar de lado. Optei pelo primeiro.

Seria mera coincidência - podemos nos perguntar- o fato de os países e as regiões mais pobres concentrarem os maiores índices de analfabetismo ou do chamado analfabetismo funcional? Seria mera coincidência o fato de as atividades que exigem domínio mais amplo de capacidades comunicativas terem-se tornado inacessíveis aos mais pobres, que, assim, ficam relegados ao insucesso e, por vezes, à exclusão dos processos sociais mais decisivos? (ANTUNES, 2014, p. 12).

É notório que entre os fatores que desencadeiam desigualdades dentro de uma sociedade, a língua sempre foi um dos mais estigmatizados. Antunes (2014, p. 11) corrobora com este argumento quando diz que: “a competência linguístico-comunicativa das pessoas é um dos recursos fundamentais para o êxito de suas atuações sociais, sobretudo no âmbito profissional e dentro de contextos urbanos”. Nesse sentido, a escola pode contribuir para a redução de preconceito, promover ascensão social e revelar a cultura de um povo, uma vez que pautar seu ensino na participação do indivíduo na sociedade, incluindo aí, as disciplinas da linguagem. Foi essa possibilidade que acendeu em mim o desejo de empreender uma formação na área de letras, para voltar à sala de aula e testemunhar que a educação transforma.

Quando ingressei na licenciatura em Letras, trouxe comigo a expectativa de que o(a) professor(a) de português era alguém que poderia ensinar todos os caminhos que desvendavam aspectos fonológicos, morfológicos, semânticos, necessários ao bom trânsito de uma “pessoa culta”. A construção sintática e estilística seriam, enfim, simplificadas! Bastaria quando fosse dar aula, trazer os conhecimentos teóricos e enfatizar que o uso da variedade mais prestigiada da língua materna abriria muitas portas de participação social.

O problema foi que a faculdade forneceu o aporte teórico, mas a teoria estava um tanto distante da realidade na sala de aula. A teoria me ajudou a passar no concurso para a rede municipal de ensino. Embora concursado, com semblante de autoridade, ao deparar-me com a inércia dos alunos em relação ao componente língua portuguesa, nem sempre eu conseguia desenvolver o planejamento; isso sem falar de desencadeamento de processos de aprendizagem duradoura. Havia uma falta de interesse dos alunos pelo objeto de estudo, o qual era muito teórico.

Meu desafio para desenvolver o componente curricular língua portuguesa (com alunos da sexta, sétima e oitava séries) foi descobrir como propor o objeto de estudo de forma mais atraente, interativa e, sobretudo, significativa aos alunos. A situação começou a mudar quando obtive liberação para usar um laboratório de informática, o qual estava desativado porque não havia um técnico que colocasse as máquinas em funcionamento e fizesse a monitoria, eram máquinas novas, mas operavam com Linux, três terminais conectados.

Os professores, em geral, não se arriscavam a mexer nas máquinas. Sobrou horário disponível na sala e passamos a realizar duas das cinco aulas semanais no laboratório. Os alunos prontamente engajaram-se nas aulas. Segundo Marcuschi (2010, p.15), isso aconteceu “porque os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som.” A primeira vantagem foi que eles começaram a utilizar a pesquisa digital para atividades que, até então, eram apenas expositivas. Visto que a internet:

[...] surge como uma ferramenta de pesquisa ágil e dinâmica, propiciando liberdade de acesso a inúmeros lugares digitais de informação com propostas, testemunhos e descobertas várias. Ela possibilita ao letrado alfabético oportunidade para, acessando os hiperlinks, entrecruzá-los, sintetizá-los, para produzir saber relevante para si e para os outros. (XAVIER, 2002, p. 53)

O acesso às informações referentes ao objeto de estudo que estava sendo trabalhado deslumbrava a maioria dos educandos, atribuo isso, também, ao fato de a maioria dos estudantes não possuir internet em casa. Outro fator que contribuiu para a mudança de motivação foi acrescentar às atividades teóricas, algumas atividades

práticas, as quais chegaram a ultrapassar os limites físicos da sala de aula e da escola.

A direção apoiou a prática inovadora, mas cobrou as provas escritas. Alguns pais, mais conservadores, até reclamavam da quantidade de conteúdo escrita no caderno - já que estavam acostumados a moldes de ensino, nos quais se privilegiava a leitura, escrita, cópias e registros - ponderavam ser aquela a melhor maneira de aprender a linguagem em um ambiente formal de aprendizagem, mas vendo o envolvimento de seus filhos renderam-se à novidade. A informática parecia ser a solução, diante disso, procurei qualificação. Dois anos em um curso técnico de informática e, paralelamente, uma especialização na área de tecnologia da informação para a educação.

No último ano desses cursos precisei mudar de cidade e acabei ficando sem sala de aula todo aquele ano. Fiz um novo concurso, dessa vez, para professor de espanhol na rede municipal, confirmei a premissa de que ensino e tecnologia andarão de mãos dadas daqui por diante. Nesse mesmo período, descobri que as peculiaridades de cada turma influenciam e sempre influenciarão na implantação de estratégias pedagógicas inovadoras. Passei por situações onde a maioria da turma não conseguiu conviver pacificamente com a liberdade necessária para que houvesse a utilização de aparatos tecnológicos.

Isso gerou uma oscilação que influenciou meus anos seguintes de trabalho. Passei a alternar: aulas tradicionais para alguma turma muito conturbada, onde faltava respeito entre os pares e; aulas mais interativas, com os alunos trazendo contribuições, inclusive midiáticas, nas turmas com menos problemas de relacionamento.

Sinceramente, eu vislumbrava outro encaminhamento para as aulas de língua, mas já fazia 10 anos que eu trabalhava em escolas públicas, primeiro como funcionário de escola e depois como docente, isso sem somar estágios e observações que realizamos nos cursos e, ainda não tinha uma forma exitosa de conduzir as aulas. Por outro lado, minha prática como educador especial que incluía o atendimento individualizado sempre foi bem-sucedida, desencadeadora de aprendizagens relevantes para o aluno.

Era necessário algo novo em termos de conhecimento para o exercício da licenciatura, uma vez que teoria obtive na graduação em letras, alternativas metodológicas com uso da informática, obtive na especialização e, o novo chegou

para mim, desde as primeiras leituras para a prova do Mestrado em Ensino de Línguas.

Livros como “A aula como acontecimento” (GIRALDI, 2010) e “Estética da criação Verbal” (BAKHTIN, 1992) mostraram que é necessário e possível melhorar o ensino de línguas e, no decorrer das aulas no mestrado, ouvindo as experiências dos professores e colegas, ficou nítido que a melhora acontece quando direcionamos o ensino da língua para as práticas sociais, o que despertou minha pesquisa para a possibilidade de trazer para a sala de aula gêneros que farão parte da realidade do educando quando ele deixar a escola.

1.2 Justificativa

A partir da leitura de Lévy (1999) observa-se que a informática tem muito a contribuir com o ensino de língua, dado que o ciberespaço potencializa as funções cognitivas. Em Valente (2007) encontra-se um sinalizador de que a humanidade caminha para uma “fluência Tecnológica”, o que reforça a necessidade da educação formal, mediada pelo professor. Os indivíduos nativos digitais (PRENSKY, 2001) ainda precisam muito da educação que os analógicos produziram e produzem.

O termo educação abarca um leque amplo de atores como família, escola, meios de comunicação, grupos de convívio e sociedade em geral, os quais participam da formação de um indivíduo. O conhecimento, cada vez mais valorizado, é a matéria-prima para que o indivíduo permaneça em condições de exercer cidadania e, neste cenário, a língua materna ocupa papel fundamental. Cabe aos professores de língua portuguesa atuarem para que o espaço da sala de aula seja um ambiente no qual a interação contemple temas da vida desta sociedade pós-moderna (HALL, 2000) ultrapassando os primórdios da decodificação e da repetição.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em suas definições de competências específicas, na área de linguagem, para o ensino fundamental, trata que é importante o educando nessa etapa:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (BRASIL, 2017, p. 65).

Diante disso, este estudo aproxima a aprendizagem da língua portuguesa e sua utilização em práticas sociais, visando tornar o estudo de língua portuguesa mais atrativo para os estudantes, o que conseqüentemente reflete na motivação dos educadores, proporcionando um ciclo de cooperação que gera conhecimento para a vida do aluno. A ideia é levar o aluno a mobilizar conhecimentos de diversas áreas para compor sua produção textual em situações reais de uso. O exercício da prática social remete a transpor os muros da escola.

Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos de atividades humanas. (BRASIL, 2017, p. 68).

Quando a base curricular fala em diferentes esferas, percebe-se que por mais válidas que sejam as atividades como: levar os alunos a construírem cartazes para serem colocados nos corredores, realizar apresentações em datas comemorativas ou colocar estudantes representando a escola em atividades como olimpíadas escolares; ainda assim, limita-se ao contexto escolar.

Os projetos desenvolvidos no interior da escola, são didatizados para facilitar a apropriação dos estudantes e a tarefa dos mestres para avaliar. Entre os principais objetivos do trabalho docente reside a responsabilidade de “assegurar aos alunos o domínio mais seguro e duradouro possível dos conhecimentos científicos” (LIBÂNEO, 1994, p. 71).

De fato, a didatização é segura, mas o objeto de estudo torna-se mais um acúmulo de informações que não se sabe se serão úteis para um ou outro aluno. Schneuwly e Dolz (2004, p. 71-91) trazem para a discussão os “gêneros escolares”, atentando para o fato de que expostos apenas a esses gêneros os alunos ficam restritos à simulações, trata-se de algo que não redundará em comunicação, interação que deveria ser o propósito maior de se aprender um gênero.

Esses autores chegam a dizer que os gêneros são reduzidos à “expressão do pensamento, da experiência ou da percepção” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 76), algo muito produtivo do ponto de vista de exercício da faculdade mental da linguagem, porém, torna-se um desperdício das inúmeras possibilidades de letramento, se levarmos em conta as tecnologias disponíveis.

Os gêneros escolares são referência para o estudo da língua e, conseqüentemente, para a promoção do estudante à série seguinte; basta ao estudante dominá-los no sentido da estrutura e, mesmo sem ter produzido para interlocutores reais, ficará com a ideia de que sabe expressar-se em determinado gênero.

No contexto escolar, geralmente escrever um texto é recorrente e confere nota, na situação real o indivíduo precisa: fazer uma petição escrita a um órgão público, acionar central de atendimento ao cliente, escrever currículo de emprego e enviá-lo digitalizado, etc. São situações nas quais inclusive o correio eletrônico, objeto de reflexão neste estudo, deve ser utilizado com competência.

A adaptação que um objeto de estudo linguístico sofre para adequar-se ao formato de uma aula, por vezes, torna-o somente mais um exercício. Com isso, perde-se a chance de trabalhar a realidade tal como ela se apresenta na vida das pessoas. Por isso, este trabalho pretende contribuir com os professores da área de linguagem, para que a educação formal, propiciada pela escola, forneça um ensino que instrumentalize o indivíduo, em formação, com conhecimentos básicos aplicáveis diretamente no cotidiano desta sociedade atualizada constantemente pela cibercultura.

No que tange à língua portuguesa, a observação dos PCNs (BRASIL, 1998) e da BNCC (BRASIL, 2017) somada aos postulados de importantes teóricos da área como Marcuschi (2008, 2009, 2010), Bakhtin (1992), Kleiman (2008) e Dionísio (2010) permitem dizer que a maioria dos referenciais teóricos aponta para que seu ensino seja realizado a partir de gêneros textuais que circulam na sociedade. Nesse sentido, instrumentalizar os estudantes é fornecer-lhes um aporte teórico que lhes permita entender o funcionamento do gênero textual e tratar de realizar as primeiras produções, mediadas pelo professor.

Em tempos anteriores às tecnologias digitais de informação, levar produções de discentes para circulação externa demandava recursos financeiros, tempo e uma série de fatores que até inviabilizavam a ação. Hoje há na internet recursos digitais para diagramação e redes de comunicação que possibilitam a uma produção feita na escola circular o mundo em segundos, basta definir o veículo digital e o gênero no qual a produção será realizada.

Levando isso em consideração, este trabalho aponta para um horizonte de possibilidades de práticas sociais, por meio dos gêneros textuais, viabilizadas pelos

ambientes digitais. Concebendo prática social como algo que beneficia ao coletivo e ao indivíduo /ou permite que a pessoa na relação com o coletivo exerça sua cidadania. Algumas ferramentas digitais atenderiam a esse propósito, a escolha recaiu sobre o E-mail² dada sua funcionalidade, objetividade, atualidade, pode ser obtido de forma gratuita e possui expressiva utilização na sociedade atual.

Enquanto sociedade estamos diante da cibercultura a qual segundo Calvão, Pimentel, Fuks (2014, p.8) trata-se da “cultura contemporânea mediada pelas tecnologias digitais em rede, incluindo os sistemas que implementam serviços de conversação”. Todos percebem a influência da tecnologia em suas vidas; e mesmo os que cresceram em meio a um universo analógico, gradativamente, estão transicionando, por conveniência ou necessidade, a recursos como a internet.

Nas sociedades em transição as divisões entre quem usa e quem não usa tecnologias, como a Internet, são mais fortes e tendem a tornar, ainda mais, o seu uso dependente da geração a que se pertence: quanto mais jovens, maior a utilização e quanto maior o nível de educação, maior será o uso. (CASTELLS, 1999, p. 32).

É pontual a expressão sociedade em transição, reflete bem o que se vive no Brasil, desde o período do Império, o costume foi estratificar socialmente, economicamente e culturalmente os habitantes dessa nação entre escravos ou livres; analfabetos ou que sabem ler; formados em instituição ou trabalhadores que só executam a prática; alienados ou letrados, informatizados ou ultrapassados; analógicos ou digitais, etc.

Quando Castells pontuou “quem usa”, ele com certeza, não estava se referindo ao simples ligar e clicar em dispositivos de acesso à internet, mas a sua previsão de que os mais jovens usariam muito a internet se confirmou. Da mesma forma, a exigência nas esferas onde circula mais conhecimento (acadêmico ou profissional) demanda mais capacidade técnica dos usuários, a qual dever ser trabalhada na escola pois, sua ausência aumenta a desigualdade entre os indivíduos.

Os fatores mencionados, no parágrafo anterior, influenciam no desenvolvimento da caminhada de uma pessoa na efetivação de sua cidadania.

² Sobre o termo E-mail: “É uma expressão importada da língua inglesa na qual a letra **E** vem de Eletronic e **mail** significa correio. E-mail é uma expressão que serve tanto para referir-se “ao canal como correio eletrônico e ao texto como mensagem eletrônica” (PAIVA, 2010, p.5). Para fins de diferenciação neste trabalho, a expressão começando com “E” maiúsculo, refere-se à plataforma de comunicação e com “e” minúsculo à mensagem em si.

Abrem-se portas tanto de estudo, quanto de trabalho quando a pessoa corresponde às exigências de determinado círculo social. Aos estudantes, hoje, na educação básica, será exigido que interajam de forma plena nos ambientes digitais desenvolvidos como sinônimo de evolução dos sistemas de comunicação.

Neste ano de 2020, diante da suspensão de muitas atividades presenciais em decorrência da pandemia que se instalou no país, surgiu uma necessidade de prontidão de conhecimentos referentes às tecnologias. Inclusive, a sequência didática, apresentada na continuação deste texto, a qual havia sido testada presencialmente, teve que ser adaptada para o ensino remoto. Muitos adultos, que sequer usavam aparelhos smartphones, recorreram aos mais jovens para cadastrar uma conta de E-mail, baixar aplicativos, lidar com senhas digitais, etc.

É necessário que fique registrado que essa pandemia acelerou o processo de digitalização e, agora os estudantes precisam aprender no digital e, também, dar a resposta no digital. Sendo assim, o trabalho com E-mails chega no momento histórico exato para a transição rumo ao digital.

Se essa é a projeção, como está a escola pública? Será que ela está preparando os estudantes para a interação digital?

A Portaria do Ministério da Educação nº 522 de 9 de abril de 1997 visava “disseminar o uso pedagógico das tecnologias de informática e telecomunicações nas escolas públicas de ensino fundamental e médio pertencentes às redes estadual e municipal” (BRASIL, 1997). Observou-se aí, uma clara intenção de melhorar a educação com a inserção de tecnologia, por isso, foram enviadas verbas federais para aquisição de computadores, construção de laboratórios de informática e passaram a ser desenvolvidos programas de computador com fins didáticos.

No Decreto nº 6.300, de 12 de dezembro de 2007, apareceu a expressão “inclusão digital” e a preocupação com o “acesso à rede mundial de computadores e de outras tecnologias digitais, beneficiando a comunidade escolar e a população próxima às escolas” (BRASIL, 2007). Transcorreu uma década da emissão desse decreto e a maioria dos estudantes no ensino fundamental de escolas públicas não obteve sucesso na inclusão digital que deveria encaminhá-los ao letramento digital.

No decorrer deste estudo, o componente curricular Língua Portuguesa é acionado para atuar na reversão do senso comum de que “uma vez sendo digital não precisa cuidado para escrever”. Pelo contrário, entende-se que as tecnologias digitais

devem ser usadas para colaborar na produção textual, seja por meio do editor de texto, pesquisa virtual ou da utilização de gêneros em plataformas digitais.

Por isso, ao escolher o gênero epistolar, busca-se recuperar aquela saudosa aprendizagem de como escrever carta, a qual mesmo um indivíduo com pouquíssimos anos de escolaridade enviava e cumpria seu propósito. Hoje, a carta e seus derivados são mais utilizados digitalmente pelo correio eletrônico (E-mail). Neste trabalho, o E-mail não aparece muito como carta eletrônica, aqui ele deve ser entendido como uma plataforma, a qual tem servido para digitalizar gêneros textuais que antes eram apenas impressos.

O E-mail tem proporcionado uma modernização da escrita para atividades comerciais, profissionais, enfim, para interações objetivas. Inclusive na própria internet, ele é a ferramenta pioneira na comunicação virtual; no início, as mensagens possuíam algumas palavras e bastava dizer “lhe enviei **um** e-mail”, hoje e daqui em diante, a expressão é “lhe enviei **por** E-mail: o recado, a carta, o ofício, a foto, o arquivo, o currículo, o link do vídeo, a senha, etc”. A versatilidade do E-mail permite que nele seja construída a mensagem de acordo com o gênero que será veiculado.

A pesquisa traz, para a lista de objetos de estudos, gêneros que circulam no cotidiano de inúmeras comunidades, nos ambientes de trabalho, nos espaços acadêmicos, nos grandes canais de comunicação digital, etc.

No caso do gênero epistolar expresso na forma de carta em papel, pode ser escrito na escola, mas não passou pelo serviço de correio, portanto, não percorreu todo o caminho, faltou-lhe o destinatário real. Sendo que os gêneros textuais³ por serem essencialmente sociais, só ganham vida quando são produzidos e enviados para cumprir um fim social. Com o E-mail contempla-se a perspectiva de transcender o espaço escolar e chegar a um interlocutor real, o qual pode dar resposta a uma demanda específica.

1.3 Questão e objetivos de pesquisa

³ Utiliza-se a expressão “gêneros textuais” para manter uma regularidade no transcorrer desta dissertação, uma vez, que os dois principais autores de referência Marcuschi (2010) e Paiva (2010) seguem essa linha. Porém, na assertiva anterior, o termo discurso seria mais adequado pela ênfase que dá aos fatores sociais implicados na produção.

Esta proposta centrada no E-mail possibilita reflexão sobre contribuições que o componente curricular de língua materna pode oferecer para a preparação do educando para a vida adulta. A respeito disso, Marcuschi (2008, p. 52) defende que se pode trabalhar no ensino de língua, entre outras coisas:

A língua em seu funcionamento autêntico e não simulado; as relações entre as diversas variantes Linguísticas; a organização das intenções e os processos pragmáticos; as estratégias de redação e questões de estilo; o estudo dos gêneros textuais.

O que instiga esta pesquisa é justamente a ideia de proporcionar uma alternativa pedagógica que possa ser usada como forma de transposição do trabalho teórico da língua portuguesa, para uma prática discursiva em ambientes digitais de interação. Nesse sentido, a pergunta a ser respondida é:

“De que forma o E-mail otimiza a escrita de gêneros textuais e facilita as práticas sociais no ciberespaço?”

Esta pergunta norteadora abarca uma série de elementos linguísticos que colocam em xeque o letramento⁴ obtido/construído por um indivíduo no processo de ensino formal. No decorrer das considerações teóricas, o texto apresenta letramentos implicados na formação de uma pessoa que terá o desafio de conciliar o uso da língua e a tecnologia digital, quando for exercer suas práticas sociais.

Nesta sociedade da informação, um discurso, mensagem, comentário, postagens, por exemplo, podem adquirir proporções incalculáveis de alcance e repercussão. Antes da internet, apenas os veículos de comunicação em massa como jornal, revista, rádio e tv possuíam a premissa de comunicar para multidões em tempo real ou em pequeno intervalo de tempo.

Hoje em dia, um texto escrito neste momento, pode alcançar o mundo em segundos, mas caberá ao autor arcar com as consequências resultantes de sua produção textual. Houve um aumento da responsabilidade de quem escreve e, conseqüentemente, de quem ensina a escrever. Por isso, esta pesquisa apresenta objetivos, expostos a seguir, para colaborar nos estudos que buscam a aproximação

⁴ “ Resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.” (SOARES, 2009, p. 16).

entre o ensino da língua portuguesa e a interação proporcionada pelo avanço das tecnologias digitais de comunicação.

1.3.1 Objetivos

O objetivo **geral** do trabalho é desenvolver, implantar e analisar um produto pedagógico, para o ensino de língua portuguesa, no 9º ano do ensino fundamental, em escola da rede pública, no município de Santana do Livramento-RS, que contemple a utilização de gêneros textuais para a construção de mensagens na plataforma digital do correio eletrônico. Os objetivos **específicos** da pesquisa são: construir um Guia Didático, a partir dos estudos sobre letramento, Cibercultura e Gêneros, com foco no estudo da produção textual digital via correio eletrônico; analisar as potencialidades de ensino e aprendizagem da escrita através da exploração do E-mail como uma possibilidade de inserção social; obter impressões dos professores regentes sobre a sequência didática aplicada e a temática envolvida no que tange ao ensino e aprendizagem da língua portuguesa por meio do estudo do E-mail, levando em conta os tempos de ensino à distância.

1.3.2 Estrutura da dissertação

Esta dissertação está dividida em três capítulos, além da introdução. No primeiro se discorre sobre o Referencial Teórico que sustenta a necessidade de aproximação dos aspectos linguísticos como letramentos, gêneros e tipos textuais, variação e monitoração com os elementos ligados à evolução tecnológica, marcada pela cibercultura, com destaque para o E-mail. Após, será apresentada a Metodologia, na qual são estabelecidos os limites da pesquisa, os instrumentos utilizados para coleta de dados e a metodologia utilizada na intervenção pedagógica. O terceiro capítulo trata da análise da implementação do produto pedagógico que é a teorização da ação realizada, através da sequência didática que foi desenvolvida. Por último as considerações finais onde são apontados êxitos, fragilidades e, principalmente, perspectivas de evolução dessa temática no âmbito escolar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Letramentos

Para falar de prática social com o uso de e-mails é preciso discutir – Letramento – a palavra mais utilizada no âmbito acadêmico e pedagógico concernente à aprendizagem e ao domínio da escrita. Observe-se na sequência que o Letramento remete a ações no universo que se abre a partir da língua escrita e, mais adiante, observa-se que o termo caminha para representar algo maior no âmbito das práticas sociais.

O sentido que tem letramento, palavra que criamos traduzindo “ao pé da letra” o inglês literacy. Letra-, do latim littera, e o sufixo -mento, que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em ferimento, resultado da ação de ferir). Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 2009, p. 16).

A prática docente de ensinar as letras ou participar do processo de descoberta que o educando realiza, ainda é emocionante. Contemplar o surgimento de um ser que passa a simbolizar sua vida e tudo que está ao seu alcance, por meio de sinais escritos é uma experiência linda seja como pai, mãe, professor(a) da educação infantil ou alfabetizador(a), educador(a) especial. O fato é que, em um dado momento do processo, o educando assimila a lógica contida na língua e começa a utilizar conjuntos de letras para se expressar, surgem as palavras e, rapidamente o processo ultrapassa a esfera individual e se torna social.

Kato (1986, p. 7) cunhando o termo letramento postulou que letrado seria a pessoa “capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem.” Percebe-se aí uma perspectiva sociolinguística, remetendo à cultura dominante, ou seja, um indivíduo que desenvolve a sua capacidade mental da linguagem, tornando-se usuário e guardião da cultura letrada.

Em Kleiman (2008, p. 16) encontra-se:

[...]“outro argumento que justifica o uso do termo em vez do tradicional 'alfabetização' está no fato de que em certas classes sociais, as crianças são

letradas, no sentido de possuírem estratégias orais letradas, antes mesmo de serem alfabetizadas”.

A língua materna na modalidade oral ou gestual, em se tratando de crianças ouvintes e surdas respectivamente, é a grande propulsora do desenvolvimento sociocognitivo de um infante, isso pode ser compreendido a partir de Vygotsky (1993). A questão é o tipo de interação que é proporcionado às crianças: contato com a mídia⁵ audiovisual, grupos familiares nos quais os adultos primam pela valorização da cultura letrada porque têm o hábito de ler ou o contrário pouco diálogo com prevalência de expressões linguísticas atreladas àquele contexto de fala?

Se for considerada a realidade brasileira, houve a difusão dos meios de comunicação audiovisuais em praticamente todos os lares. Também, ocorreu uma franca expansão da oferta de ensino infantil, fundamental e grande número de adultos que tiveram acesso à escola. Mesmo assim, isso não redundou em ampliação da cultura letrada. Devido à desigualdade social, apenas uma pequena parte do total de famílias gera em suas interações cotidianas eventos que proporcionam a iniciação espontânea do letramento reconhecido pela sociedade dominante economicamente.

Cabe recordar a célebre frase de Paulo Freire (1981, p. 9), “a leitura de mundo precede à leitura da palavra”. O repertório linguístico de uma pessoa é influenciado tanto pelo contato que ela teve com os textos escritos, quanto pela interação que ela teve na sua história de vida. Ao concordar com Freire tem-se que a experiência de vida (contato com o outro, os contextos, os sentidos ativados, etc.) é o que capacita o indivíduo a ultrapassar a decodificação e, de fato proceder à leitura.

Bem como, o Letramento abarcaria não apenas a compreensão e uso da modalidade escrita, mas a capacidade de relacionar sua concepção de vida à palavra escrita. Nas palavras do autor: “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1981, p. 9).

A leitura crítica nos remete às redes de poder envolvidas na língua, a informação verdade liberta, mas o contrário também acontece. A mentira, o boato, a difamação, espalham confusão e aprisionam muitas pessoas. Quando se reflete sobre

⁵ A mídia é o suporte ou veículo da mensagem. O impresso, o rádio, a televisão, o cinema ou a Internet, por exemplo, são mídias. (LÉVY, 1999, p. 63)

isso, entende-se porque é tão importante que a sala de aula seja um lugar no qual a realidade que cerca e que espera pelos educandos venha à tona.

No contexto gaúcho em décadas anteriores, os pais costumavam a falar para os filhos que se metiam em conversa de adulto: “– *Isso não é assunto de guri!*”. Hoje, a família conversa menos entre si, as dúvidas são remetidas à escola, se ela falhar, alguém na rede responderá.

Essa pretensão de Letramento é ambiciosa para ser executada na escola, dada a amplitude de seu conteúdo alcance. Significa usar a língua para entender, descrever e transpor a realidade, algo realizável! No entanto, se for avaliada apenas a conjuntura atual da língua portuguesa, tem-se que o ensino de língua materna ainda prende-se a uma lista de conteúdos gramaticais engessadores da criatividade, embora, contando com PCNs que registram Letramento como “produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia” (BRASIL, 1998, p. 21).

O conflito entre o ideal de ensino registrado nos PCNs e a realidade apresentada pela escola pública brasileira ocorre, entre outros motivos, porque:

Vivemos o forte impacto das políticas públicas internacionais e nacionais de avaliação da compreensão leitora, da aquisição em larga escala de materiais didáticos impressos pelos governos federais, estaduais e municipais e no investimento público na formação continuada de professores alfabetizadores e de língua portuguesa. (BUZÉN, 2014, p. 10).

O que Buzen está relatando é a influência política, ou mais precisamente econômica que pressiona a prática de ensino de língua materna. Sendo que ingenuamente, alguém poderia pensar que os investimentos em materiais e formação continuada de professores seriam de fato para ampliar a aprendizagem significativa do indivíduo; mas leia-se um exemplo de relatório de avaliação:

No PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Durante alguns anos, esse programa tem fornecido a principal base para classificações país por país no campo da educação em geral e do letramento em particular, como meio de formular e orientar políticas de desenvolvimento educacional. (STREET, 2014, p. 195).

Observa-se que a famosa prova do PISA, aplicada nas escolas brasileiras, tem sua raiz muito bem firmada em uma organização de desenvolvimento econômico, a

qual por sua vez, visa a preparação de mão de obra para retroalimentar o sistema dominante, até aí nada de novo. O triste é ler no sítio eletrônico do Inep⁶ que: “A avaliação procura verificar até que ponto as escolas de cada país participante estão preparando seus jovens para exercer o papel de cidadãos”.

Uma perspectiva de homogeneização que reduz tanto a liberdade de pensamento quanto a possibilidade de mudança social, porque pressiona os gestores, os educadores e também os alunos a irem bem na prova. Esse teste, por melhor elaborado que seja, não tem como avaliar formação de cidadãos, até porque não é algo mensurável e, o letramento em si não pode ser confundido com prontidão para resolução de questões em um pequeno espaço de tempo. Letrado, em última instância, é quem consegue obter por meio da língua o que precisa e expressar por meio dela o que deseja.

2.2 Letramento como prática social

Ao considera-se letramento atrelado a situações reais de comunicação em uma sociedade, precisamos lembrar das contribuições de Brian V. Street (2014). Esse autor analisa o letramento como prática social, mostrando exemplos de vários países dos efeitos da implantação de políticas linguísticas que fizeram da língua, bem mais do uma ferramenta de desenvolvimento e expressão intelectual, tornaram-na um veículo bem sucedido de implantação da cultura dominante e, conseqüentemente, subjugararam os países pobres.

O modelo “autônomo” é dominante na UNESCO e em outras agências que se ocupam de alfabetização. Ele tende a se basear na forma de letramento do texto dissertativo, prevalecente em certos círculos ocidentais e acadêmicos, e a generalizar amplamente a partir dessa prática restrita, culturalmente específica. O modelo pressupõe uma única direção em que o desenvolvimento do letramento pode ser traçado e associa-o a “progresso”, “civilização”, Liberdade individual e mobilidade social”. (STREET, 2014, p. 44).

⁶ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC). Sua missão é subsidiar a formulação de políticas educacionais dos diferentes níveis de governo com intuito de contribuir para o desenvolvimento econômico e social do país.

O autor estabelece dois tipos de letramentos para situar dominação e emancipação. No modelo autônomo, a língua é vista como uma técnica a ser dominada, uma espécie de caminho a ser percorrido. Desta forma, seu objetivo restringe-se ao aparelhar o indivíduo para permanecer e atuar com civilidade na sociedade que já está posta e deve ser conservada. Observe-se o destaque conferido ao texto dissertativo, inclusive no Brasil, possui elevado prestígio linguístico, avaliativo e serve aos interesses classificatórios, dado seu peso no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o qual serve como referencial de seleção para ingresso em universidades e institutos de nível superior.

Novamente, aparece uma movimentação artificial disfarçada de prática linguística. Trata-se do mesmo princípio da prova objetiva, o indivíduo não tem a chance de se preparar para uma determinada interação linguística, uma vez que ele é apresentado ao tema já durante a avaliação. Sendo assim, precisa buscar em seu repertório linguístico e sua possível memória acumulada uma estratégia para dissertar ou divagar sobre um assunto.

A redação do Enem é um importante balizador da prática docente do ensino de língua portuguesa, há um imaginário, principalmente no contexto do ensino médio, de que a produção do texto dissertativo-argumentativo estruturado em uma redação de aproximadamente 30 linhas deve ser treinada exaustivamente para que o estudante possa obter bom resultado no ENEM e ingressar em uma instituição de ensino superior. Diante desse cenário, deve-se ter a consciência de que isso faz parte de um conjunto de ações homogeneizantes que engessam o estudo de nossa língua materna e engrossam a lista de gêneros escolares, mas, quase na totalidade das vezes, não ultrapassam os muros da escola.

Esses percursos da língua, sobretudo, no que tange à cultura ocidental, sugere que a língua continua servindo à manutenção de um sistema dominante. Mesmo assim, acredita-se que ela pode cumprir o papel de libertar o indivíduo da acomodação de pensamento; trata-se de projetar o Letramento “como uma prática ideológica, envolvida em relações de poder” (STREET, 2014, p. 17).

A partir do contato com o Modelo ideológico de letramento proposto por Street (2014), nota-se que a capacidade isolada de decodificação e uso da linguagem escrita, por mais que adequada à situação de aplicabilidade, não dá conta de transpor o indivíduo de um simples consumidor da cultura impregnada por detrás das letras. Tornando-o assim, um repetidor do pensamento dominante, isso o autor postula como

modelo autônomo de letramento, porque centra-se na preparação do indivíduo para o sistema.

Por outro lado, quando se pretende formar sujeitos de pensamento próprio, o que Street (2014) sugere em seu modelo ideológico de letramento é a obrigação de preparar o educando para interpretar e/ou produzir os discursos, tendo em mente que não existe lugar neutro. Há interesses envolvidos nos grupos sociais que emitem, reproduzem ou recebem a produção cultural; por isso, não é possível desenvolvê-lo com atividades que transitam apenas no meio escolar (metalinguísticas por exemplo).

Sendo que a essência da língua sempre foi seu uso social, agora, ainda com as tecnologias da informação, mais se amplia seu leque de possibilidades. Na sequência, verifica-se que o letramento digital “é ainda mais poderoso e empoderador do que o letramento analógico. É preciso incrementar nosso ensino [...] de acordo com essas novas circunstâncias” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 19).

2.3 Letramento digital

A capacidade de processamento de linguagem que a cognição humana possui é fantástica. Na alfabetização o aprendente vai posicionando as letras até que chega à leitura da palavra, no letramento alfabético e social ele aprende a reconhecer e a utilizar as palavras de acordo com o contexto no qual a produção textual está inserida, aqui aparece o Letramento Digital que, basicamente, “é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)” (COSCARELLI; RIBEIRO, 2005, p. 9).

Essa ampliação de contato com a escrita requer do indivíduo uma postura de desbravamento das máquinas, partindo do pressuposto de que toda máquina é uma invenção humana e, portanto, passível de sujeição ao seu domínio.

Precisamos dominar a tecnologia da informação, estou me referindo a computadores, softwares, Internet, correio eletrônico, serviços, etc., que vão muito além de aprender a digitar, conhecer o significado de cada tecla do teclado ou usar um mouse. Precisamos dominar a tecnologia para que, além de buscarmos a informação, sejamos capazes de extrair conhecimento. (PEREIRA, 2005, p. 17).

É pertinente essa assertiva de dominar a tecnologia da informação, pois, uma vez conhecedor dos elementos básicos o indivíduo passa a adaptar-se às evoluções,

novas versões com aprimoramentos, mas que mantém a arquitetura inicial. Acrescenta-se à extração de conhecimento referida anteriormente, o que Frade (2005, p. 60) diz sobre o letramento digital: “implica tanto a apropriação de uma tecnologia, quanto o exercício efetivo das práticas de escrita que circulam no meio digital.”

Letramento digital é a porção do letramento que se constitui das habilidades necessárias e desejáveis desenvolvidas em indivíduos ou grupos em direção à ação e à comunicação eficientes em ambientes digitais, sejam eles suportados pelo computador ou por outras tecnologias de mesma natureza. (RIBEIRO, 2008, p. 38).

Quando a autora menciona porção de Letramento, o faz de forma intencional para sinalizar que o Letramento atual seria composto de vários aspectos que agregados proporcionam atitudes do letrado de eficiência em sua comunicação, sendo que a parte digital possibilita êxito nos ambiente digitais, mas não deixa de fazer parte do letramento como um todo que deve ser oferecido na educação básica, no caso, o que está ocorrendo em função da internet é uma ampliação das possibilidades de uso.

A consolidação da web 2.0 (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 300) trouxe a democratização do acesso à internet e, conseqüentemente, promoveu uma migração das interações linguísticas que antes eram analógicos para o formato digital dada a agilidade proporcionada pelos meios digitais. Nesse sentido Xavier aponta que é:

Urgente que a Ciência da Linguagem venha também a marcar uma clara posição a respeito da chegada de tais tecnologias e seus efeitos na linguagem oral e escrita, no processamento da leitura e seus desdobramentos para o ensino e aprendizagem dessas modalidades de uso da língua. (XAVIER, 2002, p. 57).

O que Xavier sinaliza implica, em termos de educação linguística, que se realizem atividades que ajudem na construção dos letramentos digitais, os quais são compostos de: “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 17).

É necessário ponderar a intrínseca relação entre a habilidade de interpretar e a capacidade de abstração a partir da leitura. Se antes, o letramento tradicional (impresso e analógico) possibilitava uma considerável margem de interpretação dada a polissemia das palavras e a utilização figurada da linguagem, o que inúmeras vezes,

tornava necessária a pesquisa em dicionários. Como resistir agora, à possibilidade de navegar na rede, descobrir outras teias de informação, sendo que, tudo isso, está a um clique do interlocutor?

É preciso considerar o que diz um dos quatro pilares da educação propostos para o século XXI: “Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente ampla, com a possibilidade de estudar, em profundidade, um número reduzido de assuntos, ou seja: aprender a aprender” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2010, p. 31). Em meio a tantas informações esse fundamento será imprescindível, pois só assim poderá ocorrer o que o interacionista Jean Piaget conceituou como assimilação e acomodação, processos que uma vez equilibrados podem gerar o conhecimento.

Independentemente do estágio em que os seres humanos se encontrem a aquisição de conhecimentos, segundo Piaget, acontece por meio da relação sujeito/objeto. Esta relação é dialética e se dá por processos de assimilação, acomodação e equilíbrio. O dinamismo da equilíbrio acontece através de sucessivas situações de equilíbrio - desequilíbrio - reequilíbrio que visam, por assim dizer, "dominar" o objeto do conhecimento. (PADUA, 2009, p. 34).

Opta-se por mencionar a concepção Interacionista de aprendizagem porque a internet funciona como uma grande feira com incontáveis objetos de interesses do sujeito aprendente, todos em oferta. Isso exige que haja um substancial administração das prioridades, para que a assimilação que desestabiliza o sujeito seja benéfica para uma internalização (acomodação) e culmine com o equilíbrio em um nível superior de conhecimento acerca do objeto e sua relação com o que a pessoa já sabia. Pode-se dizer que letrado digital não é quem tem muita fluência no contato com objetos ou dispositivos digitais e, sim aquele que por meio da interação com o digital, capta o necessário para aplicar em seus projetos pessoais.

Ainda sobre os componentes dos letramentos digitais, os parágrafos anteriores falaram sobre atitudes individuais com implicações individuais, na sequência observa-se o compartilhar e criar sentido, os quais conferem um caráter social e, conseqüentemente de largo alcance, àquilo que o letrado digital emite. Se analfabeto funcional é quem não consegue interagir pela escrita, o seu correspondente digital é aquele que comunica de forma equivocada. Uma vez que, mais do que o papel, a internet recebe tudo, mas nem tudo passa impune.

A respeito dessa comunicação digital que envolve o social, é pertinente que se mencione a mediação encontrada nos postulados de Vygotsky (1993). O autor propôs a zona de desenvolvimento proximal, tendo esta como espaço de colaboração/intervenção entre o que o indivíduo sabe e já consegue externar qualificadamente e aquilo que ele tem potencial para realizar, desde que seja ajudado por mestres ou pares que já dominem aquele nível de conhecimento.

A possibilidade de informação automática tem levado a muitas produções imaturas, postadas, principalmente nas redes sociais. A mediação quase que inexistente, talvez, pela interface proporcionada pelos aplicativos de computador ou pelo sentimento de suficiência dos locutores. O fato é que se observa pessoas em geral, celebridades e, de uns tempos para cá, até mesmo, autoridades, expondo-se desastrosamente sem conhecimento necessário para uma postagem pública, o que permite concluir que não houve uma mediação que auxiliasse na construção de enunciados com mais propriedade no assunto⁷.

Constata-se que lhes faltou o “aprender a conviver” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2010, p. 31). Por isso, é necessário fomentar essa cultura de mediação com os estudantes na educação básica. Os quais, em alguns momentos ocuparão a função de produtores e em outros serão mediadores, porque nesses contextos de práticas sociais em ambientes digitais, é melhor expor o nível de letramento a uma pessoa do que para uma rede, na qual em poucos minutos, o prejuízo pode ser constrangedor.

Mesmo que muitos deles sejam experientes no uso de tecnologia para entretenimento e propósitos sociais, frequentemente precisam de orientação para usá-la no caso de objetivos profissionais ou educacionais e para desenvolver uma compreensão crítica das potencialidades e armadilhas tecnológicas. Como professores, temos um papel a desempenhar a transformação de nossos estudantes, daquilo que Gavin Dudeney chama de confortáveis com a tecnologia em usuários experientes da tecnologia das Ferramentas digitais. (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 26).

É muito apropriada a expressão “confortáveis com a tecnologia”, de fato, os avanços tecnológicos propiciaram aos jovens várias alternativas de entretenimento e contato virtual. Porém, quando o assunto é “aprender a fazer” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2010, p. 31), ou

⁷ Em nome da liberdade de expressão, não se pode dizer qualquer coisa em qualquer situação. (BRASIL, 2017, p. 68)

seja, utilizar a tecnologia para fins de trabalho, de produção, de resultado propriamente dito, falta instrumentalização, a qual vem como consequência direta da intervenção pedagógica.

Um professor como letrado digitalmente implica, portanto, dizer que esse sujeito não apenas (re)conhece os recursos tecnológicos que estão à sua disposição, durante sua atuação didático-pedagógica, mas principalmente se apropria deles, utilizando-os de forma coerente, reflexiva e criativa e, ao fazê-lo, ensina seus alunos a ler e a escrever em um ambiente diferente - o digital, que requer novas práticas de leitura e escrita, decorrentes da substituição do papel (texto impresso) pela tela (texto digital). (MARZARI; LEFFA, 2013, p. 4).

Neste trabalho, a sequência didática que prevê o envio de e-mails tem a ambição de unir o digital e o alfabético, lembrando que “a condição fundamental para a apropriação do letramento digital é a preexistência, concomitância e pleno domínio do letramento alfabético por parte do usuário” (XAVIER, 2002, p. 57). Acredita-se que esse domínio já esteja consolidado ao final do ensino fundamental e, por isso, quando os estudantes se depararem diante de gêneros textuais que circulam nas práticas escritas em ambientes digitais, haverá uma ressignificação do aprendizado escrito, permitindo uma imersão mais segura rumo ao que está no interior da comunicação digital.

Constata-se que as ferramentas digitais de interação ressignificaram a frequência, o conteúdo e o conhecimento mobilizado nas interações. A humanidade está diante da primeira geração de nativos digitais ou “geração internet” (TAPSCOTT, 2010, p. 20). Se a tecnologia for superficialmente analisada, a conclusão é que a atual geração de estudantes aprende por si a produzir discursos nos ambientes digitais.

No entanto, “estudos empíricos demonstram que a noção de uma geração digitalmente competente homogênea é mito” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 19). Para isso, a maioria dos nativos digitais deveria ter acesso pleno às tecnologias digitais, não é o que ocorre, há jovens que dominam a navegação, o tratamento das informações e até mesmo elementos de programação, mas são poucos, diante de uma grande massa que apenas consome produtos digitais, sem obter benefícios para seu desenvolvimento intelectual, social e profissional. Ao ler as produções escritas dessa geração internet, percebe-se que o fator digital ainda não potencializou, de forma generalizada, a capacidade de organização do pensamento para a linguagem e, isso, pode levar muito tempo a concretizar-se. Os autores citados destacam que:

Fatores óbvios como posição socioeconômica, nível de educação e localização geográfica, assim como fatores menos óbvios como gênero, raça e língua, têm grande impacto tanto no acesso quanto nas habilidades digitais, criando uma crescente Muralha digital. (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 26).

Dos fatores mencionados, com exceção da localização geográfica que pode inviabilizar o acesso à internet, por conta da distância em relação às redes e, portanto, não depende das condições de renda de uma família. Os demais podem ser relacionados com a pobreza e a riqueza. Pois, a realidade socioeconômica é o fator mais determinante em termos de acesso aos produtos tecnológicos de última geração. Dificilmente, aqueles que vivem nas famílias de classes sociais mais baixas conseguem manipular os aplicativos que estão no auge. Belloni e Gomes (2008, p. 734) dizem que:

A observação de situações cotidianas mostra, contudo, que nem todos têm a mesma facilidade para efetuar tais gestões em paralelo. Podemos admitir a hipótese de que o uso precoce e lúdico das TIC contribui fortemente para o desenvolvimento desta importante habilidade cognitiva, indispensável para a vida nas sociedades contemporâneas altamente tecnificadas.

As gestões em paralelo, mencionadas por Belloni e Gomes, tem a ver em lidar com vários aplicativos ao mesmo tempo e também fazem parte dos recursos do letrado digital. Constituindo-se em uma habilidade cognitiva é “privilégio daquelas crianças mais favorecidas, que têm acesso domiciliar às TIC, é forçoso concluir que este acesso desigual pode gerar profundas desigualdades, inclusive no próprio desenvolvimento cognitivo (BELLONI; GOMES, 2008, p. 734).

Essa triste percepção, da existência de uma “muralha” digital e de um atraso no desenvolvimento cognitivo tem que ser um motivador a mais, para a transformação da sala de aula da escola pública em um ambiente propício à construção do letramento digital, uma vez que:

Ao desenvolver projetos educativos mais adequados, incorporando as TIC e incluindo aquelas crianças com dificuldades, de modo a assegurar-lhes aprendizagens significativas, a escola estará contribuindo para atenuar as desigualdades sociais e para minimizar o abismo existente entre uma cultura de elite amplamente “digitalizada” e uma nova “cultura do pobre”, excluída da cultura letrada e dos novos saberes trazidos pelas novas tecnologias. (BELLONI; GOMES, 2008, p. 735).

Quando se fala em crianças com dificuldades, incluímos nesse contingente: as economicamente desfavorecidas; as que possuem dificuldade específicas de aprendizagem em razão de atraso, patologia ou disfunção cognitiva; as que possuem deficiência visual, auditiva, múltipla ou física que interfira na acessibilidade, mobilidade e/ou na capacidade de resposta motora (exemplo: escrever no caderno) etc.

Para esses sujeitos aprendentes, o domínio da tecnologia digital, além de potencializar uma futura carreira profissional, pode desencadear um processo emancipatório que contribuirá para a elevação da autoestima, da cidadania e, conseqüentemente, da inclusão social.

Se a “difusão das TIC em todas as esferas da sociedade tende a aprofundar as desigualdades sociais e a defasagem entre a escola e as crianças e adolescentes, cujas culturas e novas demandas a escola está ignorando” (BELLONI; GOMES, 2008, p.735). Cabe à escola reformular seu currículo e ampliar sua esfera de interação.

Há uma dinâmica linguística do mundo globalizado que circula nas plataformas digitais etc. Inclusive como ferramenta de trabalho e/ou veículo de comunicação oficial, são os ventos da cibercultura (LÉVY, 1999). Desde o envio de um currículo em busca de emprego em uma empresa, a até mesmo um agendamento para o seguro social no Brasil, são realizados apenas por via Digital. Acumulam-se as ações e políticas públicas que, cada vez mais, colocam à margem da sociedade o indivíduo que não interage com consciência linguística e digital.

Nestes dois subcapítulos tratou-se de letramentos, priorizando assim, a preocupação com a preparação linguística e digital do cidadão brasileiro, o qual já convive, há séculos, com a desigualdade social e até mesmo a discriminação em função de sua condição econômica e sua adequação à cultura dominante. Na sequência, vislumbra-se o que espera os jovens e crianças em termos de realidade e perspectiva global, em função dos avanços das tecnologias da informação e comunicação.

2.4 Cibercultura e o surgimento do E-mail

Desde a invenção da imprensa por Johann Gutenberg no século XV, as tecnologias que envolvem a linguagem escrita vêm estabelecendo um parâmetro cultural para a humanidade. A impressão de livros em larga escala fez desabrochar muitos pesquisadores, autodidatas, cientistas e teóricos em geral etc. Esses

precursores foram influenciando as gerações posteriores, até que êxitos científicos, principalmente nas áreas da física e matemática, nos fizeram chegar ao que hoje chamamos de informação automática (informática).

Assim como os livros impressos desencadearam uma revolução cultural que ficou fortaleceu o Renascimento. A informática proporcionou novas formas de obtenção, tratamento e divulgação da informação, ocasionando mudanças na forma de pensar e agir. Analisa-se aqui, a partir dos pressupostos de Pierre Lévy (1999), o nascimento e propagação da Cibercultura⁸, a qual pode ser considerada como o resultado da convivência, da experiência humana no ciberespaço.

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999, p. 17).

Portanto, o ciberespaço é a rede, mas essa rede não se resume a armazenadores, condutores e processadores. Se fosse uma rede de água haveria a fonte, a canalização e o artefato de saída, no caso da eletricidade seria o gerador, os cabos de transmissão e também o dispositivo de saída, portanto uma relação linear com um único sentido. A diferença é que o ciberespaço funciona em ambos os sentidos, pode ser usado para receber ou para enviar, inclusive simultaneamente.

A conexão, ou interconexão mundial de computadores, é o que definem, hoje, como Internet. Segundo Lévy (1999), ela nasceu para atender aos interesses estratégicos do exército americano de acessar computadores de forma descentralizada, mas em seguida, os pesquisadores passaram a testar outras formas de comunicação e daí surgiu o e-mail. Foi algo que ocorreu "casualmente" "[...] nos computadores do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (ARPANET)" (MARSCUSCHI; XAVIER, 2010, p. 45). A história relata que:

O e-mail, ou mensagem eletrônica, surgiu em 1971, quando Ray Tomlinson enviou a primeira mensagem de um computador para outro, utilizando o programa SNDMSG que ele acabara de desenvolver. De fato, ele enviou várias mensagens testes. Segundo ele as mensagens testes foram

⁸ "cibercultura" especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 17).

totalmente esquecidas. Muito provavelmente, a primeira mensagem foi QWERTYIOP ou algo semelhante. [...] O primeiro uso do correio em rede, diz Tomlinson, anunciou sua própria existência. Além do SNDMSG, programa para enviar e-mails, Tomlinson também desenvolveu o READMAIL para sua leitura. (CAMPBELL, 1998 *apud* PAIVA, 2010, p. 86).

Essa primeira mensagem exitosa fez do e-mail, o aplicativo precursor da era digital. No subcapítulo dedicado ao estudo de suas características, observa-se que sua organização inicial foi tão bem arquitetada que ele continua vigoroso até os dias de hoje e, com perspectiva de manter-se como ferramenta básica de imersão de um indivíduo na aldeia global⁹, proporcionada pela cibercultura. Sendo que:

Bem antes da popularização do e-mail, McLuhan (1972), na década de 60, cunhou o termo “aldeia global” em decorrência das transformações geradas pela mídia eletrônica e a conseqüente “recriação” do mundo. Agora transformado em uma aldeia em função da velocidade e da simultaneidade, o mundo se conecta de forma multimídia e multissensorial e as distâncias entre os homens vão se reduzindo. Sua afirmação de que “o meio é a mensagem” nunca foi tão verdadeira. De fato, no caso do correio eletrônico, não é a mensagem que transforma o homem, mas o meio. O surgimento do correio eletrônico dividiu a sociedade entre os “com internet” e os “sem internet” e o endereço eletrônico passou a fazer parte dos dados pessoais de qualquer cidadão com maior inserção social. (PAIVA, 2010, p. 90).

A autora foi radical ao concordar com McLuhan no sentido de que o meio é a mensagem. Castells (2003, p. 7) converge nesse sentido ao escrever que “a rede é a mensagem”. Pode até ser um exagero, do ponto de vista de que a mensagem é resultado da produção cognitiva, cultural e, por vezes, até especializada de um ou mais seres humanos. Porém, nossa leitura, aqui, é para perceber a amplitude de desta nova ordem cultural - Cibercultura- que privilegia, enfatiza, valora bem mais aquilo que é construído para ser socializado na rede.

Esse entusiasmo não ocorre por acaso, até a proliferação da internet, havia uma demanda sufocada de liberdade de expressão e sede de conhecer novos conteúdos, sem restrição de tempo e espaço. Sendo que a grande característica da primeira onda midiática¹⁰ foi o isolamento em relação aos receptores da comunicação, informação ou entretenimento. Ela produziu o que entende-se por cultura de massa, o público não faz parte do espetáculo, ele passa a ser apenas um receptor passivo.

⁹ Registra-se que a expressão “aldeia global” é anterior à internet e já se referia às consequências da mídia eletrônica.

¹⁰ Lévy (1999) considera que: “É preciso conceder, também, a McLuhan o mérito de ter descrito, pela primeira vez, o caráter das sociedades midiáticas”.

Aproveitando essa passividade do receptor, a mídia foi (de)formando culturalmente a humanidade no século XX, principalmente, através da televisão, ela estabeleceu padrões de vestimenta, bens de consumo, de família, de divisão de classes, de vocabulário. Certamente, os poderosos da comunicação não iriam planejar uma forma democrática de interação, mas eles não contavam que:

Entre 1990 e 1997, a principal revolução na comunicação digital planetária veio de uma pequena equipe de pesquisadores do CERN, em Genebra, que desenvolveu a World Wide Web. É o movimento social da cibercultura que fez da Web o sucesso atual, propagando um dispositivo de comunicação e de representação que correspondia a suas formas de operar e a seus ideais. (LÉVY, 1999, p. 225).

Castells confirma Lévy ao dizer: “o que permitiu à Internet abarcar o mundo todo foi o desenvolvimento da WWW (CASTELLS, 2003, p. 17). Para Lévy: “a emergência do ciberespaço acompanha, traduz e favorece uma evolução geral da civilização” (LÉVY, 1999, p. 25). Essa emergência é consequência da necessidade que os jovens da cidade tiveram de “interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva” (LÉVY, 1999, p. 123). A internet não se concretizou por atuação de grandes corporações existentes na época, portanto, ela não foi um produto solicitado, mas, obviamente, também passou a despertar o interesse do capital financeiro.

Segundo Lévy (1999) o número de serviços de forma paga seguirá uma crescente na internet, mesmo assim, não superarão a oferta de ferramentas gratuitas, pois, continuará existindo a disponibilização de inovações oriundas da produção acadêmica, das agências públicas de pesquisa, das organizações sem fins lucrativos (ONGS), dos próprios usuários e desenvolvedores de softwares livres. “Não há sentido em opor o comércio de um lado e a dinâmica libertária e comunitária que comandou o crescimento da Internet de outro. Os dois são complementares, para desgosto dos maniqueístas.” (LÉVY, 1999, p. 11).

Seguindo no assunto serviços, até aqui, discutiu-se sobre a web em seu surgimento, nos próximos parágrafos descobre-se que lhe foram atribuídos dígitos para sinalizar sua evolução: web 1.0, web 2.0 e web 3.0, por enquanto. Com base em Koo (2011) verifica-se que web, nascida no CERN em Genebra é a pioneira e, portanto, a mais revolucionária, ela colocou as pessoas na rede. Para Tapscott (2010, p. 29), “a velha rede era algo em que você navegava em busca de conteúdo”.

A partir de Koo (2011) extrai-se alguns de seus destaques: a popularização do computador pessoal, com destaque para o Windows e sua interface convidativa; a proliferação de aplicativos de uso no cotidiano das organizações ou pelo usuário comum, exemplo pacote Office; a liberação da rede para usuários comuns etc. Ela foi a responsável pela passagem do analógico ao digital, graças a sua capacidade de transferência de dados. Friso que o e-mail foi a ferramenta símbolo dessa fase.

Tivemos uma visão profética do futuro da própria internet. Enquanto os adultos usavam a internet para ver páginas da rede, os jovens que estudamos usavam a internet para se comunicar com os amigos. Suas experiências on-line eram o núcleo do que se tornaria a Internet 2.0 — uma plataforma de comunicação totalmente nova e revolucionária. (TAPSCOTT, 2010, p. 29).

O que Tapscott estava vislumbrando era o surgimento das, hoje, famosas redes sociais. Estava mudando o paradigma da informação para o da interação em rede. Isso significa que os internautas já permaneciam um tempo suficiente para que outros aplicativos fossem testados e desenvolvidos. A possibilidade de conhecer, nesse momento da história, não mais se resumia a informações e sim a interagir com outras pessoas: sem a dificuldade da distância, sem a necessidade de estabelecer a confiança até o ponto de sair junto ou frequentar a casa um do outro, mas com a liberdade de poder a qualquer momento extinguir o contato.

A liberdade de decidir a profundidade e duração da interação, foi um convite à imersão na Web 2.0, porque “a nova rede é um meio de comunicação que permite que as pessoas criem seu próprio conteúdo, colaborem entre si e construam comunidades. Tornou-se uma ferramenta de auto-organização” (TAPSCOTT, 2010, p. 29).

A partir de Reilly (2005) *apud* Koo (2011) vejamos alguns avanços da Web 2.0: Sua condição de plataforma, ela oferece uma base para construção e veiculação da produção dos internautas, exemplo YouTube; conexão com a inteligência coletiva, exemplo os links; a melhoria contínua nos softwares sem a necessidade de substituição, exemplo atualização de aplicativos; programação mais simples; possibilidade de utilização dos softwares não se restringe mais ao computador; etc.

Segundo Koo (2011) até mesmo os navegadores que na fase 1.0 serviam apenas para conectar aos sites pretendidos pelo usuário, passaram a disponibilizar ferramentas digitais que dispensam a necessidade de ter vários aplicativos instalados no computador pessoal. A Web 2.0 ocupou-se em oferecer possibilidade de produção

e comodidade para o usuário que pode realizar tarefas e, ao mesmo tempo, receber notificações de suas redes sociais, aviso de chegada de e-mail etc.

Agora, o acesso de banda larga à internet é onipresente; os iPods estão em toda parte; telefones celulares podem navegar na rede, captar coordenadas GPS, tirar fotos e trocar mensagens de texto; e sites de redes sociais como o Facebook permitem que a Geração Internet monitore cada movimento de seus amigos. (TAPSCOTT, 2010, p. 28).

Essa possibilidade de monitoramento não ficou limitada ao interesse dos internautas. Chegamos à Web 3.0, entre suas características está o monitorar, processar e ofertar alternativas. Segundo Koo (2011) a Web 3.0 procura conectar conhecimento e para isso vale-se da semântica, pois pretende a partir mapeamento de como o usuário pensa (ou seja, o sentido que ela dá para as coisas), oferecer-lhe produtos digitais, visando sua satisfação, sua permanência e, como finalidade máxima o consumo de bens ou serviços.

Até a Web 2.0 era como se os usuários assumissem o comando da comunicação, agora, os internautas continuam sendo muito importantes e valorizados, suas publicações, sua capacidade de abastecer a rede é decisiva. Mas a interação já não é determinada pelo ato empírico de pesquisa ou de preferência do usuário, há, claramente, uma influência no pensamento, na decisão de agir, ocasionada pela oferta visual e/ou sonora, produzida pela inteligência artificial. O quanto antes percebe-se isso, melhor transita-se por esse oceano de informações e interesses em jogo.

Atualmente, a internet não é mais um ambiente livre, imparcial e sem fins lucrativos. Por outro lado, os cidadãos também querem participar de grandes redes sociais que, no fundo, visam ao lucro. Além disso, têm e-mails em empresas que sabidamente leem o seu conteúdo e usam serviços globalizados que podem ser monitorados por governos no exterior. O desafio é como equacionar tudo isso em uma internet que seja viável, acessível e justa para todos. (BRASIL, 2015, p. 17).

A afirmação de que as grandes redes sociais visam o lucro financeiro é a realidade da Cibercultura, uma vez que ao captar muitos seguidores, oferece consumidores para serem explorados comercialmente. Mesmo assim, isso não invalida as vantagens da rede. Segundo Lévy (1999, p. 231) “O crescimento da cibercultura é alimentado por uma dialética da utopia e dos negócios, na qual cada

um joga com o outro sem que haja, até o momento, um perdedor. O comércio não é um mal em si”.

Lévy (1999, p. 248) nos mostra sob um ponto de vista filosófico que a humanidade viveu a maior parte de sua história na cultura da oralidade, com uma totalidade (limitada a um contexto) que não continha elementos de universalidade. Com a chegada da cultura impressa foi estabelecido o que o autor chama de “universal totalizante”.

Com a expansão da Cibercultura, a universalidade ganha macro amplitudes, é possível se obter a “verdade”, por meio de pesquisas em vários espaços virtuais, idiomas, processos de simulação, mapeamentos ou cruzamento de dados, etc. “A nova universalidade¹¹ não depende mais da autossuficiência dos textos [...] Ela se constrói e se estende por meio da interconexão¹² das mensagens” (LÉVY, 1999, p. 15).

2.4.1 Cuidado na rede

Elenca-se neste texto, a tendência praticamente irreversível da expansão da Cibercultura, considerando-a em alguns momentos como uma evolução da sociedade. Lendo Ferreira (2007), a qual escreveu acerca de crimes cibernéticos, percebe-se outras implicações relacionadas à globalização da economia, à proliferação de práticas digitais nocivas etc. Em suas palavras:

Um grande facilitador criminológico é o fato de que a internet também não tem presidente, diretor executivo, mandatário não existe a figura de uma autoridade máxima, não está sob controle de nenhuma empresa, pois nada governa a internet, é o ápice da Liberdade humana. Portanto, cada rede integrante da internet e seus internautas possuem regras próprias de bom-senso, ética, moral, equilíbrio, uma verdadeira Torre de Babel de linguagem única! (FERREIRA, 2007, p. 81).

Se por um lado a Cibercultura proporcionou a democratização de acesso à informação, a eliminação de distâncias para a interação e a possibilidade de uma

¹¹ A chave da cultura do futuro é o conceito de universal sem totalidade. Nessa proposição, "o universal" significa a presença virtual da humanidade para si mesma. (LÉVY, 1999, p. 247).

¹² O horizonte de um ciberespaço que temos como universalista é o de interconectar todos os bípedes falantes e fazê-los participar da inteligência coletiva da espécie no seio de um meio ubiqüitário. (LÉVY, 1999, p. 247).

comunicação independe de recursos financeiros; por outro, ela favoreceu, também, os vilões, os golpistas e outros marginais que se aproveitam da possibilidade de anonimato, falsa identidade e difícil punibilidade dos atos ilícitos.

Uma vez que este estudo visa o processo educativo, é importante pensar, enquanto formadores de opinião, na necessidade de os professores e/os responsáveis pela educação de crianças e jovens introduzirem aspectos éticos e morais para o uso da internet. A falácia de que na rede pode tudo, ou tudo é permitido, tem conduzido muitos internautas ao submundo do crime. Vejamos, a seguir, uma nota técnica do Ministério Público Federal (MPF), a qual relata que em quinze anos de acompanhamento da movimentação na internet:

Verificou-se um aumento exponencial na quantidade e sofisticação no cometimento dos delitos cibernéticos, com a migração de delitos comuns como fraudes, estelionatos, ameaças e extorsões (ransomware) para o meio digital que não têm encontrado nem capacitação para o seu combate, nem ferramentas jurídicas aptas a permitir a persecução penal efetiva, aumentando a insegurança da vida diária e dificultando a prevenção. (BRASIL, 2017, p. 1).

Práticas como piratear filmes, músicas ou programas etc. são introdutórias à falsificação de produtos, fraudes, captura indevida de dados sigilosos, invasão de privacidade, etc. Isso sem tocar em temas atrelados à exposição indevida da figura humana onde entra pornografia, incentivo à pedofilia, montagens falsas para denegrir a imagem pública de uma pessoa, ou coisa pior como essa notícia:

Circula nas redes sociais um vídeo propondo um — perigoso — jogo. O “desafio do desodorante”, que vitimou uma criança de 7 anos no último sábado (3), incentiva espectadores a inalarem gás de desodorante aerossol pelo maior tempo que conseguirem. (O QUE..., 2018).

Algumas dessas implicações têm exposto, sobretudo as crianças, a um perigo eminente de sofrerem danos em seu processo maturacional. Se considerarmos os estágios de desenvolvimento intelectual no estudo interacionista de Jean Piaget (MARQUEZAN, 2005), tem-se que a criança até os sete anos não consegue separar totalmente o que é realidade e o que é fantasia. Imagine se conseguirá separar o que é virtual, daquilo que é real?

Sem orientação somada ao controle, os infantes são facilmente capturados pelos atrativos digitais de última geração. Por isso, cada vez mais, configura-se que a

mediação de adultos será decisiva para que a Cibercultura forneça mais benefícios do que prejuízos à humanidade. É necessário educar o adolescente, a criança hoje, para que no futuro saibam conduzir sua prole nessa imersão digital a que estarão propensos.

Os adultos com mais de trinta anos, lembram que o ataque às torres Gêmeas foi combinado pela internet e, isso levou à mudança de protocolo de segurança em vários organismos da comunidade internacional. A Convenção de Budapeste foi precursora em estabelecer um regramento jurídico para proteção dos menores de idade, da propriedade intelectual, da privacidade, das informações sigilosas etc.

Em 23.11.2001, após o episódio terrorista de 11 de Setembro, A Comunidade Europeia editou convenção sobre o Cibercrime, ocorrida em Budapeste, Oportunidade em que estabeleceu conceitos básicos de direito material e processual [...] Considerando a sua principal característica - a transnacionalidade. (FERREIRA, 2007, p. 118).

A Cibercultura é atravessada por uma constante dicotomia: se há a liberdade total pretendida por seus idealizadores ocorre a prática deliberada de crimes. Se há muitas restrições, ela deixa de cumprir a finalidade de ser autônoma, democrática, esse espaço de lutas e conflitos de ideias que não se impõem de cima para baixo, mas é fruto do próprio contato horizontal com os diferentes, onde a diferença é valorizada.

O pai da web não tem dúvidas: com tantos sites solicitando dados pessoais em troca de acesso ao conteúdo, perdemos o controle do que é feito com essas informações. E ele também se preocupa com a vigilância governamental dos movimentos online dos cidadãos. Na visão dele, isso cria um clima de desencorajamento à liberdade de expressão e limita o uso da internet para debates de tópicos importantes, como doenças mentais e sexualidade. (MARASCIULO, 2019).

A matéria se refere ao cientista da computação Tim Berners-Lee que é considerado o criador da Web. Ele observa com desconfiança essa crescente exploração comercial em troca de acesso a conteúdo e, de fato, a que se ter muito cuidado no fornecimento de informações pessoais e financeiras. Quanto à vigilância, há que se ter consciência de que tanto governos quanto organizações privadas acompanham a movimentação dos internautas, o que pode ser bom ou ruim

dependendo de quem é o internauta. Isso implica em uma reflexão na forma como cada um interage no ciberespaço.

No decorrer desta pesquisa apresenta-se como reflexão aos interlocutores: a notícia de que a era dos textos digitais chegou e seu aprendizado é tão importante quanto o da língua impressa; o fato de que a rede de computadores não é um lugar inofensivo ou neutro e; a necessidade de que isso seja tratado na aula de língua portuguesa. Inclusive a proposta do trabalho, que é adentrar no universo das comunicações a partir do correio eletrônico, vai ao encontro da perspectiva protecionista desenvolvida nesta parte teórica, pois há o entendimento, que os adolescentes que cursam o ensino fundamental ainda não estão maduros para absorverem somente as partes boas da comunicação em rede.

2.4.2 Modos de relação e interação na Cibercultura

O ciberespaço é um convite a acessar e explorar diferentes contextos e, também conhecer muitas pessoas. Para que isso não ficasse à deriva, surgiram as comunidades virtuais¹³, alocadas em plataformas como o Facebook, as quais, a partir de interesses em comum, reúnem adeptos que abastecem com informações (experiências ou novidades) o ambiente virtual. Dependendo da imersão do internauta nessas comunidades, observa-se que:

Com a ascensão da internet, de alguma maneira, as diferentes características locais específicas dos jovens estão sumindo. Sim, países e regiões ainda terão culturas próprias e características independentes, mas cada vez mais jovens em todo o mundo estão se tornando muito parecidos. (TAPSCOTT, 2010, p. 36).

A convergência de interesses em um determinado campo de interação digital, molda o perfil de seus usuários e, acaba influenciando bem mais do que a cultura tradicional que circunda o indivíduo, pois enquanto o contato físico está ao alcance em determinados espaços de tempo e lugar, a interação virtual é por imersão e influencia diretamente a forma de pensar das pessoas conectadas.

¹³Comunidade virtual é um grupo de pessoas se correspondendo mutuamente por meio de computadores interconectados. (LÉVY, 1999, p. 25).

Há muitos motivos para acreditar que o que estamos vendo é o primeiro caso de uma geração que está crescendo com conexões cerebrais diferentes das da geração anterior. Há cada vez mais evidências de que os integrantes da Geração Internet processam informações e se comportam de maneira diferente porque de fato desenvolveram cérebros funcionalmente diferentes dos de seus pais. (TAPSCOTT, 2010, p. 42).

Estudava-se na pedagogia e na psicologia da educação, as várias formas como o indivíduo aprende, tendo por base que o processo mental se dava de forma semelhante. Agora, há indícios de que a própria atividade cerebral desta geração é diferente da nossa. “A Internet incentiva ações novas que permitem profundas mudanças sociais, de um lado, e o surgimento de novos modos de operação cognitiva, de outro lado” (MARCUSCHI, 2005, p. 10). Nos próximos parágrafos, encontram-se algumas características que ajudam a compreender como eles pensam.

Em Tapscott (2010, p. 95-117) encontram-se “oito normas da Geração Internet”, as quais se considera tanto como consequência do contato intenso com a tecnologia digital como também uma tendência de movimentação, principalmente da juventude, no ciberespaço. Quatro delas ligadas basicamente à satisfação egocêntrica: **Liberdade** para escolher o que quiserem, inclusive no que tange ao trabalho; **Customização** tem a ver com algo que seja personificado para o indivíduo; **Velocidade** que está relacionada a obter tudo rapidamente sem levar em conta os processos envolvidos e; o **Entretenimento** que é sinônimo de prazer pessoal.

Duas normas ou características são muito bem-vindas: o **Escrutínio** aponta para o conferir a informação, construir conhecimento sobre algo e; a **Integridade** que abriga valores morais como honestidade e responsabilidade social. Entende-se que isso seja uma consequência dessa interação global no ciberespaço. As duas restantes apontam tendências de utilização da internet: para a **Colaboração** que está atrelada a participar de construções de conhecimento de forma coletiva e a **inovação** que é um dos maiores atrativos para a permanência do usuário na rede.

Essas oito características são vias de mão dupla, ou seja, ao mesmo tempo em que os nativos digitais pensam e agem para que liberdade, customização, velocidade, entretenimento integridade, colaboração, inovação e escrutínio sejam uma realidade em seu favor. É natural que o indivíduo da geração internet também, seja cobrado dentro dessa norma, tanto por seus pares quanto pelos analógicos que ainda restam. Chama a atenção que este senso de mutualidade nem sempre é considerado.

Muitos integrantes da Geração Internet não percebem que as informações privadas divulgadas em sites de rede social como o Facebook podem prejudicá-los quando se candidatam a um emprego importante ou a um cargo público. (TAPSCOTT, 2010, p. 101).

Nesta citação o autor menciona um exemplo do que acontece na democracia do ciberespaço. Expor-se significa abrir-se tanto para o aplauso quanto para a crítica coletiva. Lévy nos mostra que a interação digital pode gerar:

[...] isolamento e sobrecarga cognitiva (estresse pela comunicação e pelo trabalho diante da tela); [...] dependência (vício na navegação ou em jogos em mundos virtuais); [...] bobagem coletiva (rumores, conformismo em rede ou em comunidades virtuais, acúmulo de dados sem qualquer informação. (LÉVY, 1999, p. 27).

Neste trabalho de linguística não cabe aprofundar essas questões que reportam a consequências psicológicas muito sérias, mas fica o registro que é importante para os educadores e formadores de opinião, os quais tiverem acesso a esta dissertação levarem em conta esses possíveis desdobramentos da imersão nas redes digitais.

2.4.3 Ensino, aprendizagem e profissionalização em meio à Cibercultura

A internet trouxe várias contribuições para a educação, mas sem dúvida, a principal delas foi a democratização do acesso às informações. A informação é matéria-prima para construção de conhecimento teórico. Oliveira (2012, p. 8) diz que:

Conhecimento remete, imediatamente, à pesquisa, por isso, a utilização da internet, para ir além do senso comum, para investigar se as informações tradicionais constantes nos discursos, livros didáticos ou apostilas coincidem com a realidade.

Segundo Moran (2008, p. 23) “o conhecimento acontece quando algo faz sentido, quando é experimentado”. Lévy (1999) aponta outra forma de conhecimento - a simulação - que é proporcionada pela cibercultura. Segundo o autor ela “não advém nem da dedução lógica nem da indução a partir da experiência” (LÉVY, 1999, p. 157).

Trata-se de uma tecnologia intelectual que amplifica a imaginação individual (aumento de inteligência) e permite aos grupos que compartilhem, negociem e refinem modelos mentais comuns, qualquer que seja a complexidade deles

(aumento da inteligência coletiva). -se compartilháveis e assim reforçam os processos de inteligência coletiva [...].

A simulação é uma das possibilidades oferecidas pelo ciberespaço e com a propagação do que Lévy denomina de inteligência coletiva a sociedade terá que conviver e aprender a interagir com essa ferramenta cognitiva, naturalmente absorvida pela geração internet.

Superada a questão de domínio da tecnologia, a responsabilidade do professor volta-se para a preparação de sua prática pedagógica [...] essa precisa ser atrativa e estimuladora de atitudes investigatórias no educando, deve levar em conta a disponibilidade de aplicativos, programas específicos e, principalmente, da internet enquanto recurso ágil em ações de pesquisa. (OLIVEIRA, 2012, p. 7).

A realidade é que “as crianças e os jovens, não apreciam a demora, querem resultados imediatos. Adoram as pesquisas síncronas, essas que acontecem em tempo real e que oferecem respostas quase instantâneas” (MORAN, 2000, p. 20). Lévy (1999, p. 157) diz que “perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século”. Sendo assim:

As aulas expositivas de caráter conteudista, com exercícios de pura repetição e avaliações apenas quantitativas, embora atendam aos interesses das autoridades governamentais, não fazem frente ao avassalador contexto digital que se apresenta às crianças e aos adolescentes. (OLIVEIRA, 2012, p. 2).

Por outro lado, observa-se que:

Rapidez na obtenção da informação não significa maior abstração, o educando precisa de um mediador que o conduza à reflexão crítica; sendo que nesse processo o professor não figura como detentor principal do conhecimento e sim como pesquisador experiente capaz de instigar os alunos a duvidarem das verdades prontas. (OLIVEIRA, 2012, p. 8).

Percebe-se com base no estudo da Cibercultura (LÉVY, 1999) que o desafio da escola como agência formal de ensino é reinventar-se como espaço colaborativo de aprendizagem e desenvolvimento de inteligência coletiva. Até porque, como vimos no decorrer deste capítulo, a Cibercultura está em evolução, ainda longe da estabilização, ela chega a ser perigosa se não for trabalhada desde a base (família e

escola), já alterou a forma de pensar desta geração internet e modificou as relações de trabalho como constata-se a seguir:

O velho esquema segundo o qual aprende-se uma profissão na juventude para exercê-la durante o restante da vida encontra-se, portanto, ultrapassado [...] a própria noção de profissão torna-se cada vez mais problemática. Seria melhor raciocinar em termos de competências variadas das quais cada um possui uma coleção particular. As pessoas têm, então, o encargo de manter e enriquecer sua coleção de competências durante suas vidas. Essa abordagem coloca em questão a divisão clássica entre período de aprendizagem e período de trabalho. (LÉVY, 1999, p. 175).

Se a escola (desde a educação infantil ao ensino superior) aceitar que é preciso preparar o educando para uma aprendizagem no decorrer da vida, seus esforços serão muito valiosos. É uma questão de metanoia, deixar de ostentar o discurso de formar pessoas para um caminho específico e torna-se colaboradora da jornada de aprendizagem de um indivíduo que, segundo Lévy (1999), aprende na escola física, mas, também aprende a distância, aprende nas atividades econômicas e sociais etc.

Tudo isso é consequência da consolidação da cibercultura. As afirmações técnicas podem ser confirmadas em um curto intervalo. Por exemplo: um médico prescreve uma medicação ao paciente, ele acessa um mecanismo de busca na Web para conferir os efeitos daquela substância e, aí identifica um erro grave? Aquele saber hegemônico, agora pode desmoronar, depois de alguns cliques na tela de um telefone celular.

Pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira [...]. Trabalhar quer dizer, cada vez mais, aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos. [...] o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas. (LÉVY, 1999, p. 157).

Segundo Lévy, entre as funções cognitivas influenciadas destaca-se a ampliação da memória que já não é apenas cerebral, mas está alocada em banco de dados digitais acessíveis remotamente a qualquer indivíduo letrado digitalmente. A resignificação da imaginação por meio das simulações, a percepção por conta da realidade virtual e o raciocínio por conta inteligência artificial.

O prenúncio de Lévy, no final da década de 1990, acabou se concretizando, o exemplo do médico e paciente, poderia ter acontecido com qualquer profissional nos

mais diversos campos da atividade humana, não existe mais o saber absoluto em se tratando de ciência. Aliás, o método científico sempre procurou deixar em aberto a possibilidade de revisão do conhecimento. Acontece que com a proliferação da cibercultura isso está se tornando uma prática diária. Com o smartphone na mão por que ficar em dúvida?

Cada situação da vida acaba se tornando um problema científico, um motivo para construir um novo conhecimento e, isso se estende tanto às atividades escolares quanto às laborais e, conseqüentemente, a tudo que a curiosidade humana instigar. Nessa perspectiva, a linguagem como faculdade mental, assume papel, ainda mais relevante, pois se nos primórdios da humanidade ela acomodava as experiências orais e empíricas, no segundo estágio, acrescentaram-se os registros escritos, empíricos, neste terceiro é acrescida a possibilidade de convergência das experiências (empíricas e teóricas), dos saberes (acadêmicos e práticos), do oral e do escrito, do analógico e do digital. Por mais extenso que pareça tudo isso pode estar presente em um único texto, esquema, artefato ou produção intelectual.

2.5 Linguagem contextualizada

As páginas a seguir, trazem à discussão o uso da língua escrita de um modo contextualizado, ou seja, organizado na forma de texto, intencionalmente voltado para uma comunidade de interlocutores que reconhecem seu conteúdo, sua composição, seu estilo – os famosos gêneros - eles abrigam sequências tipológicas de base, variedade linguística e princípios de monitoração. Para tal, recorre-se a autores que têm contribuído na constituição dos rumos dos estudos linguísticos no Brasil.

2.5.1 A importância do texto

A respeito de texto, Marcuschi (2008, p. 23) enfatiza que “todo uso autêntico da língua é feito em textos produzidos por sujeitos históricos e sociais de carne e osso, que mantêm algum tipo de relação entre si e visam a algum objetivo comum”.

Ele pode ser estritamente verbal, como também pode ser observado com os signos na forma de imagem. No século XXI, com o avanço das tecnologias digitais a tendência é, cada vez mais, produzirmos textos mistos e híbridos, acompanhados de recursos verbais e não verbais, analógicos e digitais. Quanto a isso é promissora a

evolução da linguagem, porque recebendo mais estímulo nosso cérebro tende a estabelecer novas conexões e, isso redundando, na maioria das vezes, em desenvolvimento cognitivo.

Ao estudar metodologias para o ensino de língua materna, inevitavelmente, fomos direcionados às orientações dos PCNs e, agora, também à BNCC, nas quais somos informados da necessidade de centrar os estudos linguísticos na figura do texto, que o ensino tem o texto como “unidade de trabalho” (BRASIL, 1998, p. 66; Brasil, 2017, p. 67). Pois bem, texto na concepção sociocognitiva interacional revela um “lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos” (KOCH, 2004, p. 12); na perspectiva discursiva entendem-se o “texto como discurso 'congelado' como produto acabado de uma ação discursiva” (KOCH, 2004, p. 12).

Para Marcuschi (2008, p. 72) o texto “é o resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seus vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona”. Nessa pesquisa, considera-se o texto uma unidade linguística completa de sentido, capaz de produzir reflexão e resposta naquele a quem se destina. Levando em conta que: “toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê)” (BAKHTIN, 1992, p. 272).

Bakhtin (1992) chama de enunciados, o que os linguistas consideram como unidade real de análise da língua (texto). Ele esclarece que um enunciado, mesmo que seja individual, repleto de subjetividade, precisa entrar em relação com os tipos relativamente estáveis de enunciados pertencentes a um campo específico de utilização da língua, o que Bakhtin postula como gênero do discurso. Segundo o autor, a esfera de utilização influencia diretamente os três elementos básicos do enunciado, a saber: O conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional.

2.5.2 Estudo dos gêneros

Há uma dicotomia de nomenclaturas que circulam nos estudos sobre textos e seus gêneros textuais e, paralelamente envolvendo a expressão enunciado e gênero discursivos. Essa diferença teórica, deve ser mencionada aqui, embora não se tenha

a pretensão de escolher arbitrariamente por autores que utilizem apenas uma das linhas teóricas, até porque a linha é muito tênue¹⁴.

Denominarei teoria de gêneros do discurso ou discursivos e teoria de gêneros de texto ou textuais. Ambas as vertentes encontravam-se enraizadas em diferentes releituras da herança bakhtiniana, sendo que a primeira – teoria dos gêneros do discurso – centrava-se sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos e a segunda – teoria dos gêneros de textos –, na descrição da materialidade textual. (ROJO, 2005, p. 185).

Nesse sentido, tem-se a colaboração de Marcuschi (2008, p. 154):

Não vamos discutir aqui se é mais pertinente a expressão “gênero textual” ou a expressão “gênero discursivo” ou “gênero do discurso”. Vamos adotar a posição de que todas essas expressões podem ser usadas intercambiavelmente, salvo naqueles momentos em que se pretende, de modo explícito e claro, identificar algum fenômeno específico.

O que Rojo está nos dizendo é que o principal referencial do estudo sobre gêneros vem de Bakhtin, mas as duas principais teorias que se conhece no Brasil são distintas. Em uma (discursiva) o texto está basicamente como parte integrante do enunciado, na outra (textual) o texto é o centro das atenções e em certa medida, superior ao contexto de circulação. Marcuschi sugere que pode-se alternar no uso da terminologia discursivo ou textual, ele próprio faz isso; porém, reconhece que há situações específicas, nas quais, a terminologia deve ser observada.

Mesmo assim, pode-se extrair semelhanças e optar por aquilo que mais se enquadre dentro da sala de aula. Afinal, para os estudantes de linguística/professores da educação básica, seja destacando o contexto de produção do enunciado, ou seja, esmiuçando a materialidade do texto é imprescindível trabalhar com os gêneros.

Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). (BAKHTIN, 1992, p. 283).

¹⁴ Nesta dissertação, predominam as expressões gêneros textuais utilizada por Marcuschi (2010), para não confundirmos com gênero do discurso (BAKHTIN, 1992). Importante deixarmos claro que não usamos os termos como sinônimos e, sim em cada situação teórica. Apesar disso, quando não for comprometedor seguirá com o termo “gênero”.

O estudo sobre gêneros, inicialmente, pode-se dizer é desestabilizador, porque quando Bakhtin (1992, p. 263) afirma que a diversidade dos gêneros é infinita e, mais adiante, diz que: “A heterogeneidade funcional, como se pode pensar, torna os traços gerais dos gêneros discursivos demasiadamente abstratos e vazios”. Fica a impressão de que este assunto é para linguistas inseridos em contextos acadêmicos, pesquisadores dedicados à teoria, parece distante da realidade que se constata nas escolas de educação básica.

Tradicionalmente, o professor apresenta o conteúdo, explica e faz simulações, depois aplica uma avaliação. Quando adentramos no estudo dos gêneros, precisamos estar conscientes de que nosso papel é de mediadores: os alunos trazem vários questionamentos, o resultado não é uniforme, avaliações objetivas já não são suficientes. É preciso situar o texto no contexto do gênero em uso, isso demanda um professor conectado com a realidade, que percebe o futuro.

Aspecto importante nesse contexto teórico é a noção de dialogismo como princípio fundador da linguagem: toda linguagem é dialógica, ou seja, todo enunciado é sempre um enunciado de alguém para alguém. Se assim não fosse, seria como uma ponte sem um dos lados para sustentação, o que a levaria à sua derrocada. Daí a noção de gênero como enunciado responsivo. (MARCUSCHI, 2008, p. 20).

A valorização dessa ação discursiva foi contemplada nos PCNs, tendo como suporte a perspectiva de Bakhtin (1992) sobre os gêneros do discurso que na prática são formas consolidadas de enunciados instauradas no decorrer da história. Segundo os PCNs constituem-se a partir de “famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literalidade” (BRASIL, 1998, p. 22).

A nova Base Nacional Comum Curricular, por sua vez, não foi diferente quanto à valorização do estudo da língua através dos gêneros, desde o início da área de linguagens já aparece uma linha teórica definida. “Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais” (BRASIL, 2017, p. 67). Sendo que nessa perspectiva o grande destaque são os gêneros concebidos sob a ótica Bakhtiniana.

A expressão “gênero” aparece 327 vezes na BNCC referente a linguagem, das quais 37 vezes especificam gêneros textuais e 2 gêneros discursivos. Observo que aí

houve uma atitude tímida dos formuladores e escritores da Base, na parte de linguagem, pois se a linha teórica é enunciativa-discursiva, como menciona sua página 67, o natural seria uma predominância do termo gêneros discursivos no transcorrer das orientações.

Marcuschi (2010, p. 19) chama de “gêneros textuais”, mas não contraria os postulados de Bakhtin (1992) e situa os gêneros textuais dentro do conceito de práticas sócio-históricas o que converge com a dialógica Bakhtiniana e pontua que “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto”.

De acordo com Marcuschi (2010, p. 23), tem-se que a língua só funciona por meio dos gêneros e, portanto, mais relevante do que a nomenclatura, se optamos por gêneros discursivos ou textuais, o importante é que a “maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais” adota esse princípio de valorização dos gêneros. Furlanetto (2005, p. 266) reforça que é preciso “dar visibilidade aos gêneros, compreendê-los e analisá-los em sua especificidade nos vários campos sociais”.

No estudo sobre gêneros precisamos atentar para a diferença entre gêneros primários (básicos, simples) e secundários (elaborados, complexos). Segundo BAKHTIN (1992), a natureza do enunciado está diretamente relacionada com a interação obtida nos gêneros primários e sua transposição para os gêneros secundários; sendo que, basicamente, os primários nascem das experiências dialógicas do cotidiano, no dia a dia, são construções simples com vistas a atender à necessidade do momento, em geral, circulam na modalidade oral e, quando escritos aparecem, também, utilizam uma linguagem bem simples

Os gêneros primários são o nível real com o qual a criança é confrontada nas múltiplas práticas de linguagem. Eles instrumentalizam a criança (é claro que aqui se colocam todo o problema do ensino e do desenvolvimento e o problema das interações sociais para a aprendizagem) e permitem-lhe agir eficazmente em novas situações. (SCHNEUWLY, 2004, p. 19).

Percebe-se que hoje em dia, os gêneros primários não estão presentes apenas nas falas das crianças ou de populações iletradas nos rincões desse país, há uma tendência de utilização de expressões com características bem primárias no âmbito dos ambientes virtuais de interação, sobretudo das redes sociais e, isso, não é ruim, uma vez que possibilita um ingresso mais tranquilo nessas redes de interação.

O problema é a necessária ruptura, com aquilo que é primário e precisa dar lugar a construções mais complexas. Schneuwly (2004, p. 25) diz que: “O desenvolvimento se dá por continuidade e ruptura: Gêneros primários e secundários”. Mais uma vez, recorre-se a Vygotsky (1993) para lembrar da zona de desenvolvimento potencial que é a progressão possível decorrente da interação sócio-histórica do indivíduo com o meio. Considera-se que se houve interação com a língua em níveis mais primários, haverá uma evolução, desde que a mediação encaminhe a situações mais complexas (formais, monitoradas).

Pensando como mediadores, quanto ao objeto de estudo gênero epistolar, estabelece-se um pequeno paralelo entre os gêneros primários e as mensagens trocadas no ciberespaço. Eis algumas semelhanças:

Podem-se definir as seguintes dimensões para os gêneros primários:
*troca, interação, controle mútuo pela situação;
*funcionamento imediato do gênero como entidade global controlando todo o processo, como uma só unidade;
*nenhum ou pouco controle metalinguístico da ação linguística em curso.
(SCHNEUWLY, 2004, p. 26).

Parece que todas essas características estão presentes nas mensagens digitais da geração internet. A troca de informações é uma das peculiaridades de toda comunicação em si, para se estabelecer precisa de poucos elementos, o mais simples seria o domínio do código linguístico por ambos os envolvidos, como são digitais acrescentam-se aí os sinais que remetem a emoções, as abreviaturas etc.

A interação nesse nível primário só precisa de um assunto ou motivo para desencadear o processo e os participantes podem interagir em pé de igualdade, um gênero é utilizado (aviso, bilhete, recado, chat ou bate-papo) de maneira espontânea, ou seja, não há uma dimensão do alcance daquelas palavras, até porque a ideia é que uma mensagem digital: cumpra seu objetivo, seja esquecida ou deletada.

Desde a introdução, defende-se como hipótese que o E-mail é a melhor porta de entrada para as práticas letradas no ciberespaço e, não há restrição de que ele seja utilizado apenas para relações formais ou informais. A ferramenta coloca-se como uma plataforma tanto para gêneros bem primários como um simples bilhete, até gêneros mais sofisticados como convocações de trabalho, ofícios entre instituições, enfim, textos que valem como documentos.

Apesar da plasticidade da ferramenta, muitos nativos digitais enfrentam dificuldade para utilizá-la. A geração Internet prima mais pela liberdade e velocidade da interação e, isso está diretamente ligado ao fato de que a maioria de suas produções escritas, diariamente, se dá em gêneros primários. Porém, o E-mail precisa de uma adequação genérica que demanda tempo de reflexão e atendimento das “condições específicas de dado campo” (BAKHTIN, 1992, p. 266) de circulação, no qual a figura do interlocutor deve ser cuidadosamente levada em conta.

A missão da intervenção pedagógica no ensino da língua, é justamente conduzir o educando a uma reflexão de adequação do gênero. Enquanto as mensagens eletrônicas instantâneas, promovem um locutor irreverente, egocêntrico; o e-mail facilita a produção consciente, contextualizada, ou seja, aquela que se dá com pessoas fora do círculo familiar de convívio. Em Bakhtin (1992, p. 263) encontra-se:

A diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) - não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários [...] surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito).

Essa afirmação de Bakhtin já refuta o argumento do pensamento comum de que “funcionando é o que importa”. Nos gêneros primários até podia ser, mas em um convívio mais complexo, inclusive, como fator de urbanidade entre as partes, é essencial considerar o campo de atividade/ a esfera de circulação do discurso que será produzido.

Bakhtin (1992, p. 283) diz que “Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras”. Entende-se que se aprendeu, então já não é apenas para uma interação causal no cotidiano, essa aprendizagem em si, visa uma preparação para interações futuras, tanto para atuar como locutor quanto interlocutor nos gêneros secundários. Eis algumas particularidades dos gêneros secundários:

- a) modos diversificados de referência a um contexto linguisticamente criado [...]
- b) modos de desdobramento do gênero [...] quanto mais um gênero é autônomo com relação a uma situação imediata, mais o aparelho linguístico criado na língua se enriquece e se complexifica [...]

- c) a gestão eficaz dos gêneros secundários pressupõe a existência e a construção de um aparelho psíquico de produção de linguagem que não funciona mais na “imediatez”. (SCHNEUWLY, 2004, p. 28).

As três particularidades convergem no sentido de que nos gêneros secundários a elaboração do texto passa por um processo de enriquecimento linguístico e, já não se limita àquele momento de interação, até porque, há uma autonomia que transcende o aqui e agora. Traços como intertextualidade, coesão, utilização de sinônimos, uso de pronomes e outros organizadores são utilizados para encorpar a produção.

Os participantes da interação trocam muito mais do que palavras, eles trazem consigo história, cultura, conhecimento, objetivos. Por isso, quando Schneuwly cita aparelho psíquico, ele nos remete a uma estrutura que é mobilizada para que o indivíduo não venha a agir sem pensar, pelo contrário, cada enunciado e cada resposta deve ser estrategicamente pensada nesse nível dos gêneros complexos, sobretudo quando a interação se dá de forma assíncrona.

2.5.3 Gêneros e tipos

Na leitura da BNCC que destaca o texto como ponto de partida dos estudos linguísticos, tanto no que se refere a conteúdos como habilidades e objetivos, chama a atenção o fato de que o texto deve pertencer “a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem” (BRASIL, 2017, p. 67).

Embora, a expressão - diferentes esferas - seja ampla, infere-se que os redatores referiram-se a gêneros importantes do ponto de vista de inserção social para os educandos, como diz a Constituição em seu art. 205: “visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988).

A entidade social encarregada de trabalhar os gêneros é a escola, porém, em seu interior os gêneros costumam a ser confundidos com os tipos de texto e, isso prejudica o trabalho pedagógico do(a) professor(a) de língua, o(a) qual por vezes, acaba optando por referir-se apenas a texto. Tal postura, dificulta a apropriação dos conceitos por parte dos estudantes, os quais não se motivam a escrever texto, mais texto. Marcuschi (2010, p. 23) ajuda-nos a pensar a diferença entre gênero e tipo:

(a) Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

(b) Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva [...] carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

Pode-se dizer que os tipos remetem à essência lógica do texto, neles há composições específicas que permitem ao interlocutor dar ritmo à sua leitura e, conseqüentemente ao processo de abstração, nas palavras de Schneuwly (2004, p. 33) são: “reguladores psíquicos poderosos, gerais, que são transversais em relação aos gêneros”. Enquanto que o gênero possibilita a efetiva utilização dos recursos de linguagem em uma interação real, situada em um determinado contexto, destinada a interlocutores que compreendem e reagem com apresentação de ideias, intenções, informações, etc.

Esses cinco tipos textuais de Marcuschi, também são apontados por Schneuwly e Dolz (2004, p. 52-53), só que com uma diferença de nomenclatura, enquanto o autor brasileiro nomeia de descrição e injunção, os suíços trabalham com relato e instruções. Na prática pedagógica, o importante é apresentar os tipos como facilitadores da produção linguística. Antigamente, na minha época de escola era com frequência narração, dissertação e alguma descrição.

Naquele tempo, ficava-se restrito ao tipo pré-definido; hoje, discute-se de predomínio, maior incidência ou simplesmente presença de aspectos tipológicos; não significa que os gêneros caibam dentro uma única escolha tipológica. O que ocorre na prática é que os recursos tipológicos vão servindo como forma de organização do discurso, sendo que em uma mesma produção discursiva pode aparecer trecho argumentativo ou prescritivo e, assim por diante.

A tipologia textual é apresentada desde o início da alfabetização, começando em geral pela narração, aproveitando o gênero contos infantis; a descrição é introduzida pelos relatos de lugar onde vive, passeios, férias, etc.; a exposição quando os alunos apresentam trabalhos; injunção (instrução) quando são estabelecidas regras de convivência e; a argumentação quando eles são chamados a expressarem

sua opinião. Conclui-se que os tipos funcionam bem na dinâmica da educação escolar. Será que ocorre o mesmo com os gêneros?

Uma análise dos manuais de ensino de língua portuguesa mostra que há uma relativa variedade de gêneros textuais presentes nessas obras. Contudo, uma observação mais atenta e qualificada revela que a essa variedade não corresponde uma realidade analítica. Pois os gêneros que aparecem nas seções centrais e básicas, analisados de maneira aprofundada, são sempre os mesmos. Os demais gêneros figuram apenas para “enfeite” e até para distração de alunos. (MARSCUSCHI, 2008, p. 207).

O trecho anterior fala dos manuais, eles servem como referência para o trabalho em sala de aula, podem ser adaptados de acordo com a realidade, mas, na crítica de Marcuschi não dão a ênfase necessária aos gêneros que estão na sociedade fora do contexto escolar. Torna-se a dizer que somente o trabalho teórico não dá conta de alavancar o repertório de gêneros dos educandos, é preciso tornar real a produção discursiva, ela tem que cumprir um fim proveitoso.

O gênero é uma escolha que leva consigo uma série de consequências formais e funcionais. Na realidade, se observarmos como agimos nas nossas decisões na vida diária, dá-se o seguinte: primeiramente, tenho uma atividade a ser desenvolvida e para a qual cabe um discurso característico. Esse discurso inicia com a escolha de um gênero que por sua vez condiciona uma esquematização textual. (MARSCUSCHI, 2008, p. 85).

Pensando sobre as possibilidades de escolha de gênero no E-mail, pode-se considerar se o texto será construído com linguagem formal ou informal; se o desejo é obter resposta ou concluir um assunto, se pretende estabelecer algum vínculo com o interlocutor, se a intenção é que o interlocutor crie uma imagem positiva em relação a quem envia etc.

É preciso pensar para decidir se o texto será uma espécie de bilhete ou uma carta coesa, objetiva sim, mas com propriedades como saudação, introdução, desenvolvimento, fechamento etc. Para realizar boas escolhas, há a necessidade de ativar os ensinamentos linguísticos que se aprende na escola e, a partir daí, fazer a adequação genérica.

É de se indagar se há gêneros textuais ideais para o ensino de língua. Tudo indica que a resposta seja não. Mas é provável que se possa identificar gêneros com dificuldades progressivas do nível menos formal ao mais formal, do mais privado ao mais público e assim por diante (MARSCUSCHI, 2008, p. 207).

Essa importante contribuição de Marcuschi pode ser o ponto de partida para a identificação dos gêneros mais necessários para os estudantes de uma localidade, tanto para atuarem em sua realidade, quanto para projetarem-se em futuras práticas do mundo letrado e digital. Imagine um grupo de alunos de uma escola da zona rural, considere que lá existe uma sala de informática com internet via satélite, mas as estradas que levam até a escola estão horríveis e os alunos sentem aquela vontade de fazer alguma coisa para mudar essa situação.

Pois bem, eles podem construir uma carta coletiva de solicitação, relatando a dificuldade para percorrer o trajeto, usar argumentos para convencer a autoridade responsável a tomar providências. Se os alunos já possuem aprendizado sobre a utilização do E-mail, poderão escrever tudo na mensagem, acrescentar arquivos de fotos dos locais mais problemáticos, enfim, dali mesmo, ao enviar a mensagem eles concretizarão uma prática social que beneficiará o coletivo. Isso pelo fato de a mensagem eletrônica possuir um caráter documental, ou seja, um e-mail tem a mesma força que um documento impresso.

2.5.4 Variação e monitoração

Os estudos sociolinguísticos despertaram a análise da língua para além da gramática normativa. Sendo que a norma é “determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala” (FARACO, 2008, p. 37).

Durante o predomínio da gramática normativa, o componente de língua materna, e principalmente a alfabetização, pautava-se pela divisão certo e errado, nesse sentido, inclusive a fala deveria ser a reprodução oral da linguagem escrita, o que dificultava bastante a apropriação dos conceitos para pessoas com menos acesso a publicações escritas. Para complicar ainda mais, no decorrer do ensino, o aprendiz perdia suas características linguísticas identitárias: a fala da comunidade, a linguagem familiar etc.

Para recuperar a riqueza contida na fala do cotidiano, que é o contexto de vida do indivíduo, sem migrar para a “cultura do erro” (FARACO, 2008), recorre-se à variação linguística, o que na prática significa reconhecer que a língua não é homogênea, mas possui uma “heterogeneidade ordenada” (BAGNO, 2007). Convergindo com a diversidade Faraco (2008, p. 29) considera que “Se adotarmos

um olhar gerativista, diremos que a cada norma corresponde uma gramática. Se adotarmos um olhar variacionista (sociolinguístico ou dialetológico), será produtivo equiparar norma e variedade.

Equiparar norma à variedade, nada mais é do que reconhecer que dentro de uma comunidade de falantes há estruturas fonológicas, sintáticas, semânticas, morfológicas e, sobretudo, pragmáticas que operam nas interações discursivas. Todo texto funciona dentro do seu contexto, no entanto, o interlocutor/leitor externo a determinado grupo tem dificuldade de compreensão de construções linguísticas muito peculiares; isso é totalmente aceitável, desde que ele tenha consciência de tratar-se de uma variedade, caso contrário agirá com preconceito.

2.5.5 A variação estilística

Os estudos de linguagem, na atual conjuntura, exigem de professores, pesquisadores e usuários que desejem interagir em várias comunidades, uma atenção especial aos contextos de interação.

William Labov crê que o novo modo de fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala. Os estudos empíricos possibilitaram o conhecimento e a sistematização de usos, permitindo propostas de ensino que visem à ampliação da competência linguística do aluno à medida que se ampliam os papéis sociais e as redes sociais. (COAN; FREITAG, 2010, p. 174)

A assertiva sobre William Labov precursor dos estudos variacionistas, a quem “devemos a inserção da restrição 'estilo' como variável que se correlaciona a diferentes formas do dizer” (HORA, 2014, p. 19), chama a atenção dos educadores para a necessidade de ampliação da competência linguística, mais do que impor regras é preciso trabalhar na conscientização. É possível afirmar que a competência só se concretiza a partir da tomada de consciência de que há diferentes contextos de interação social nos quais a pessoa exerce diferentes papéis, isso converge com a proposta de letramento, apresentada aqui no capítulo um.

Na escrita, há, efetivamente, alguns gêneros em que o esperado socialmente é a utilização de uma certa variedade da língua – aquela que se pode chamar de norma culta[...]Por outro lado, a expectativa social pela chamada norma culta não alcança todos os gêneros da escrita. (FARACO, 2008, p. 28-29).

A variação de uso da língua na modalidade oral é grande, dificilmente alguém conseguiria ater-se o tempo todo à norma culta, portanto, isso não é uma exigência; porém, quando envolve a modalidade escrita Faraco (2008) foi muito feliz ao dizer que há uma expectativa. A missão da educação formal propiciada pela escola, no componente de língua materna é colocar o educando em contato com gêneros, de tal forma que ele consiga perceber em quais deles são esperados norma culta ou se há espaço para a valorização de uma variedade que não seja tão formal.

É perfeitamente possível e socialmente aceitável escrever textos em outras variedades da língua, como, por exemplo, um bilhete, uma carta ou em e-mail familiar, uma intervenção num chat, um texto num blog, a letra de uma canção, uma publicidade, composições literárias que dão estatuto estético à diversidade linguística, e assim por diante. (FARACO, 2008, p. 28-29).

Entre os gêneros citados, destacam-se os epistolares, pois são objeto de estudo neste trabalho. O ensino deve mostrar que uma carta ou e-mail podem ser enviados para alguém com quem se mantenha familiaridade ou para alguém cujo contexto de interação exija formalidade.

2.5.6 O problema da formalidade

A linguista Bortoni-Ricardo (1995, p. 120) diz que a questão da variação e formalidade “não é se as escolas são veículo eficiente de transmissão da língua padrão¹⁵, mas, mais especificamente, se as escolas contribuem para que os alunos adquiram os estilos formais da língua”.

Comparando a afirmação de Bortoni-Ricardo sobre os alunos adquirirem os estilos formais, com as ponderações de gênero extraídas de Faraco, acredita-se que só faz sentido orientar para adoção de um estilo marcado pela formalidade quando o gênero no qual transcorrerá a expressão discursiva assim o requisitar, portanto, o conhecimento do gênero deve preceder à escolha estilística.

A escrita transforma a fala (a constituição da “fala letrada”) e a fala influencia a escrita (o aparecimento de “traços da oralidade” nos textos escritos). São práticas que permitem ao aluno construir seu conhecimento sobre os diferentes gêneros, sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e

¹⁵ Observa-se que a autora usou a expressão língua padrão, sendo que, em trabalho posterior (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 51), ela própria reconhece ser um termo preconceituoso.

escrevê-los e sobre as circunstâncias de uso da escrita. (BRASIL, 1998, p. 40).

Os trabalhos sobre estilística, em geral, debruçam-se sobre a oralidade, aliás, essa modalidade é a maior responsável pela evolução da língua, enquanto que esta pesquisa centra-se na produção escrita. Mesmo assim, entende-se que é valiosa a contribuição dos estudos estilísticos no sentido de trazer para o centro do processo de letramento a monitoração que redundava na escolha pelo formal ou informal.

Com Hora (2014, p. 20-30) entende-se que a formalidade ou informalidade estão diretamente ligadas às características que constituem uma participação social. Fatores como a afetividade entre os participantes influenciam na adoção de uma postura linguística formal, quanto mais distante do ponto de vista afetivo, maior monitoração quanto a polidez, seriedade e respeito.

Somado a isso, considera-se que “é a formalidade do contexto que faz com que um falante preste mais atenção a sua fala” (LABOV, 1972 *apud* HORA, 2014, p. 22). Aplicando essa explicação ao prestígio entende-se porque

[...] a variedade estilística de cada falante cobre um continuum do uso na matriz socioeconômica. [...] O prestígio da variedade do falante como o resultado da fala formal, cuidada, e o estigma como o resultado da fala casual, não monitorada. Portanto, a atividade estilística do falante estava diretamente ligada à sua posição na hierarquia socioeconômica. (LABOV, 1972 *apud* HORA, 2014, p. 23).

Referindo-se à proposta de análise estilística de Alan Bell, Hora (2014, p. 24) diz que “o falante ao modelar sua fala leva em conta o ouvinte, ou seja, a sua 'audiência', que é constituída não só do destinatário, a segunda pessoa, mas outras terceiras pessoas”.

Convergindo os postulados de Labov e Bell sobre estilística pode-se concluir que o contexto social (situação de interação e os interlocutores que julgam a produção discursiva do sujeito), influenciam o comportamento estilístico do locutor. Sendo que o grau de proximidade afetiva é inversamente proporcional ao controle da formalidade. Portanto, o locutor varia seu grau de monitoração visando alcançar um objetivo pessoal, sabendo que não é prudente elaborar sua linguagem à revelia de seus interlocutores.

2.5.7 Os contínuos de monitoramento

Ao chamar a atenção para o trabalho pedagógico das questões sociolinguísticas Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) considera que é responsabilidade da escola promover a consciência “de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciadas pela sociedade”.

Analisando o português brasileiro, Bortoni-Ricardo (2004, p. 51-70) propõe o modelo dos três contínuos. O primeiro mostra em um extremo as variedades rurais mais isoladas e no outro a variedade urbana de prestígio, nesse contínuo a autora observa que gradativamente está havendo uma migração em direção à variedade urbana considerada culta.

O segundo contínuo refere-se a questões de oralidade-letramento, o qual pode-se situar dentro desta pesquisa, como eventos que envolvem o uso da linguagem estruturado a partir da modalidade oral ou que partem de uma construção enunciativa/discursiva que remete à língua escrita. O que nos ajuda a entender a dificuldade do estudante de conciliar a tecnologia digital com a formalidade da escrita, uma vez que a maior parte dos aplicativos destinados a interação virtual, induzem ao uso de linguagem que se assemelha a fala casual.

No terceiro contínuo a autora coloca a monitoração estilística, sendo que a variação se situa entre uma fala espontânea/casual até um monitoramento que se alinha totalmente dentro da formalidade:

Nós nos engajamos em estilos monitorados quando a situação assim exige, seja porque nosso interlocutor é poderoso ou tem ascendência sobre nós, seja porque precisamos causar uma boa impressão ou ainda por que o assunto requer um tratamento muito cerimonioso. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62-63).

Ao passar esses conceitos para os alunos não é adequado passar a ideia de submissão, de referência, até porque os adolescentes tendem a ser rebeldes, mas orientar os educandos a realizarem uma análise do contexto e das pessoas envolvidas na interação. Assim, eles saberão como tratar de forma respeitosa tanto alguém em posição ascensão superior quanto idosos e demais pessoas. Trabalhando esta temática o componente língua portuguesa dá uma importante contribuição para a redução do preconceito linguístico e da consequente exclusão social que ele impõe.

2.6 A versatilidade do E-mail

As ferramentas de mensagens estão em franca evolução na era digital, entre elas, encontra-se o E-mail, cuja expressão serve tanto para referir-se “ao canal como correio eletrônico e ao texto como mensagem eletrônica” (PAIVA, 2010, p. 85). O grande destaque do e-mail é sua versatilidade: ele possui a propriedade de enviar mensagens de forma praticamente instantânea¹⁶, sem custo financeiro; com boa confiabilidade dos sistemas de segurança oferecidos pelos servidores; recuperação (armazenamento) das mensagens enviadas e recebidas; possibilidade de organização textual que pode variar do casual (mais semelhante ao bilhete) ao formal (próximo de um memorando, carta comercial etc.).

Essas características fazem com que ele seja “uma das formas de comunicação mais utilizadas no mundo moderno. Ele chegou para ficar e vem consolidando as relações comunicativas de maneira simples, prática e econômica” (XAVIER; MARCUSCHI, 2004, p. 12). Além disso, o E-mail é uma produção de caráter individual, na qual o locutor decide se enviará para uma grande lista de interlocutores ou apenas para um.

Se o locutor tiver domínio da escrita poderá optar pela construção de uma mensagem de cunho familiar ou formal, curta ou com vários elementos textuais etc. por isso, que é necessário aprendizagem, um conhecimento construído, para garantir a eficácia do discurso na interação e/ou prática social.

A partir da leitura de Calvão, Pimentel e Fuks no Livro do “Email ao Facebook” (2014), percebe-se que os meios de conversação apresentam um leque bem variado de possibilidade de expressão da linguagem; sendo que o E-mail e o fórum de discussão são marcados pela reflexão que ocorre antes do envio da produção da escrita.

Outros tipos de comunicação eletrônica nos fazem tropeçar menos do que o e-mail. Mensagens instantâneas (bate-papo virtual) e de texto (torpedos) chegam bem perto da dinâmica de uma conversa ao vivo, e costumam se dar entre pessoas que já se conhecem. Há nelas um tom relativamente consistente: o de um bate-papo informal. (SHIPLEY; SCHWALBE, 2008, p. 11).

¹⁶ O envio e a entrega de mensagens são mediadas por um ou mais provedores de internet e seu tráfego é determinado pela rede mundial de computadores, mas qualquer que seja a rota seguida, a entrega é, geralmente, feita em segundos. (PAIVA, 2010, p. 86)

É interessante discutir-se essas diferenças entre os gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital (Marcuschi, 2010), pois a geração internet está propícia a, pelo uso frequente com os interlocutores conhecidos, considerar que o uso da língua nos bate-papos e torpedos, os quais contêm características semelhantes à modalidade oral da língua, se estende, com a mesma informalidade às demais plataformas e gêneros no formato digital, e, isso, é um equívoco no tocante ao e-mails que, apesar de versáteis, exigem letramento digital, ou seja, escolhas linguísticas adequadas.

O usamos tanto para a comunicação informal (marcar encontros com amigos, fazer perguntas para colegas) quanto para a formal (nos candidatar a um emprego, convencer possíveis clientes). As diferenças se perdem e isso pode nos confundir. (SHIPLEY; SCHWALBE, 2008, p. 11).

Cabe pontuar aqui que o E-mail, também, é uma ótima ferramenta para o envio de mensagens curtas não monitoradas, principalmente porque ele não expõe os usuários ao controle de acesso (online, off-line, visualizado etc.), como fazem os aplicativos mais famosos de troca de mensagens instantâneas; não dá acesso à visualização do perfil da pessoa em rede social, ou seja, não confere intimidade.

Quanto às mensagens de caráter mais formal o E-mail **é a ferramenta a ser utilizada**, por todos os benefícios que já foram elencados nos parágrafos anteriores e, também, porque foi a forma pioneira e, continua sendo, a porta de entrada para o ciberespaço, basicamente, as demais interações em plataformas digitais, tem como pré-requisito que o internauta possua uma conta ativa de E-mail.

A perspectiva de rumos da educação básica Brasileira, registrada na BNCC, aponta um ensino voltado para a aquisição de competências, sendo que, uma das dez competências gerais refere-se especificamente à tecnologia digital, observe novamente, um dos extratos que justificou a relevância deste trabalho:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2017, p. 65).

Esse tópico da Base é importante porque toca em um ponto frágil da “geração internet” (os nativos digitais), em geral, utilizam muito as tecnologias digitais, sobretudo para interação social e entretenimento, pode-se dizer que são consumidores de tecnologia, porém, falta-lhes a compreensão e reflexão que são pré-requisitos para que eles possam desenvolver solução de problemas e expressar-se de forma a obter êxito em suas participações sociais e, isso, deve ser abordado na escola.

Ao adotar esse enfoque, a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC. (BRASIL, 2017, p.13).

Uma leitura objetiva do extrato anterior, permite convergir essa teoria de “saber” e “saber fazer” com o domínio e utilização da linguagem digital. Por isso, dentre as várias ferramentas digitais que merecem atenção nos espaços de educação básica, aqui, dá-se ênfase ao E-mail porque “o surgimento do correio eletrônico dividiu a sociedade entre os “com internet” e os “sem internet” e o endereço eletrônico passou a fazer parte dos dados pessoais de qualquer cidadão com maior inserção social” (PAIVA, 2004, p. 91).

Em nossos dias, pode parecer uma sentença ultrapassada uma vez que se convive com muitos nativos digitais, os quais bem cedo, ou até prematuramente, já estabelecem um perfil em redes sociais. Porém, quando a interação exige mais responsabilidade, empresas e órgãos públicos preferem interagir pelo e-mail. Shipley e Schwalbe (2008, p. 9) comentam que “trilhões de e-mails são enviados a cada semana. Os americanos que trabalham em escritórios gastam pelo menos 25% do dia com e-mail.”

Isso faz com que a ferramenta aponte diretamente para a inserção do indivíduo no mundo do trabalho, o qual a cada dia torna-se mais tecnológico, digital e objetivo; sendo assim, aos estudantes da educação básica deve ser proporcionado o acesso a essa ferramenta pela qual circulam vários gêneros textuais utilizados em práticas sociais.

2.6.1 Características do E-mail

Hoje, em meio a tantos recursos digitais pode-se trabalhar a língua de forma bem mais dinâmica, sobretudo, no que tange aos gêneros:

Já se pode indagar se a escola deverá amanhã ocupar-se de como se produz um e-mail e outros gêneros do “discurso eletrônico” ou pode a escola tranquilamente continuar analisando como se escrevem cartas pessoais, bilhetes e como se produz uma conversação. (MARCUSCHI, 2010, p. 19-20).

A assertiva acima, trata o e-mail como um exemplo de evolução dos gêneros, ele possibilita em sua plataforma digital e textual a produção escrita, ou seja, ele é um editor de texto que gera um hipertexto, sendo que hipertexto é “um construto enunciativo produzido e processado sobre a tela do computador, que, emergindo no seio da contemporânea Sociedade da Informação, surge com todo seu vigor inovador” (XAVIER, 2002, p. 24).

O hipertexto tem como características principais: a imaterialidade; a confluência de modos enunciativos; a não-linearidade, a intertextualidade infinita. Ele revolucionou a forma de escrever, porque abrem-se várias alternativas de composição e disposição. A partir de Xavier (2002, p. 24-33) considera-se que o E-mail é um bom suporte para se começar a utilizar as vantagens do hipertexto, visto que ele é construído no virtual para ser lido no virtual, permite inserção de arquivos e imagens, sujeita-se à disposição projetada pelo usuário.

Dentre as características do Correio eletrônico, além, da gratuidade e agilidade que são destaques fenomenais, há o caráter documental que ele assume, uma vez que enviada a mensagem é gerado automaticamente um texto com registro de local, data e conteúdo, o que se assemelha bastante com a carta, o memorando ou ofício e, isso quando impresso tem a mesma validade jurídica que um documento emitido no papel.

Segundo Marcuschi (2009) na função de correio eletrônico o e-mail é um servidor que faz o papel de transportar os gêneros textuais. Exemplos disso são: “propagandas, ofícios, bilhetes, cartas comerciais, relatórios, artigos científicos” (MARCUSCHI, 2009, p.125). Nessa perspectiva, a principal característica seria tornar digital o gênero textual já reconhecido na forma impressa, conferindo-lhe agilidade. Por outro lado, observando tudo que está implicado no envio de um e-mail, Paiva

(2004, p. 81) o define como “novo gênero textual” e, na sequência apresenta especificidades:

Vejo o e-mail como um gênero eletrônico escrito, com características típicas de memorando, bilhete, carta, conversa face a face e telefônica, cuja representação adquire ora a forma de monólogo ora de diálogo e que se distingue de outros tipos de mensagens devido a características bastante peculiares de seu meio de transmissão, em especial a velocidade e a assincronia na comunicação entre usuários de computadores.

Concorda-se com Paiva (2004) no sentido de que o E-mail reúne qualidades pertencentes a diversos gêneros historicamente utilizados na escrita. Se a necessidade é ser rápido ele cumpre a função do bilhete, pode atender à organização da carta com abertura, conteúdo e fechamento; possui a estrutura no mesmo formato do memorando com especificação de assunto e; outra característica ele é assíncrono, o que projeta sua mensagem como os tradicionais textos escritos, pensados para serem lidos (e inclusive impressos) fora do aqui e agora. Isso lhe confere uma gama de utilidade variada garantindo agilidade, objetividade e registro.

Esses detalhes tornam necessário o estudo do gênero E-mail ou, no entendimento que é desenvolvido aqui na dissertação, dos gêneros epistolares que têm ganhado vida na plataforma do correio eletrônico. Uma vez que, os alunos do século XXI que estão na educação básica, já não possuem o contato com cartas recebidas pelo correio e ainda não têm responsabilidade com documentos impressos (isso tomando como referência o nono ano do ensino fundamental, basicamente, constituído por estudantes entre 13 e 15 anos de idade).

Além disso, os adolescentes são muitos expostos à interação síncrona em redes sociais pautadas pela informalidade, onde são rígidos pela velocidade e, geralmente, dispensam os cuidados de adequação a contexto e a interlocutores que não fazem parte de seu círculo de amizade. Já no E-mail, há aspectos que conferem estabilidade ao gênero a serem considerados: “– autor, leitor, comunidade discursiva, tecnologia, contexto, texto, organização retórica, léxico, sinais não verbais (*emoticons* ou *smileys*), e normas de interação – ganham características especiais quando se trata desse gênero” (PAIVA, 2004, p. 92).

A partir de Shipley e Schwalbe (2008), distinguem-se seis tipos básicos de e-mails: Solicitação, resposta, informação, agradecimento, desculpas e socialização. Aqui elenca-se algumas atitudes que ajudam na construção de cada tipo de e-mail:

Quadro 1 – Tipo de E-mail

(continua)

Tipo de e-mail	Características	Observações
E-mail de solicitação	<p>a) Levar em conta a quem se está pedindo;</p> <p>b) mencionar desde o início da mensagem do que se trata;</p> <p>c) ser breve e específico;</p> <p>d) colocar uma pergunta ou demanda de forma destacada;</p> <p>e) usar de franqueza e gentileza;</p>	<p>Enviar em um horário apropriado para leitura. O primeiro horário do turno é o mais adequado para chamar a atenção do interlocutor, exemplo; Mensagem para solicitar uma entrevista de emprego, a tendência é que o analista de Recursos humanos acesse a caixa de entrada de e-mails ao iniciar seu trabalho pela manhã ou pela tarde.</p>
No e-mail resposta:	<p>a) procurar se o mais rápido possível para retornar;</p> <p>b) ser claro na resposta, uma vez que resposta evasiva pode seguir alimentando a conversa sem chegar a um ponto satisfatório para os envolvidos; c) se for uma mensagem ofensiva, por vezes, o melhor é não responder. Se for responder não estender o assunto;</p> <p>d) procurar responder na mesma medida, mensagem bem formal, demanda resposta com elementos que mantém o foco em torno do assunto e o distanciamento em relação ao interlocutor, mensagem enviada com expressões de cordialidade, deve ser respondida da mesma forma e, assim por diante.</p>	<p>No e-mail o tempo de demora para a resposta aumenta o grau de cuidado para a construção da mensagem e, também, influencia no contentamento ou aceitação do remetente, principalmente se for uma resposta negativa.</p>

Quadro 1 – Tipo de E-mail

(conclusão)

Tipo de e-mail	Características	Observações
E-mail informativo	a) Para quem envia, exatidão nas informações; b) Para quem recebe, confirmar o recebimento é o suficiente.	Colocar alternativas de contatos telefônicos para maiores informações.
E-mail de agradecimento	a) é necessário tomar cuidado se a mensagem será individual ou coletiva, se o agradecimento for para uma pessoa coloque ela como destinatário principal e os demais em cópia para não ofuscar ou envie somente à pessoa alvo de seu agradecimento, para não causar constrangimentos.	Pode ser usado para parabenizar um(a) aniversariante, reconhecer um bom trabalho, etc. ou simplesmente para agradecer uma solução dada por um e-mail resposta.
E-mail de pedidos de desculpas	a) usar a voz ativa na primeira pessoa para assumir o erro.	As empresas usam este tipo de e-mail para lidar com situações, nas quais houve algum problema com seus produtos.
E-mail de socialização	a) mensagens claras, b) sucintas e c) simpáticas.	O e-mail de socialização pode conter um convite, um compartilhar de link para acesso virtual, nesses casos, as datas e os endereços são importantes.

Fonte: Shipley; Schwalbe (2008).

2.6.2 Netiquetas

As netiquetas ou etiquetas para a internet são dispositivos mentais que passaram a ser utilizados para moderar a interação nos ambientes virtuais, fazendo

parte, inclusive do letramento comunicacional (ou digital como apareceu nas páginas anteriores) que é pré-requisito para o uso do letramento computacional (domínio da máquina). No caso do E-mail, as netiquetas revelam importantes traços de boa educação e dedicação do locutor para a construção da mensagem. Na sequência, são apresentadas, como exemplo, algumas netiquetas sugeridas para o E-mail:

- 1) Evitar escrever a mensagem inteira em caixa alta. Letras maiúsculas indicam que se está gritando, ou enfatizando algum termo ou expressão.
- 2) Sempre especificar o assunto da mensagem no assunto/subject. Ajuda o destinatário a selecionar criteriosamente as mensagens a serem lidas.
- 3) Seja claro, breve e objetivo. Evite erros gramaticais, e evite mandar mensagens muito grandes.[...]
- 5) Não mandar e-mails não solicitados: correntes, avisos de vírus, propagandas, etc, pois elas geram tráfego inútil na rede. (PAIVA, 2010, p. 96).

Esses detalhes, como não escrever em caixa alta, preencher o campo assunto e os demais, valem para todos os tipos de e-mails e como já foram convenencionados entre os usuários da rede constitui-se um ato de grosseria ou desleixo com a mensagem não os observar. É preciso levar em conta que o êxito da interação está diretamente relacionado à forma do escrever, clareza no desenvolver a mensagem é o mínimo que se espera ao ler um e-mail, a brevidade e objetividade estão ligadas à necessidade de agilidade nas comunicações digitais.

- 6) Assinaturas em e-mails são interessantes, desde que não sejam muito longas. Aconselha-se não adicionar telefones pessoais, nem endereços.
- 7) Usar os smileys (ícones que denotam emoções) como tentativa de demonstrar mais claramente o tom de sua mensagem, na internet não se é interpretado como se o fosse frente a frente conversando com alguém.
- 8) Evitar flames (brigas), nem enviar ou responder a material provocativo. Nunca ofender, xingar ou gritar com alguém, ser conservador com o que escreve e liberal com o que recebe.
- 9) Ao responder a um e-mail, apagar as linhas da mensagem recebida, deixando somente as partes essenciais da mensagem referenciada. (PAIVA, 2010, p.97).

Essa continuação da lista de recomendações está relacionada à polidez e à qualidade da mensagem, observa-se por exemplo, a orientação do uso de ícones para sinalizar emoções, trata-se perceber quem é o interlocutor, algo que já se discorreu neste trabalho, quando se abordou as estratégias envolvidas para o uso da linguagem contextualizada. O decoro, por sua vez, faz parte do contínuo de monitoramento que também foi destacado anteriormente.

Um diferencial de qualidade de uma mensagem escrita dentro de uma interação com vários e-mails ou especificamente no e-mail de resposta é selecionar os trechos da(s) mensagens anteriores que devem permanecer na resposta, o simples excluir todo conteúdo anterior ao responder pode demandar perca tempo para destinatário recuperar as informações contidas na mensagem original, ao passo que, deixar todo o conteúdo sem critério de seleção prejudica a visualização e demonstra falta de dedicação na construção da mensagem. Enfim, as netiquetas demonstram o letramento do locutor na valorização do texto em si, aproveitando o fato de que mesmo sendo digital, o E-mail operar na assincronia, diferentemente das redes sociais que, em geral, operam com a comunicação instantânea.

2.6.3 O futuro do E-mail

O E-mail não seria atropelado pelas redes sociais como o sistema Facebook, o que tornaria obsoleto trabalhar uma ferramenta em extinção? Segundo Calvão, Pimentel e Fuks (2014, p. 18) “O Facebook não substituirá o e-mail porque não compete com ele”. De acordo com esses autores, a competição acontece entre sistemas ou serviços equivalentes e, Facebook é um sistema de conversação que, inclusive, possui um serviço de E-mail incluído mas não atende às expectativas dos usuários que utilizam em contextos mais formais.

O que vem ocorrendo é uma especiação decorrente de nichos específicos: pelos sistemas de redes sociais são enviadas cada vez mais mensagens de e-mail para amigos e demais conhecidos, enquanto os sistemas especializados em e-mail continuam sendo adotados como meio de comunicação oficial nas organizações. (CALVÃO; PIMENTEL; FUKS, 2014, p. 18).

Como observou-se na assertiva anterior, o E-mail manterá sua clientela de usuários interessados em uma correspondência assíncrona que pode acontecer independentemente de a pessoa possuir perfil em rede social. Cabe ao usuário optar pelo caráter mais informal daquilo que circula nas redes sociais ou possuir uma conta em um serviço especializado de E-mail, o que remete a uma organização textual mais elaborada destinada a interlocutores não tão familiares.

De acordo com Fuks, Calvão e Pimentel (2014) a sincronia explica a opção dos usuários de sistemas de conversação por uma mensagem em rede social ou E-mail.

Na conversa síncrona a interação transcorre de forma muito semelhante à conversa presencial (oralidade) e possui carga emocional, já na assíncrona:

Com mais tempo, os interlocutores elaboram melhor o conteúdo da mensagem, revisam antes de enviar, consultam outros textos e referências, inserem imagens, vídeos e documentos. A conversação assíncrona promove um discurso mais formal, polido e letrado. (CALVÃO; PIMENTEL; FUKS, 2014, p. 65).

É no sentido desse uso mais elaborado que a própria interface proporciona ao internauta: “área de digitação com várias linhas, levando o usuário a crer que ali é para digitar muito texto; também são apresentadas funcionalidades para formatar o texto e enviar arquivos.” (CALVÃO; PIMENTEL; FUKS, 2014, p. 79). A indução a esse tipo de comportamento atua tanto do lado do locutor na construção do texto, quanto do interlocutor no julgamento das propriedades básicas do gênero que estão presentes na mensagem recebida.

3 METODOLOGIA

3.1 Metodologia da pesquisa

A proposta de um mestrado profissional, no ensino de línguas, sugere o desenvolvimento de uma pesquisa quanto à natureza Aplicada que, por sua vez, contribua para a prática docente. A partir da afirmação de Greenwood e Levin (2006, p. 92) “o desafio central para as universidades consiste em recusar as aulas convencionais a favor de situações de aprendizado baseadas na busca de soluções para problemas abertos que estejam no âmbito da vida real”.

A ideia de uma intervenção na realidade é contemplada na pesquisa-ação, ela “se apresenta como método de pesquisa inserida em práticas ou ações sociais, educacionais, técnicas, estéticas etc.” e sua versatilidade permite-nos construir uma caminhada que “pode se distanciar tanto do objetivismo quanto do subjetivismo, encontrando certa afinidade com o construtivismo” (THIOLLENT, 2011, p. 10).

Se fosse uma linha de pesquisa tradicional, para traçar um olhar objetivo o enfoque seria de caráter quantitativo. Por outro ângulo, a pesquisa qualitativa abrigaria as informações que remetem à opinião, observação, enfim, ao tratamento subjetivo dos dados; isso não mudou, porém, hoje, pode-se usar o “modelo multimodal (triangulação): convergência ou fusão dos enfoques de pesquisa quantitativo e qualitativo” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006, p. 7).

Um dos desafios desta pesquisa-ação é: partindo de um resultado quantitativo, obtido na sondagem (Ver Anexo A), estabelecer um plano de ação que permita uma análise qualitativa do processo. No enfoque quantitativo predomina o raciocínio dedutivo, o que é muito útil nesta pesquisa, uma vez que, a partir de questões com respostas objetivas, comprova-se que em geral, os alunos não utilizavam e-mails para envio de mensagens, mas possuíam interesse de aprender, logo, há pertinência da temática diante da realidade encontrada no grupo de estudantes pesquisados.

O enfoque qualitativo está sendo usado na análise do processo de desenvolvimento da sequência didática: em meio à prática; no intervalo entre uma intervenção e outra e; sobretudo, na comunicação da experiência realizada. Há a responsabilidade acadêmica de uma produção de conhecimento que ultrapasse os estudos exploratórios e descritivos e, também, o contexto da escola pesquisada; é preciso explicar a especificidade pedagógica no sentido de extrair “generalizações no

estudo de problemas sociológicos, educacionais ou outros, de maior alcance” (THIOLLENT, 2011, p. 23).

A pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011, p. 22-23) prevê um contato direto entre pesquisador e as pessoas que fazem parte do contexto investigado; o problema principal da pesquisa se constitui em meio à situação de interação é em função dele que se decide as ações para gerar uma solução em determinada realidade, sendo que todo processo é pautado pela ação e reflexão; esperando que essa interação proporcione um acréscimo de conhecimento no pesquisador e também no grupo pesquisado.

Conforme Thiollent (2011, p. 24), entende-se que uma das particularidades da pesquisa-ação reside no fato de que ela deve conciliar o objetivo prático que visa contribuir com a atividade transformadora da situação. Neste caso, refere-se à apropriação do gênero textual trabalhado e; o objetivo de conhecimento que está relacionado com a obtenção de informações por meio da observação e da produção dos estudantes; além disso - a tomada de consciência - um objetivo maior que também deve ser perseguido, a fim de deixar um legado da pesquisa aos alunos e à professora regente.

3.1.1 Definição da temática

O presente projeto de pesquisa nasceu a partir da ideia de levar uma ferramenta digital para o estudo e produção textual no componente curricular língua portuguesa, sendo que a intenção era trabalhar com gêneros, mas ainda não havia uma delimitação, era preciso averiguar o estado da arte. “Em primeiro lugar, exigem-se estudos preliminares que permitirão verificar o estado da questão que se pretende desenvolver sob o aspecto teórico e de outros estudos e pesquisas já elaborados.” (LAKATOS; MARCONI, 2012, p. 103).

A pesquisa nos repositórios digitais mostrou um vasto número de publicações envolvendo a temática, porém, a maioria delas fazendo da plataforma digital mais uma ferramenta didática para reforçar o ensino tradicional e/ou uma forma de renovar o modelo de apresentação do conteúdo canônico disponibilizado pelos planos de estudo.

Alguns trabalhos chamaram a atenção e foram instigadores para a delimitar que o tema fosse o E-mail, entre eles posso citar: E-mail: um novo gênero textual

(PAIVA, 2004), nesse artigo, a autora convida seus interlocutores a conhecerem o correio eletrônico, a sua relação com os gêneros textuais, oferece orientações para as netiquetas e, no final relaciona a ferramenta com a cidadania, com a inclusão social, isso despertou o interesse de trazer o E-mail para a sala de aula.

Outro trabalho de base foi “Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital” de Marcuschi (2005), nesse livro o autor destaca que o E-mail é a ferramenta digital mais utilizada e aponta uma série de vantagens comparando-o com as versões escritas e, também, com outras formas de comunicação disponíveis na internet.

O livro “Do email ao Facebook: uma perspectiva evolucionista sobre os meios de conversação da internet” de Calvão, Pimentel e Fuks (2014) trouxe várias comparações entre o E-mail e os sistemas de conversação síncrona, deixando claro que se tratam de nichos diferentes de atuação e recursos digitais disponíveis.

Somando-se às referências bibliográficas mencionadas havia a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2016, p. 351), a qual, embora fosse uma proposta preliminar, sugeria que o E-mail fosse trabalhado especificamente no 9º ano do ensino fundamental:

Escrever carta de solicitação para ser enviada por e-mail. Avaliar os recursos linguístico-discursivos como formas de tratamento; uso de articuladores (conjunções/conectores) no desenvolvimento de justificativa da solicitação; uso de expressões para encerrar a carta, adequadas às exigências formais do gênero.

A assertiva anterior ajudou a confirmar o público-alvo da intervenção, enquanto as demais contribuíram para a escolha da ferramenta digital, pois, elas possuem em comum o fato de chamarem a atenção para a importância do E-mail, enquanto gênero e sua relação com as práticas sociais.

3.1.2 Contexto e sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no município de Santana do Livramento-RS, cidade fronteira, com pouco mais de 80 mil habitantes do lado brasileiro e mais de 100 mil do lado uruguaio. Nesta região do mundo, o idioma português e espanhol convivem lado a lado, há uma riqueza linguística transmitida oralmente e, a modalidade escrita da língua é o campo para os professores da área de linguagem

trazerem a variedade considerada culta ou aquela que será solicitada no decorrer dos estudos e das atividades formais.

Dentre as escolas da cidade, optou-se por aplicar o projeto apenas em escolas públicas, pelo fato de se acreditar que seria mais relevante em termos de contribuição para redução da desigualdade social, uma vez que, por questões econômicas, o natural é que o estudante da rede privada já tenha mais contato com tecnologias digitais, até por contemplar algumas atividades de seus familiares.

A primeira escola a acolher o projeto, ainda na fase embrionária, ano de 2016, foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Pacheco Prates (escola nº 1), localizada nos subúrbios da cidade, lindeira a bairros ocupados predominantemente por famílias de baixa renda, às quais pertencem a maioria dos estudantes do educandário. Dentre as características da escola, um destaque foi que ela possuía laboratório de informática em funcionamento, ainda que a internet na época não era tão rápida e os computadores modestos, fornecidos pelo governo federal através do Proinfo.

Na escola Pacheco foi possível desenvolver o projeto-piloto que serviu de base para qualificar o projeto de pesquisa junto ao programa de mestrado e essa experiência também é referida nessa dissertação por conter dados, observações do pesquisador e da professora regente; são informações que permitem estabelecer paralelos em relação à realidade do ano de 2020.

O projeto teve uma interrupção no ano de 2017 e, por isso, quando retomado em 2019, foi solicitado pela nova orientação que fossem realizados novos testes. A segunda escola que aparece na pesquisa é a Escola Estadual de Ensino Médio Cyrino Luiz de Azevedo (escola nº 2), a qual atende moradores de um antigo bairro industrial (com as plantas industriais desativadas), também de periferia, com muitas famílias de baixa renda, mas com algumas famílias com melhor poder aquisitivo, o que permitia que alguns alunos tivessem aparelhos celulares de última geração e já estivessem desenvolvendo conhecimento acerca do correio eletrônico.

Na escola Cyrino não havia um laboratório de informática que comportasse o desenvolvimento do trabalho, a internet instalada apresentava sinal precário e o sinal de internet móvel era muito oscilante, isso ocasionou várias adaptações da proposta inicial porque implicou em aulas mais expositivas com mais ênfase nos cuidados de linguagem e gêneros textuais do que no correio eletrônico em si.

Em meio a aplicação da sequência didática, o magistério estadual entrou em greve e, embora a professora de português permanecesse em atividade, a frequência dos alunos caiu drasticamente, o que desarticulou as atividades coletivas que estavam planejadas e não apontou indicadores consistentes de evolução individual, gerando assim a necessidade de uma nova aplicação no ano de 2020.

Para o ano de 2020, foi escrito o planejamento da sequência didática para aplicação em uma sala de aula regular. Pensando em traçar alguns pontos paralelos e, também pelo fato de a escola estadual atrasar o início do ano letivo em função da greve, o projeto retornou para a escola municipal Pacheco Prates (escola nº 1), para começar desde o início do ano letivo, inclusive a professora regente propôs que o trabalho fosse realizado com as duas turmas de 9º ano (37 alunos).

Antes de iniciar as aulas, aplicou-se aos alunos o questionário para averiguar os conhecimentos de E-mail e informática. Ocorre que, exatamente, no dia marcado para apresentação da sequência didática à primeira turma, o poder executivo Municipal estabelece um período de isolamento social em decorrência do surgimento de casos de contaminação com o novo vírus que assola a humanidade. Com isso, as aulas presenciais foram interrompidas e o planejamento que havia sido acordado com a professora de português (escola nº 1) teve que ser abandonado.

A quarentena ou distanciamento social começou em março de 2020 e, com o surgimento de novos casos da doença, as atividades escolares presenciais, nas escolas municipais, foram suspensas por tempo indeterminado. Por outro lado, o governo do estado já sinalizava que a quarentena seria até o final de abril e as aulas seriam retomadas em maio, mesmo que não fosse possível de forma presencial seria retomada à distância. Diante desse cenário optou-se por contactar uma escola estadual que estivesse organizada tanto para a aula presencial como para uma alternativa viável à distância. Foi realizado contato com a Escola Estadual Maurício Cardoso (escola nº 3), a qual estava organizando um grupo de *WhatsApp* para manter contato com os estudantes. A escola acolheu a proposta e concedeu autorização ao pesquisador para atuar junto com a professora de português para proceder à aplicação remota da sequência didática na turma do 9º ano. Chegou-se a enviar o primeiro vídeo por *WhatsApp* para fazer um chamamento para a turma e, para surpresa da comunidade escolar, o governo do estado suspendeu as aulas e determinou férias escolares, também, em decorrência da pandemia que avançava sobre o estado naquele momento.

Diante das incertezas, retomou-se as tratativas com a escola municipal (escola nº 1), na qual, até aquele momento, os alunos não estavam retornando as atividades enviadas pelos professores no *WhatsApp*, por isso seria inviável insistir que as turmas inteiras participassem, uma vez que as aulas seriam disponibilizadas na plataforma de vídeos YouTube, o que demandaria disponibilidade de internet.

A alternativa encontrada pela vice-direção e pela professora de português foi convidar os alunos do 9º ano a participarem voluntariamente, sem a perspectiva de contabilizar nota. Do total de 38 alunos somadas as turmas de 9º ano, vários não estavam mantendo contato por não terem *WhatsApp*, mas 12 alunos aceitaram participar de um grupo de estudo criado especialmente para a temática E-mail.

Durante essas semanas de incerteza, o pesquisador deu início aos testes para a construção de videoaulas e, quando estava em condições de iniciar a implantação na escola municipal (nº 1), recebe uma mensagem da professora da escola estadual (nº 3) dizendo que “a turma estava liberada para a aplicação e que a temática chegaria no momento certo porque os alunos precisavam criar contas de e-mails validas para acessar a plataforma de estudo que estava sendo testada”; a oferta foi aceita e o pesquisador passou a interagir com os estudantes no grupo de *WhatsApp* da escola e da turma de português.

Após as procrastinações, a sequência didática, de oito aulas, foi aplicada em junho de 2020, na escola estadual para toda a turma de 9º ano e, paralelamente, para o grupo de estudo que se formou na escola municipal.

3.1.3 Instrumentos de coleta de dados

Nesta pesquisa-ação as informações foram extraídas a partir de dados obtidos com a aplicação de um questionário aos alunos (Anexo I e II), para verificar seu grau de conhecimento tecnológico. Além disso, a observação dos detalhes linguísticos das mensagens e interação na análise da aplicação será acompanhada de uma rubrica de avaliação de resultados, explicada aqui, para destacar aspectos que tornam um ato de comunicação exitoso.

Quadro 2 – Rubrica de avaliação

(continua)

1) Percepção do destinatário do texto
<p>O aluno demonstrou que percebeu para quem escreveu a mensagem?</p> <p>O ponto de partida para o êxito da comunicação é o reconhecer quem será seu interlocutor, é muito diferente de quando se escreve um texto fictício com personagens imaginários ou quando se disserta na forma de carta aberta, no e-mail há um destinatário real, definido a partir do preenchimento do endereço eletrônico, em relação ao qual o locutor deve assumir uma postura de cordialidade, respeito e linguagem acessível.</p>
2) Finalidade visada
<p>Nas mensagens enviadas o aluno cumpriu o objetivo?</p> <p>A troca de e-mails é um meio ágil de interação, carregado de objetividade, ou seja, as pessoas não ficam trocando mensagens sem pretender alcançar um objetivo, inclusive, são colocadas de forma enxuta as informações necessárias para que se alcance uma culminação satisfatória (ou pelo menos conclusiva) para os participantes.</p>
3) Percepção de sua posição como autor
<p>O aluno assumiu sua posição de responsável pela mensagem?</p> <p>A resposta a essa pergunta está relacionada ao fato de o locutor ter bem claro que é ele quem faz a proposição do assunto ou responde de forma conclusiva, além disso, a condição de autor deve revelar uma pessoa responsável pelo seu texto, pelas informações, pelos desdobramentos que a mensagem desencadeará.</p>
4) Prática social realizada
<p>As mensagens que o aluno enviou fizeram bem para quem recebeu ou para ele pelo menos?</p> <p>A interação proporcionada pela troca de mensagens deve gerar algo bom, seja uma informação necessária pelo locutor, seja um ato de fraternidade, seja um comunicar de algo relacionado à carreira profissional ou estudantil e, até mesmo, um enviar de arquivos, o importante é que essa troca de mensagens contemple o exercício de sua cidadania, seja para perguntar ou para expressar seu conhecimento.</p>

Quadro 2 – Rubrica de avaliação

(conclusão)

5) Elementos linguísticos
<p>Observou-se uso de gênero textual, tipo textual, monitoração da linguagem, o tipo de e-mail foi explorado?</p> <p>Nessa pergunta cabe analisar o nível de apropriação teórica que o estudante já conhece e utiliza nas situações reais escritas. Sobre gênero textual analisasse a regularidade e função do gênero escolhido, quanto ao tipo textual se houve a tentativa de enriquecer a mensagem trazendo alguma construção textual que permite identificar um ou mais tipos de texto inseridos ali no seu discurso, no seu artefato discursivo. Na monitoração da linguagem inclui-se a contextualização que abarca desde um pronome de tratamento à escolha das palavras funcionais atreladas àquele contexto de interação. A exploração de um tipo específico de e-mail é sinal de domínio linguístico que lhe permite obter coerência dentro da interação e chegar de forma mais objetiva aos seus objetivos na interação.</p>

Fonte: Autor (2020).

Por último constam a análise das respostas dissertativas verificadas no questionário (Apêndice III) aplicado junto às docentes que receberam em suas turmas a sequência didática.

3.2 Metodologia da intervenção

A prática pedagógica com a temática E-mail foi organizada e testada, em vários momentos, na forma de projeto-piloto: com aulas presenciais; com intervalos de dias entre uma aula e outra; em forma de sequência didática, seguindo o esquema linear de apresentação, produção inicial, módulos e produção final. Sempre levando em conta que cada sala de aula, cada turma ou grupo apresenta características que exigem adaptação de qualquer modelo didático pré-estabelecido.

Como são dois conteúdos paralelos: gêneros e plataforma de e-mails e; um transversal que se relaciona a contextualização (monitoração, formalidade, estilo, variação linguística, etc.), cabe ao mediador(a) perceber qual deles deve ser mais

ênfatizado ou ocupar mais tempo da aula, por isso, apesar de ser um produto pedagógico preestabelecido para acontecer em um determinado intervalo de tempo, é necessário concentrar naquilo que é mais proveitoso para os alunos.

O desenho do projeto para a sala de aula presencial reservou espaço para que o avanço no conteúdo fosse realizado em função da resposta positiva de participação em aula, ou seja, à medida que o conteúdo é apresentado os próprios alunos, por sua participação com contribuições e perguntas, demonstram se já houve assimilação. Tudo isso, dentro de uma intervenção presencial, que permite alternâncias e ajustes antes dos alunos produzirem suas respostas, o que é bem diferente em um ensino à distância com conteúdo disponibilizado, apenas em plataforma.

Agora, neste contexto de pandemia e isolamento social que retirou os alunos da sala de aula física no interior da escola, do aprender coletivamente na interação com seus pares e com (a) o docente, torna-se necessário adaptar o nível de cobrança de participação dos alunos e; também, a exigência de quantidade (no que tange à utilização de recursos linguísticos). Uma vez que, a mediação fica prejudicada pela falta de sincronia entre o pensamento do aluno em relação ao objeto de estudo e o sanar das dúvidas, com as perguntas na sala de aula.

É necessário ultrapassar a dependência cíclica que vários alunos do ensino fundamental têm em relação à ajuda do(a) professor(a), trata-se de proporcionar atividades que os levem, agora individualmente, a desenvolver autonomia para empreender-se no escrever.

Ensinar a escrever obriga o professor a criar as condições para que determinados processos se desenvolvam sem implantá-los diretamente. Desenvolvimento cognitivo nunca se pode ensinar diretamente. Desenvolvimento psíquico representa uma função autônoma do aprendiz, mas esta função precisa do contexto social, das formas sociais de ensino-aprendizagem, ou seja, dos processos de mediação. (GERALDI, 2010, p. 169).

Diante desse desafio de combinar mediação e autonomia, neste trabalho, utiliza-se da metodologia da sequência didática, a qual em sua essência é presencial, mas será adaptada a uma explanação teórica realizada por meio de vídeos, disponibilizados em uma plataforma na internet. Trata-se de uma situação atípica que requer soluções criativas sem perder de vista que ocorra uma construção de conhecimento sobre a produção textual organizada em uma plataforma digital com a

característica de ser assíncrona, o que difere do conhecimento que eles possuem sobre aplicativos de mensagens instantâneas.

Desde a assertiva inicial, neste estudo, acredita-se que o correio eletrônico seja a melhor ferramenta para o ingresso do sujeito letrado no universo das práticas sociais veiculadas em suportes digitais. Nesse sentido, a própria finalidade de uma sequência didática corrobora para:

Ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente; sobre aqueles dificilmente acessíveis, espontaneamente, pela maioria dos alunos e sobre gêneros públicos e não privados. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 82).

Na citação anterior, os autores falam de domínio ou a falta dele em relação a determinado gênero e, isso, contempla a necessidade de aprofundamento, do estudo do e-mail porque, apesar de vários alunos considerarem que sabem utilizar dispositivos digitais, eles ainda não tiveram uma reflexão teórica suficiente para produzir de forma adequada às exigências que um artefato como o e-mail requer, devido a sua agilidade e alcance, inclusive, com propriedades de gêneros especificamente digitais.

Diante disso, ainda que isolados em casa, é preciso proporcionar aos educandos no último ano do ensino fundamental (9º ano) aporte teórico que leve ao uso qualificado do E-mail, uma vez que, este se constitui como ferramenta básica de inserção na cultura digital. Para isso, o pesquisador aplicará suas aulas no formato à distância com disponibilização de material em plataforma e interação assíncrona via dispositivos de mensagens, relacionando a estrutura de sequência didática sugerida por Dolz, Noverraz e Schneuwly, (2004, p. 83) com a temática correio eletrônico:

Quadro 3 – Sequência didática

Divisão por módulos	
Apresentação Inicial (1 hora-aula)	O trabalho começará pelo relato de pontos da história do E-mail que em certos momentos se cruzam com a evolução da internet.
MÓDULO I (3 horas-aula)	Funcionalidades da conta de e-mail; composição do endereço; criação da conta; nome de usuário; estrutura do correio eletrônico; os campos do cabeçalho; exemplo de construções de mensagens.
MÓDULO II (2 horas-aula)	Estudará os gêneros textuais epistolares, seus elementos básicos, suas possibilidades de aplicação na plataforma do e-mail e característica da comunicação no ciberespaço. As atividades incluirão construção de textos, observando a presença ou ausência de formalidade. Também neste módulo, serão apresentados Tipos de E-mails com orientações para a construção das mensagens.
MÓDULO III (2 horas-aula)	Tratará sobre tipos textuais, não como regra rígida que limita o texto, mas como recurso linguístico que pode qualificar a mensagem e produzir um discurso mais sofisticado, rico em detalhes; além disso, abordará elementos de contextualização, netiquetas, assincronia.

Fonte: Autor (2020).

Na sequência, são apresentadas as aulas assíncronas com seus objetivos que visam proporcionar aprendizado aos educandos e material para análise da implantação do produto pedagógico:

Quadro 4 – Apresentação inicial

AULAS	OBJETIVOS	DESCRIÇÃO
<p>AULA 1 – história do e-mail</p> <p>Instrumentos utilizados: aplicativo de mensagens, plataforma de vídeo e plataforma de correio eletrônico</p>	<p>OBJETIVOS PARA O ALUNO:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) construir conhecimento histórico sobre o e-mail e a internet; 2) estabelecer relação entre avanço da internet e o protagonismo do e-mail; 3) despertar o interesse pela temática correio eletrônico. <p>OBJETIVO NA PESQUISA:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) apresentar a temática E-mail. 	<p>A primeira parte da aula será assistir ao vídeo sobre a história do e-mail¹⁷, no qual serão apresentadas informações a respeito do surgimento do correio eletrônico, a sua relação com o desenvolvimento da internet, quem foi o criador do e-mail e do símbolo arroba. A segunda parte já implicará em uma participação digital do educando e consistirá em:</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Caso possua conta de e-mail o aluno deve enviar uma mensagem, com assunto “Primeiro contato”, para o endereço: emailgrupo9ano@gmail.com. b) Se não tiver conta deverá enviar a mensagem no <i>WhatsApp</i> do grupo; c) Na mensagem o aluno(a) escreverá, em algumas palavras, se sabia que a tecnologia se desenvolveu por causa da guerra; ou, se preferir, realizará apenas um comentário sobre a internet e o e-mail.

Fonte: Autor (2020).

¹⁷ Vídeo 1: OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **História do e-mail**: material para o 9º ano. 2020a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pJkqREvNQhE>.

Quadro 5 – Módulo I

(continua)

AULAS	OBJETIVOS	DESCRIÇÃO
<p>Aula 2- Funcionalidades da conta de E-mail</p> <p>Instrumentos utilizados: aplicativo de mensagens, plataforma de vídeo e plataforma de correio eletrônico</p>	<p>OBJETIVOS PARA O ALUNO:</p> <p>1) criar ou ativar uma conta de e-mail; 2) relacionar endereço de e-mail e identificação digital; 3) acentuar o interesse pela temática correio eletrônico.</p> <p>OBJETIVOS NA PESQUISA:</p> <p>1) Apontar o E-mail como ferramenta de inserção social no ciberespaço.</p>	<p>A aula consistirá em assistir ao vídeo sobre a conta de E-mail¹⁸, o qual mostrará que o endereço de correio eletrônico pode servir para várias funções de interação no ciberespaço e apresentará exemplos de contas de e-mail.</p>
<p>Aula 3- Composição do endereço de E-mail</p> <p>Instrumentos utilizados: aplicativo de mensagens, plataforma de vídeo e plataforma de correio eletrônico.</p>	<p>OBJETIVOS PARA O ALUNO:</p> <p>1) Identificar os elementos que compõem um endereço de E-mail; 2) adquirir subsídios teóricos para construir seu endereço eletrônico;</p> <p>OBJETIVOS NA PESQUISA:</p> <p>1) Colaborar para o letramento digital.</p>	<p>A aula consistirá em assistir ao vídeo que contém o detalhamento da composição do nome de usuário(login)¹⁹, provedor e localização; no final do vídeo, constarão sugestões para a eficácia do nome de usuário.</p>

¹⁸ Vídeo 2, primeira parte: OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **Conta de e-mail, a porta de entrada no ciberespaço**: material para o 9 ° ano. 2020b. Disponível em: <https://youtu.be/DVPyZcC6qv0>.

¹⁹ Vídeo 2, segunda parte: OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **Conta de e-mail, a porta de entrada no ciberespaço**: material para o 9 ° ano. 2020b. Disponível em: <https://youtu.be/DVPyZcC6qv0>.

Quadro 5 – Módulo I

(conclusão)

AULAS	OBJETIVOS	DESCRIÇÃO
<p>Aula 4- Estrutura de uma plataforma de E-mail</p> <p>Instrumentos utilizados: aplicativo de mensagens, plataforma de vídeo e plataforma de correio eletrônico.</p>	<p>OBJETIVOS PARA O ALUNO:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Aprender a localizar-se em uma plataforma de E-mail; 2) construir conhecimento acerca do preenchimento do cabeçalho; 3) Utilizar os recursos de edição e envio de mensagens. <hr/> <p>OBJETIVOS NA PESQUISA:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Qualificar a produção textual digital, através da utilização dos recursos da plataforma. 	<p>A aula consistirá em assistir a dois vídeos²⁰ que falarão primeiro sobre a plataforma, depois sobre os recursos de edição para a construção e envio das mensagens e, no vídeo seguinte, sobre o recebimento de mensagens e a construção da resposta. Para exemplo será utilizado o provedor Gmail, por ser gratuito e, também, por ser a plataforma mais utilizada, atualmente, no ciberespaço. Ao assistir a tarefa do aluno será anotar no caderno os itens pontuais da estrutura e enviar uma mensagem listando os elementos principais.</p>

Fonte: Autor (2020).

²⁰ Vídeo 3: OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **Estrutura do correio eletrônico**: material para o 9 ° ano. 2020c. Disponível em: <https://youtu.be/V3pbGjwP8Vo>.

Vídeo 4: OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **Responder uma mensagem**: material para o 9 ° ano. 2020c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dralRj4TXkA>

Quadro 6 – Módulo II

(continua)

AULAS	OBJETIVOS	DESCRIÇÃO
<p>Aula 5- Gêneros epistolares</p> <p>Instrumentos utilizados: aplicativo de mensagens, plataforma de vídeo e plataforma de correio eletrônico.</p>	<p>OBJETIVOS PARA O ALUNO:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Lembrar as funções e características dos gêneros epistolares; 2) relacionar os gêneros já conhecidos no papel com as possibilidades de utilização, agora, na escrita digital por meio do correio eletrônico; 3) compreender características que conferem estabilidade aos gêneros. 	<p>A dinâmica permanecerá a mesma, assistir a dois vídeos sobre gêneros textuais, no primeiro serão lembrados, na forma de roda de conversa, alguns gêneros mais primários a que uma pessoa tem acesso²¹. No segundo vídeo, na forma de mapa/esquema conceitual serão apresentados gêneros textuais epistolares que circulam no mundo profissional ou institucional, logo na sequência, também na forma de esquema, serão destacados os pontos principais dos gêneros bilhete, recado, aviso e carta com a intenção de mostrar as semelhanças e distinções necessárias no momento da escrita²². No mesmo vídeo, serão realizadas algumas simulações de troca de mensagens, com a colaboração voluntária de duas estudantes de nono ano, as quais aceitaram participar do vídeo e construir mensagens a partir de proposição de situação conduzida pelo professor. Como atividade, cada aluno deverá combinar com um de seus colegas sobre enviar mensagem com papéis sociais distintos. As opções serão: um no papel de chefe o outro no papel de subordinado (qualquer profissão); um no papel de médico o outro no papel de paciente; um no papel de cliente o outro de advogado.</p>
	<p>OBJETIVOS NA PESQUISA:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Explorar as potencialidades dos gêneros textuais para a produção textual digital escrita. Lembrando que neste trabalho de pesquisa o e-mail é apontado como a melhor alternativa para o início das participações escritas no ciberespaço. 	
	<p>OBJETIVOS NA PESQUISA:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Convergir elementos da Cibercultura e dos gêneros textuais. 	

²¹ Vídeo 5: OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **Conversa sobre gêneros textuais**: material para o 9º ano. 2020d. Disponível em: <https://youtu.be/oDeKn4tK1nc>.

²² Vídeo 6: OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **Gêneros textuais presentes no e-mail**: material para o 9º ano. 2020e. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7GuRIOe3150>.

Quadro 6 – Módulo II

(conclusão)

AULAS	OBJETIVOS	DESCRIÇÃO
<p>Aula 6- Tipos de E-mails</p> <p>Instrumentos utilizados: aplicativo de mensagens, plataforma de vídeo e plataforma de correio eletrônico.</p>	<p>OBJETIVOS PARA O ALUNO:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Construir conhecimento sobre alternativas de escrita de E-mails, conforme a intenção do locutor; 2) Colocar-se no papel de locutor e interlocutor; 3) familiarizar-se com as características de tipos de e-mails. <p>OBJETIVOS NA PESQUISA:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Convergir elementos da Cibercultura e dos gêneros textuais. 	<p>assistir a um vídeo sobre tipos de E-mails²³, no qual serão apresentadas características do e-mail de solicitação, resposta, informação, agradecimento, pedido de desculpas e socialização. Além disso, o vídeo trará orientações para obter melhor êxito com a mensagem produzida. Na atividade, cada aluno optará por um tipo de e-mail que deseja treinar, construirá uma mensagem e enviará para o endereço de e-mail que o professor lhe fornecer.</p>

Fonte: Autor (2020).

²³ Vídeo 7: OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **Tipos de e-mail**: material para o 9 ° ano. 2020f. Disponível em: <https://youtu.be/tYeBc1nfvVQ?t=29>.

Quadro 7 – Módulo III

(continua)

AULAS	OBJETIVOS	DESCRIÇÃO
<p>Aula 7- Enriquecendo a Mensagem com Tipos Textuais</p> <p>Instrumentos utilizados: aplicativo de mensagens, plataforma de vídeo e plataforma de correio eletrônico.</p>	<p>OBJETIVOS PARA O ALUNO:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) lembrar as funcionalidades dos tipos textuais; 2) considerar a possibilidade de incrementação textual, quando se leva em conta os tipos textuais; 3) perceber que o e-mail mais complexo deve ser abastecido com elementos pertencentes a algum tipo textual. <p>OBJETIVOS NA PESQUISA:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Qualificar a produção textual. 	<p>A aula será ministrada por meio de um vídeo disponibilizado no YouTube, no qual serão abordados elementos narrativos, descritivos, argumentativos, expositivos e injuntivos²⁴. Caberá ao aluno apenas assistir e realizar a sua reflexão textual.</p>
AULAS	OBJETIVOS	DESCRIÇÃO
<p>Aula 8- Revisão, Netiquetas e contextualização</p> <p>Instrumentos utilizados: aplicativo de mensagens, plataforma de vídeo e plataforma de correio eletrônico.</p>	<p>OBJETIVOS PARA O ALUNO:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) apropriar-se de Netiquetas úteis à interação digital; 2) discernir familiaridade e contextos de interação; 3) reunir os conteúdos trabalhados e aplicá-los no envio de mensagens; <p>OBJETIVOS NA PESQUISA:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Preparar para a participação social no ciberespaço. 	<p>A aula é explanada por meio de videoaula no canal do YouTube, no decorrer do vídeo, serão retomados aspectos importantes vistos ao longo da sequência didática e acrescentadas informações referentes a etiquetas para a internet (netiquetas), convergindo na contextualização da mensagem que é um recurso disponível e exigido para quem faz uso de comunicação assíncrona²⁵. Na última parte do vídeo há uma palavra de incentivo à utilização do E-mail para a participação social.</p>

²⁴ Vídeo 8: OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **Enriquecendo a mensagem com tipos textuais**: material para o 9º ano. 2020g. Disponível em: <https://youtu.be/ciuBwi-uObs>.

²⁵ Vídeo 9: OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **Prontos para escrever, mas antes de enviar...**: material para o 9º ano. 2020h. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HNGoPhdnWfY>.

Quadro 7 – Módulo III

(conclusão)

AULAS	OBJETIVOS	DESCRIÇÃO
<p>Atividades para os alunos - Na sequência da aula, os alunos serão desafiados a trocarem mensagem com uma representante de empresa, vislumbrando aí como funciona o processo de envio de currículos para seleção de emprego e; também, com um(a) representante de instituição de ensino, tendo como conteúdo da mensagem a obtenção de informações referentes ao ensino médio ofertado na instituição. As orientações para as atividades de envio serão passadas, inicialmente, no aplicativo <i>WhatsApp</i> do grupo de estudo e, continuarão, só que de forma individual no <i>WhatsApp</i> pessoal, dada a especificidade da mensagem a ser construída, assim o aluno poderá tirar dúvidas e receberá o endereço de E-mail da instituição que ele tiver interesse de conhecer o funcionamento.</p>		

Fonte: Autor (2020).

4 ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO DO PRODUTO PEDAGÓGICO

A construção de material pedagógico, desde o projeto-piloto, apontou para uma especificidade de contexto social, ou seja, não seria um material genérico, porque a pretensão de culminância da sequência didática é a interação com interlocutores externos, por conta da efetivação da prática social. Por isso, o passo inicial foi aplicar um questionário que identificasse características do perfil tecnológico dos estudantes, o qual gerou o primeiro campo de análise.

Na sequência, é analisado o processo de implementação aula por aula e, por último, apresenta-se uma discussão acerca do questionário aplicado às docentes que abriram, em alguma das etapas de testes, suas turmas para receberem a sequência didática, uma vez que, a riqueza da pesquisa está neste processo de haver iniciado o projeto com aulas presenciais e ter finalizado à distância.

4.1 Análise do questionário aos alunos

Desde a primeira aplicação do projeto-piloto, houve o cuidado de primeiro realizar um questionário de sondagem, para identificar as características e o conhecimento do grupo acerca da temática, o que também forneceu base de dados para a pesquisa. Como reportado no histórico das aplicações, foi necessário buscar alternativas para a aplicação e ocorreu que a turma de 9º ano da escola municipal que respondeu, no início do ano letivo, ao questionário impresso, não pode receber a aplicação presencial, mas sim à distância na forma de grupo de estudo.

Por outro lado, como havia a previsão de retomada das aulas na rede estadual, acordou-se com uma escola do estado, para aplicar a sequência didática. Demorou mais de um mês para a liberação, mas, conseguiu-se uma janela de aulas para a aplicação, não foi fácil porque era uma aula por dia, quase não dava tempo de os alunos se familiarizarem com o assunto e já a professora regente postava uma nova aula com mais atividades. O questionário por exemplo, era importante para o trabalho, presencialmente levou 20 minutos para aplicar, mas à distância com essa turma da escola estadual levou vários dias, pois cada aluno solicitava ajuda individual.

Para organizar a leitura desse relato é preciso deixar claro que, só na aplicação desse ano, tratam-se de três grupos que fornecem informações para a análise. O primeiro deles que estava previsto para receber a aplicação (em março de 2020),

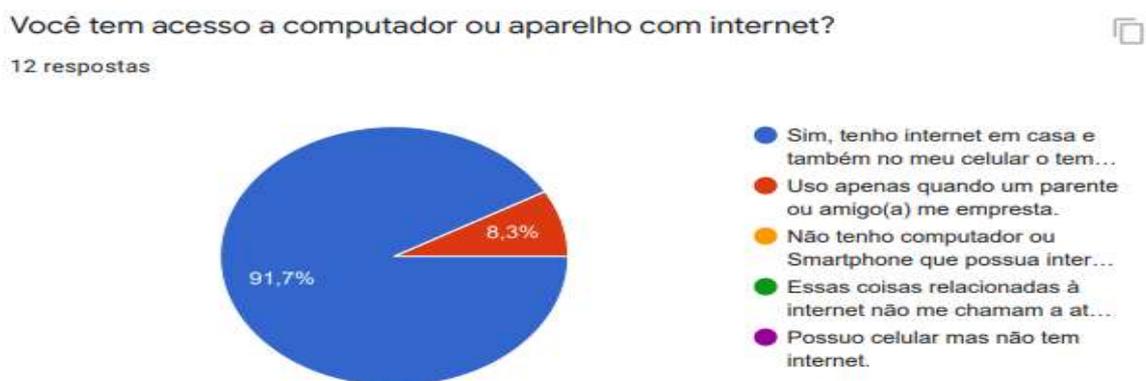
antes da pandemia, é nomeado aqui como “alunos da Escola Municipal Pacheco Prates”, tratam-se de duas turmas que responderam ao questionário (38 alunos).

Usa-se a expressão: “grupo de estudo da escola municipal”, para diferenciar que dentre os 38 alunos formou-se um grupo disposto a estudar a temática correio eletrônico. Porque, como já consta no histórico das aplicações, a vice-direção e a professora regente contactaram todos os alunos de 9º ano e convidaram aos que quisessem apreender sobre o E-mail para fazerem parte do grupo de *WhatsApp* que elas estavam criando, considerando também o acesso à internet suficiente para assistir às videoaulas, o retorno de interesse em participar resultou em um grupo com 12 estudantes.

Em um período intermediário (abril e maior), no qual a perspectiva do município foi de suspensão sem previsão de retorno ou aula remota, foi realizado contato de forma emergencial com a Escola Estadual Maurício Cardoso, a qual concedeu autorização ao pesquisador para atuar junto com a professora de português para proceder à aplicação remota da sequência didática na turma do 9º ano. Na análise a seguir, os alunos da escola Maurício são identificados como “turma da escola estadual”. É importante destacar que eles receberam a sequência didática como conteúdo normal de aula, sujeito a avaliações e emissão de nota.

Realizados esses ajustes de nomenclatura, adentra-se na análise dos questionários. As respostas a seguir foram dadas pela turma da escola estadual:

Gráfico 1 – Pergunta nº 1



Fonte: Autor (2020).

Apesar desse gráfico não conter informações de todos os alunos da turma, porque pelo menos 4 alunos não estavam respondendo aos contatos telefônicos da escola, dando a entender que havia uma dificuldade, até mesmo para manter um número de celular ativo. Ainda assim, esse percentual 91,7% de acesso à internet é muito próximo dos 94% que os alunos da escola municipal responderam no início do ano letivo e, também, praticamente repete, a mesma porcentagem de acesso que havia em 2016, quando da primeira aplicação, na escola municipal. Basicamente, apenas um aluno de cada grupo respondente afirmou não possuir acesso à internet. Significa que eles encontram uma forma de acessar a internet.

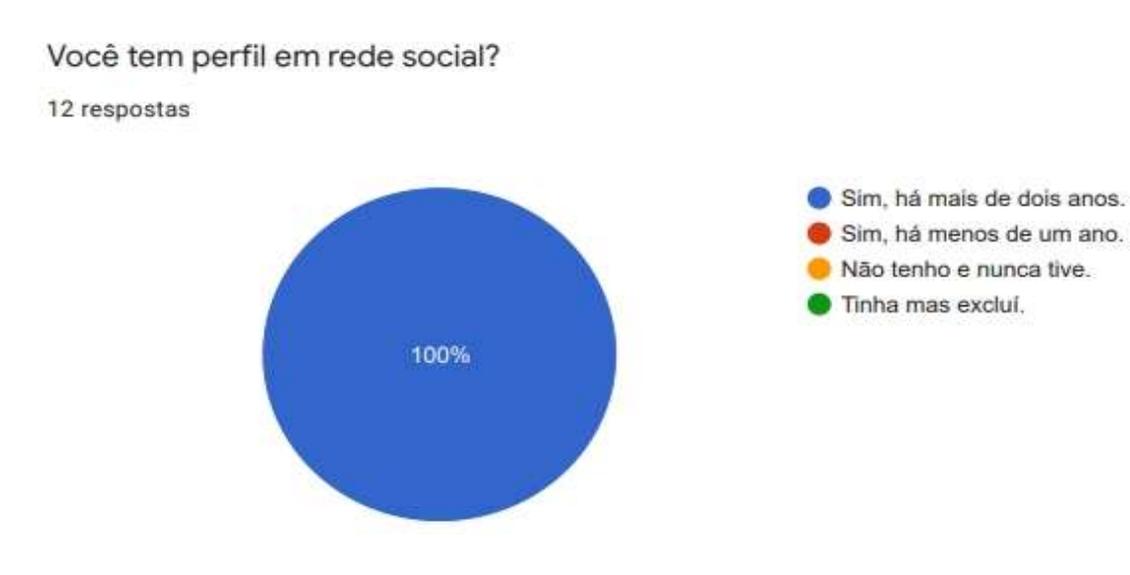
O Interessante é que isso contrasta com a observação das professoras na questão de nº 5 do questionário que responderam, todas as quatro docentes, afirmaram que o fato da maioria dos estudantes pertencerem a famílias de baixa renda dificultava a capacidade de eles utilizarem a internet.

A conclusão que se chega é a reportada por Belloni e Gomes (2008, p. 735), são necessárias ações para:

Atenuar as desigualdades sociais e para minimizar o abismo existente entre uma cultura de elite amplamente “digitalizada” e uma nova “cultura do pobre”, excluída da cultura letrada e dos novos saberes trazidos pelas novas tecnologias.

Há uma fragilidade nesse acesso, seja pela falta de uma internet contínua em casa ou pela falta de colocação de créditos no celular, o fato é que eles apenas conseguem entradas rápidas na internet, verificar e responder a alguma mensagem. O contato com os alunos pelo *WhatsApp*, por exemplo, era visualizado e respondido em forma de texto, quase que instantaneamente, para as outras formas havia morosidade, mensagem de voz no aplicativo custava a ser respondida e, quando acontecia, era na forma de texto. Assistir aos vídeos no YouTube, não foi um processo automático (recebeu o link, clicou e assistiu) para a maioria dos estudantes.

Gráfico 2 – Pergunta nº 2



Fonte: Autor (2020)

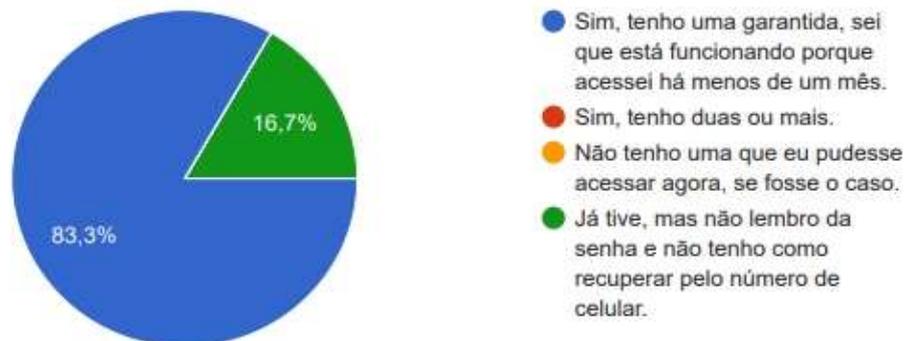
As respostas confirmaram o que já se previa, a participação em rede social é um fenômeno observado nos estudantes dessa geração. No referencial teórico, observou-se a partir Tapscott (2010), que estava havendo uma migração de interesse na rede mundial de computadores, nos adultos ainda prevalecia a busca por informações, mas os jovens estavam à procura de interação, contato com as pessoas. Se lá em 2016, em uma escola de periferia, com um público composto por famílias, quando essa pergunta, todos responderam que possuíam perfil em rede social, não é surpresa, que agora em 2020, o número se repita. Essa pergunta foi colocada com a intenção de observar se haveriam contradições, se de fato está consolidado entre as famílias, que é saudável que os filhos tenham acesso precoce ao universo das interações em ambientes digitais de interação social.

Na exposição sobre Cibercultura, na parte que comenta dos cuidados na rede, há exemplos de que a rede é perigosa para pessoas imaturas que ainda não sabem medir o grau de exposição. É importante registrar que a idade mínima para a criação de perfis em rede social não é respeitada, percebe-se que 2 anos atrás, os estudantes que estão na idade proporcional ao ano do currículo, tinham apenas 12 anos de idade, sendo que na resposta eles afirmaram que possuíam há mais de 2 anos o perfil. Não deve ser difícil falsificar a idade na hora da criação do perfil, o que chama a atenção é que os responsáveis legais não prestem atenção nesse tipo de ocorrência.

Gráfico 3 – Pergunta nº 3

Se você precisasse fornecer um endereço de e-mail para receber um benefício social do governo, diria que possui ou não possui conta de e-mail ativa?

12 respostas



Fonte: Autor (2020).

A pergunta original de 2016, era apenas se o estudante possuía ou não uma conta de e-mail e o percentual também ficou entre 80% e 90%. Marcuschi & Com esse contexto de isolamento social, suspensão das atividades econômicas ocasionadas pelos efeitos do coronavírus, tornou-se pertinente incluir a expressão benefício social, porque várias famílias dessa escola são beneficiárias dos programas sociais e, para a renovação de cadastro, naquele período, estavam cadastrando uma conta bancária, a qual exigia um e-mail válido para a confirmação dos dados.

Cabe registrar que poucos, 16,7% da turma da escola estadual, afirmaram (em junho) que não tinham uma conta funcionando; na escola municipal esse número foi de 41%, mas vale ressaltar que até aquele momento (início de março) não se imaginava que a comunicação digital iria ser tão relevante, inclusive para o cadastro bancário.

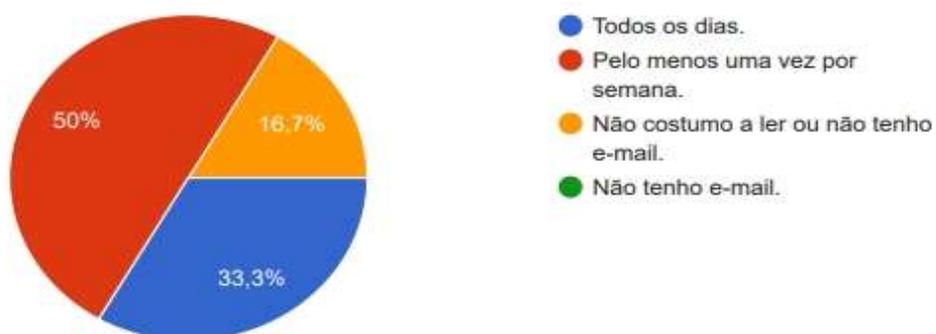
Segundo Marcuschi e Xavier (2004) o E-mail tem e terá um espaço garantido, nessa nova forma de comunicação proporcionada pelo Ciberespaço, dada sua praticidade e economia. Entre os motivos para manter uma conta ativa está o sistema operacional dos aparelhos celulares atuais (smartphones) que exigem uma conta para registro e recuperação de dados; para criar um perfil em rede social também precisa cadastrar um e-mail válido. Além disso, há famílias que possuem apenas um aparelho celular com acesso à internet e, geralmente, fica com alguém pertencente à geração

internet, ou seja, o(a) adolescente da casa, é comum os mais velhos dizerem “*eu não entendo como funciona, ela que está estudando que sabe mexer nessas coisas*”, desta forma o adolescente acaba gerenciando esse canal de comunicação da família, inclusive a conta de E-mail que a família cadastra em programas sociais.

Gráfico 4 – Pergunta nº 4

Com que frequência você abre a caixa de e-mails e lê as mensagens recebidas?

12 respostas



Fonte: Autor (2020).

Para que alguém seja considerado um cidadão conectado, realmente atualizado em termos de comunicação digital, se pressupõe que ele acesse sua caixa de entrada de e-mails, pelo uma vez por dia. Inclusive, na aula de orientações para o envio de e-mails, estudou-se que se obtém melhor resultado de abertura e resposta quando se envia a mensagem na primeira hora do expediente da manhã.

De acordo com Paiva (2010) o acesso ao E-mail está diretamente relacionado à participação social do indivíduo e, portanto, abstrai-se que a abertura da caixa de entrada e leitura diária são comportamentos esperados para o cidadão digital do século XXI, inclusive a autora menciona que o E-mail distingue “os com internet” e os “sem internet” (PAIVA, 2010, p. 90).

As duas respostas afirmativas da turma da escola estadual confirmam que, pelo menos nesse período de pandemia, há um cuidado de abrir as mensagens, isso ficou comprovado na troca de e-mails durante as atividades, em geral, as mensagens enviadas foram respondidas de um dia para ou outro, ou no máximo em dois dias. Naqueles dias estava ocorrendo a implantação de uma plataforma de estudo e eles

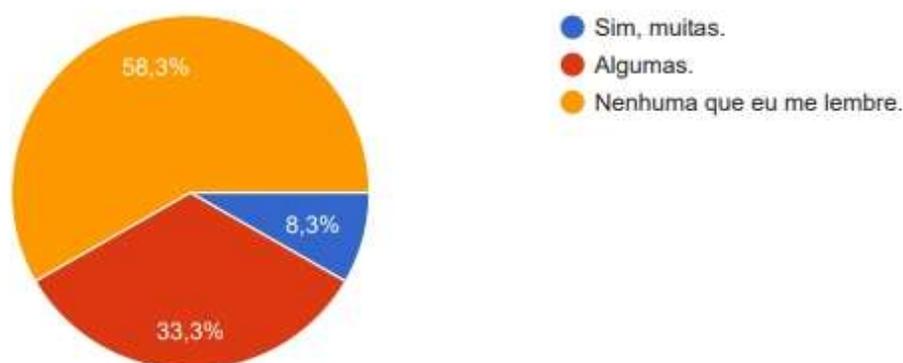
tiveram que criar um e-mail para acessá-la, isso pode ter tido alguma influência na prontidão de abertura.

Os alunos da Escola Municipal Pacheco Prates que em março ficaram divididos entre os que abriam os e-mails e os que não abriam, também expressaram isso nas atividades, mas foi utilizado o recurso de mensagem no *WhatsApp* para alertá-los. Ressalva-se que alguns comunicaram que ficaram sem saldo para acesso à internet. Na sequência mostra-se dados referentes ao envio de mensagens.

Gráfico 5 – Pergunta nº 5

Já enviou mensagem por e-mail?

12 respostas



Fonte: Autor (2020).

Observa-se no gráfico que a maioria ainda não havia começado a enviar mensagens, o dado se repete nos alunos da escola municipal, isso, tanto no questionário de 2016 quanto aplicado em 2020, havia, portanto, uma fronteira a ser ultrapassada. Importante, deixar claro que essa pergunta é realizada no início da intervenção pedagógica que traz a sequência didática, obviamente, ao final da aplicação, o resultado seria bem diferente, na aula presencial, a maioria enviou e-mails com mensagens construídas individualmente. Nessa aplicação à distância, só este questionário preenchido, por exemplo, já foi resultado de uma troca de mensagens.

É uma questão de hábito, aos 14 anos (idade da maioria) não há tantos motivos para escrever uma carta mais complexa, mas pode se enviar vários tipos de

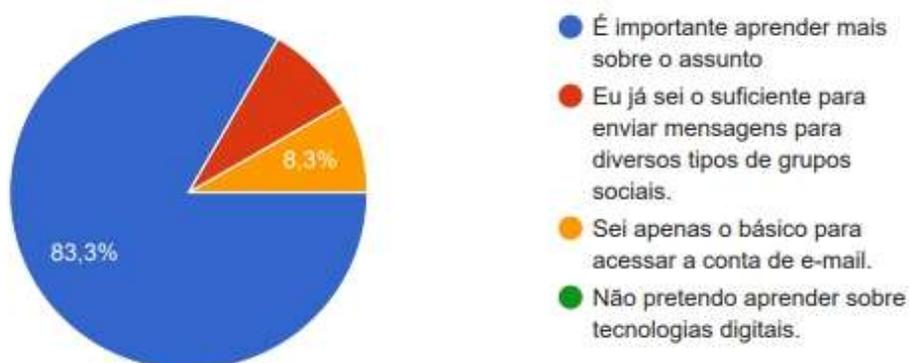
mensagens como relatou-se na sequência didática. Acredita-se que nesse ponto os professores de língua portuguesa têm um ótimo território para a mediação, a famosa Zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky mencionada por Geraldi (2010).

É interessante considerar que nessa fase da adolescência, a maioria das interações ocorra de forma síncrona, em mensageiros instantâneos, tomando como base Tapscott (2010), no referencial sobre Cibercultura, obtém-se que um dos pontos que os fazem aderir a alguma novidade é a velocidade, a geração internet se abastece de velocidade. Depois que descobrem que é só uma questão de organizar as ideias (coerência e coesão), o fluir da escrita de mensagens, também é muito dinâmico.

Gráfico 6 – Pergunta nº 6

A partir da afirmação " O e-mail é a porta de entrada para a sociedade digital". Você diria que?

12 respostas



Fonte: Autor (2020).

A pergunta foi posta no questionário para causar um momento de reflexão nos alunos e instigá-los a quererem saber mais sobre o assunto. A base para a afirmativa foi Paiva (2010), já mencionada anteriormente, a qual postulou que o E-mail serve para definir quem está conectado à rede mundial, além disso, a autora fazendo menção a McLuhan (1972) *apud* Paiva (2010, p. 90) traz a expressão “aldeia global” que é a comunidade virtual que expandiu e, hoje, se tornou a sociedade digital que vem subsistindo, inclusive os contatos presenciais. A confirmação da importância por mais de 80% foi um bom ponto de partida para o início da intervenção. Há também, a

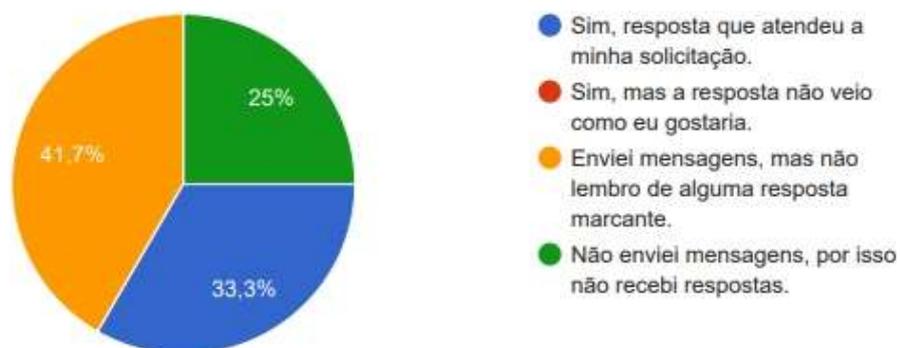
análise pessoal que nesse gráfico mostrou um estudante suficiente em relação ao tema e outro consciente de sua limitação no assunto.

Na aplicação do questionário juntos aos alunos da escola municipal, chamou a atenção, o fato de mais de 40% afirmar que sabia apenas o básico. Ao observar a resposta da questão sobre se a temática correio eletrônico havia sido trabalhada em aula, entende-se que o conteúdo E-mail fora trazido para a sala de aula e, por isso, os que marcaram só o “básico” referiam-se ao que aprenderam no ano anterior.

Gráfico 7 – Pergunta nº 7

Você lembra de alguma resposta que recebeu após ter enviado uma mensagem de e-mail?

12 respostas



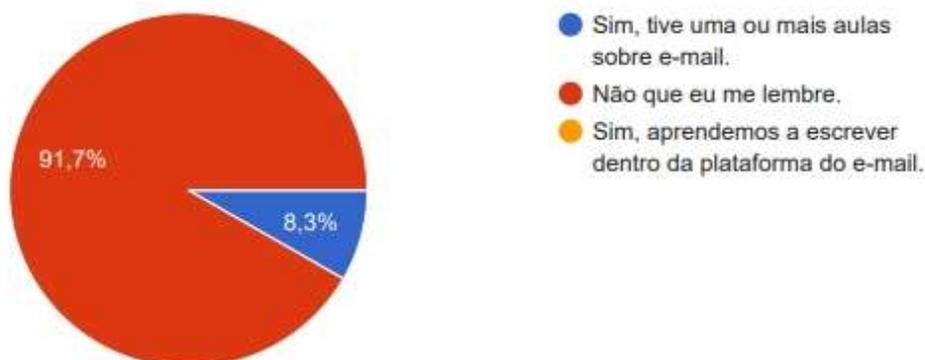
Fonte: Autor (2020).

Há uma discrepância no total de alunos que enviaram mensagens, pois, na pergunta que questionou se já haviam enviado mensagem mais de 58% sinalizou que não, sendo assim, não pode haver 74% que obteve resposta, ocorreu um problema de interpretação da questão ou falta de compromisso ao responder.

Gráfico 8 – Pergunta nº 8

Você já estudou o E-mail(correio eletrônico) na sala de aula?

12 respostas



Fonte: Autor (2020).

Dessa turma só um aluno(a) afirmou ter estudado o E-mail na escola, isso o coloca como exceção, portanto, no geral, a turma ainda não havia construído conhecimento sobre a temática E-mail, o que justificou a aplicação de uma sequência didática que buscou trazer informações lá do início da história do E-mail e abordou detalhes da estrutura, construção de mensagens, etc. De acordo com Marcuschi (2010) a escola precisará voltar-se para o discurso eletrônico, trabalhar com os alunos os artefatos linguísticos que circularão no futuro. Já a partir de Bakhtin (1992) compreende-se que será necessário a ação pedagógica organizada para fazer com que os educandos ultrapassem uma perspectiva frágil de comunicação digital primária e, cheguem aos gêneros secundários que são complexos e, geralmente, atrelados a contextos específicos.

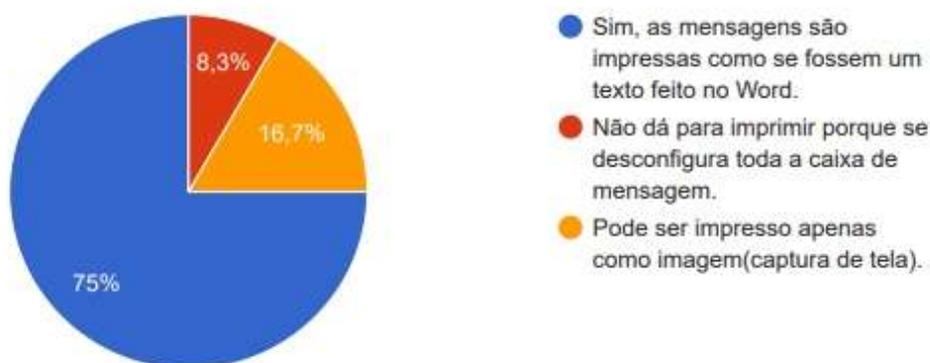
A resposta foi diferente entre os alunos da escola municipal, quase a metade sinalizou que já havia visto a temática na sala de aula, diante desse dado, surgiram duas hipóteses: ou eles marcaram errado e não compreenderam a pergunta, ou receberam aulas sobre e-mail antes do 9º ano. Descobriu-se o telefone da professora de português que dava aula para a turma de 9º ano, na época (2016) em que foi aplicada a sequência e, ao ligar para a mesma, a pergunta foi se ela havia trabalhado e-mail com a turma que ano passado era 8º ano, ela confirmou que sim, e destacou que desde a primeira aplicação do projeto-piloto passou a utilizar a ferramenta para

entrega de atividades, o que se encaixa perfeitamente nas respostas dos alunos e também, justifica o fato de vários deles não quererem aderir ao grupo de estudo, uma vez que já haviam trabalhado.

Gráfico 9 – Pergunta nº 9

As mensagens eletrônicas enviadas pelo e-mail possuem um formato que dê para imprimir?

12 respostas



Fonte: Autor.

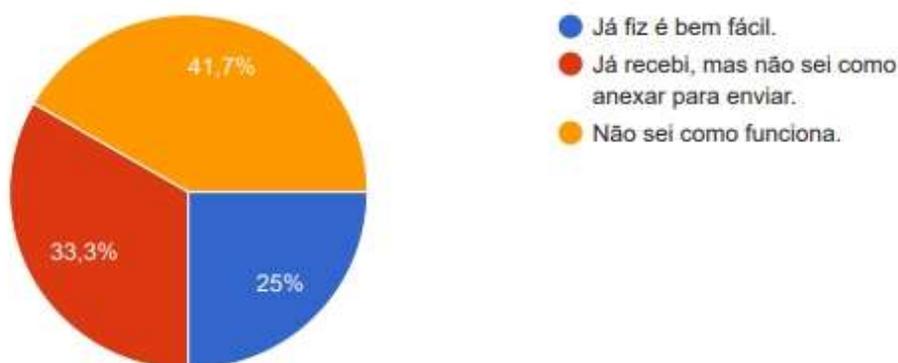
A porcentagem 75% de estudantes da turma da escola estadual que acertaram a resposta foi bastante alta para quem não havia estudado sistematicamente o E-mail, já os alunos da escola municipal tinham outra opção que era: “não sei, porque nunca tentei imprimir” e, foi nessa que eles concentraram mais de 75% das respostas.

Essa pergunta tinha como objetivo aguçar a curiosidade do aluno quanto à formatação do E-mail, ela fez parte do questionário aplicado no início do ano letivo para os alunos escola municipal e, ficou aqui, no questionário aplicado de maneira virtual, para compor o quadro e permitir que se estabelece um paralelo. Mesmo sabendo que a melhor forma de responder essa questão para o aluno, seria imprimindo alguma de suas mensagens ao final ou durante a aplicação presencial; o que já foi feito durante a aplicação de um piloto em outra escola no ano passado e também, na primeira vez em 2016, ao ponto de se fazer um varal com várias trocas de mensagens.

Gráfico 10 – Pergunta nº 10

Quanto a enviar arquivos anexados na mensagem do e-mail?

12 respostas



Fonte: Autor.

A pergunta foi colocada para que no decorrer da sequência didática fossem fornecidas explicações e realizado um passo a passo, é necessário reconhecer que nesse item foi frustrante a intervenção remota, as explicações foram acontecendo durante os vídeos de estrutura mas não foi feito o passo a passo que exigiria um vídeo só para isso. De fato, os 74 % que não consideraram “bem fácil” precisavam dessa orientação; fez falta, no momento de enviar uma mensagem com currículo para uma avaliadora de recurso humanos, pertencente a uma grande empresa, os alunos tiveram dificuldade e uma das mensagens voltou por conta do anexo mal colocado.

4.2 Análise da aplicação

Daqui em diante, passa-se à análise da sequência didática, na forma como foi aplicada no ano 2020. São apresentadas amostras da interação proporcionada pelas trocas de mensagens, com extratos de mensagens enviadas pelos alunos, os quais receberão um número simbolizando a escola+ uma letra para distinção por pessoa (número+letra), exemplo: aluno 1A. As mensagens mostram o estágio inicial, a interação com a realidade no momento histórico da intervenção e práticas sociais que ocorreram, contemplando assim, a missão mais fundamental do ensino que é a preparação para a vida em sociedade.

4.2.1 Observações e discussão da Aula 1

O início do trabalho à distância foi um desafio para este pesquisador, uma vez que havia projetado, basicamente, aulas apenas para encontros presenciais. Havia apenas uma aula de 20 minutos que seria um suporte em vídeo para o(a) professor(a) regente, o qual quando fosse utilizar o material do produto pedagógico poderia assistir para ter subsídios teóricos ou simplesmente passar para os alunos assistirem.

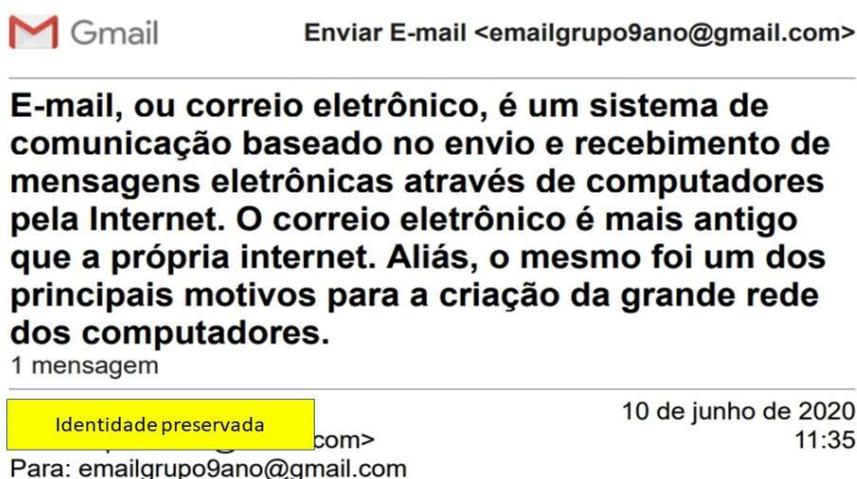
O conteúdo havia sido pensado no sentido de servir como exemplo para a professora regente, a qual cederia seus alunos para trabalharem em um grupo de estudo junto ao pesquisador. Ocorreu que ao assistir, a docente se viu na obrigação de alertar o pesquisador quanto à realidade de suas turmas. Segundo a professora, o conteúdo estava bom, porém com muito tempo, o que inviabilizaria a capacidade dos alunos de dispor de saldo de internet e, além disso, os alunos ainda não estavam adaptados para estudar a partir de videoaulas.

Diante disso, trabalhou-se para a produção de um vídeo menor e mais leve em termos de conteúdo, com menos trocas de slides, apenas com algumas palavras-chaves, levando em conta o tamanho da tela do celular para eles assistirem. Assim, nasceu o vídeo sobre a “história do E-mail,”²⁶ com a missão de ajudar o aluno a construir conhecimento histórico sobre o E-mail e a internet; estabelecer relação entre avanço da internet e permanência do E-mail e despertar o interesse pela temática correio eletrônico.

A aceitação foi boa e os alunos realmente foram despertados para a temática em si, na sequência, observa-se alguns extratos de mensagens que foram enviadas para o grupo de E-mail, o qual fora criado com o intuito de facilitar as interações e o armazenamento de cópias de mensagens:

²⁶ OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **História do e-mail**: material para o 9º ano. 2020a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pJkqREvNQhE>.

Figura 1 – Primeiro contato: Aluna 3A



Fonte: Autor (2020).

A orientação dada pelo *WhatsApp* foi que aqueles que já possuísem conta de e-mail, enviassem uma mensagem comentando sobre o vídeo para estabelecer o primeiro contato. Várias mensagens vieram apenas com uma palavra, geralmente colocada no campo assunto, inclusive essa que foi separada para análise também escreveu a mensagem direto no campo assunto, mas destaca-se que aluna 3A capturou várias informações trabalhadas no vídeo e construiu um conceito sobre o E-mail. Observe como a aluna 3A transitou em relação à rubrica de avaliação de resultados:

Quadro 8 – Primeira análise de extrato de e-mail

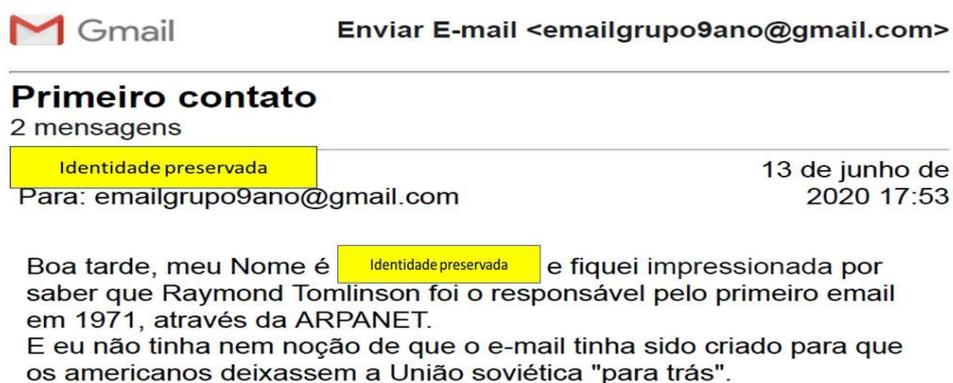
Percepção do destinatário do texto	Finalidade visada	Percepção de sua posição como autor	Prática social realizada	Elementos linguísticos
Produção inicial, recém explorando a plataforma	Concluiu com êxito e, construiu conhecimento para si.	Produção inicial, recém explorando a plataforma.	A prática foi enviar a mensagem e estabelecer contato com o grupo de estudo.	Conseguiu organizar bem seus períodos, usou a pontuação o que facilitou a leitura.

Fonte: Autor (2020).

Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) as primeiras produções não devem exigir uma utilização completa dos recursos disponíveis, sejam eles em termos de plataforma ou organização textual e, por isso, apesar do deslize em relação à estrutura, mensagens deste tipo são bem-vindas e já expressam a adesão da aluna em relação à temática.

No próximo e-mail, percebe-se que a aluna 1A seguiu a orientação de colocar no campo assunto a expressão “Primeiro contato”, o que já facilitou para o interlocutor ler. Ao utilizar o campo mensagem, ela colocou uma saudação, identificou-se e pode expressar dentro de sua compreensão o que aprendeu na respectiva aula. Observe-se a imagem:

Figura 2 – Primeiro contato: Aluna 1A



Fonte: Autor (2020).

Nessa mensagem a estudante 1A capturou pontos de conteúdos do vídeo disponibilizado, sendo que essas informações históricas sobre o E-mail foram obtidas a partir da leitura de Paiva (2010) e Marcushi (2010), os quais compartilham, entre outras coisas, que o E-mail nasceu de uma forma casual, pois o projeto principal era atender a demandas de proteção de informação e estratégias militares americanas, como escreveu a aluna 1A em sua mensagem. Interessante que a aluna 1A apropriou-se de informações, processou e emitiu seu parecer com entusiasmo.

Avaliação desse e-mail da aluna 1A :

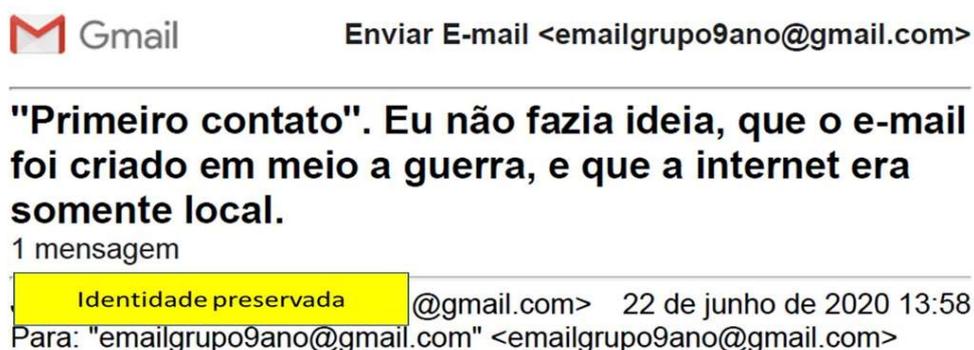
Quadro 9 – Segunda análise de extrato de e-mail

Percepção do destinatário do texto	Finalidade visada	Percepção de sua posição como autor	Prática social realizada	Elementos linguísticos
Houve porque ela preocupou-se com a saudação e sua identificação	Cumpriu integralmente e, também construiu um aprendizado	Ocorreu porque ela preocupou-se com a saudação e sua identificação	Expressou sua linguagem através do texto escrito e estabeleceu contato com grupo de estudo	Conseguiu relatar pontos do vídeo e, de um toque pessoal ao colocar suas impressões emocionais.

Fonte: Autor (2020).

Neste terceiro exemplo, com a imagem a seguir, o aluno 1B foi direto ao ponto, até tentou colocar o título primeiro contato, mas não resistiu e seguiu escrevendo tudo no campo assunto.

Figura 3 – Primeiro contato: Aluno 1B



Fonte: Autor (2020).

Análise da mensagem do aluno 1B:

Quadro 10 – Terceira análise de extrato de e-mail

Percepção do destinatário do texto	Finalidade visada	Percepção de sua posição como autor	Prática social realizada	Elementos linguísticos
Produção inicial, recém explorando a plataforma	Concluiu com êxito e, construiu conhecimento para si.	Produção inicial, recém explorando a plataforma.	A prática foi enviar a mensagem e estabelecer contato com o grupo de estudo.	Foi bem direto ao assunto sem muitos cuidados, com certeza fez em um aparelho celular

Fonte: Autor (2020).

As três mensagens analisadas demonstraram compromisso desses estudantes para com o objeto de estudo, essa foi sua produção inicial, em uma plataforma que eles ainda não tinham facilidade e também, ainda não haviam recebido orientação suficiente. Há aspectos para serem trabalhados para melhorarem a construção das mensagens, mas, o simples fato de eles terem enviado o e-mail, já serviu para estabelecer um vínculo, destacando que não conheciam pessoalmente o pesquisador, apenas em uma das turmas o questionário foi aplicado de forma presencial mas não houve tempo hábil para uma interação. A relação aluno-professor se estabeleceu através desses e-mails e das trocas de mensagem por *WhatsApp*.

4.2.2 Observações e discussão das Aulas 2 e 3

A princípio, essas duas aulas foram planejadas para serem aplicadas em momentos distintos, mas com o enxugamento de tempo disponível para as aulas à distância e, a proximidade dos assuntos, elas acabaram sendo reunidas na mesma videoaula. Sendo assim, foram abordadas as funcionalidades do e-mail e a composição do endereço de E-mail²⁷. Somados os objetivos pretendiam acentuar o interesse pela temática correio eletrônico; relacionar endereço de e-mail e identificação digital, analisar ponto a ponto do endereço de e-mail para que o

²⁷ OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **Conta de e-mail, a porta de entrada no ciberespaço**: material para o 9º ano. 2020b. Disponível em: <https://youtu.be/DVPyZcC6qv0>.

estudante possa construir uma conta mais versátil e útil para as diversas interações que terá pela frente, enquanto cidadão digital.

Figura 4 – Vídeo 2: conta de e-mail



Fonte: Autor (2020).

Essas imagens fizeram parte do vídeo e serviram para ajudar na reflexão que aproximou a conta de e-mail e a identificação de entrada para o mundo digital. Trata-se de uma discussão que é apresentada a partir de Street (2014) o qual mostra que há relação de poder envolvida nos grupos contextos/sociais, preconceitos e que não existe um lugar neutro na sociedade, mesmo um simples endereço de e-mail pode ser o motivo para o cancelamento de uma entrevista de emprego, por exemplo. Quando se tem a chance de mostrar isso aos adolescentes pertencentes a famílias de pouco recurso financeiro acredita-se que a prática pedagógica está contribuindo para redução da desigualdade social.

Desse tipo de aula não se pode exigir um retorno imediato, é aquele tipo de conteúdo que se trabalha para a vida e não para a avaliação (logo em seguida), por isso, não foi colocada uma atividade responsiva para o aluno.

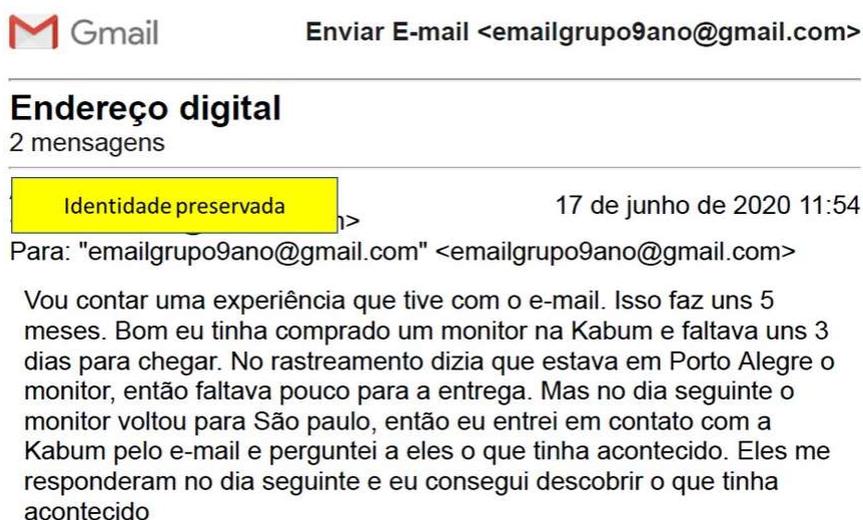
Figura 5 – Vídeo 2: divisão de e-mail



Fonte: Autor (2020).

A imagem, acima, fez parte do vídeo 2 e estava relacionada ao conjunto de informações para a criação da conta de e-mail, isso se estendeu no decorrer do vídeo e, a atividade ao final era criar para quem não possuísse uma conta válida ou, simplesmente, enviar uma mensagem com alguma experiência ou comentário em relação ao E-mail. Observa-se uma das mensagens que foram enviadas para o grupo:

Figura 6 – Endereço digital



Fonte: Autor (2020).

A tarefa era enviar uma mensagem com liberdade para a criatividade e, nesse caso, foi o que aconteceu. O aluno 1B trouxe uma situação real que ocorre nas

famílias brasileiras, os adolescentes costumam a utilizar os cadastros dos adultos da família, em lojas virtuais para realizarem suas compras. Na primeira versão dessa videoaula foi mencionado que o e-mail poderia ser criado a partir dos 13 anos de idade e, na sequência, foi apresentada uma lista de possibilidades de utilização, incluindo as compras na internet, mas ao revisar a legislação, constatou-se que as compras em lojas virtuais são possíveis apenas a partir dos 18 anos.

Voltando à mensagem construída pelo aluno 1B, foi muito interessante do ponto de vista social, que o relato apresentado por ele seja um episódio real de situações comuns de acontecerem, daqui por diante, com quem interage e negocia no ciberespaço, o que, mais uma vez, corrobora com a ideia defendida neste trabalho que se deve investir, enquanto professores de língua portuguesa, na aceleração do letramento digital dos educandos que estão na educação básica. Porque de fato, é necessário estar atualizado quanto às tecnologias digitais disponíveis, mas na mesma medida em que o jovem precisa saber escrever em plataformas digitais.

Nessa situação descrita no e-mail do aluno 1B, o uso dos recursos de linguagem foram fundamentais para que não se extraviasse o produto que ele havia comprado. Aqui, na sequência didática aplicada, o aluno 1B, também, explorou bem as possibilidades linguísticas.

Quadro 11 – Quarta análise de extrato de e-mail

Percepção do destinatário do texto	Finalidade visada	Percepção de sua posição como autor	Prática social realizada	Elementos linguísticos
Sim, ele sabia que o e-mail chegaria ao grupo para esse tipo de análise	Alcançada e extrapolou a ideia de um simples exercício	O aluno escreveu com segurança	Contribuiu com a pesquisa, compartilhou sua experiência digital, etc.	O aluno contou uma história completa com os elementos de uma boa narrativa.

Fonte: Autor (2020).

4.2.3 Observações e discussão da Aula 4

A aula de nº 4 consistiu em assistir a dois vídeos²⁸ sobre a estrutura de uma plataforma de E-mail, sendo que, para efeito de letramento digital, perseguido e fomentado neste trabalho, sem dúvida, foi o ponto mais importante da sequência. Os vídeos mostraram vantagens desse tipo de comunicação assíncrona, por conta das possibilidades de organização e distribuição da mensagem.

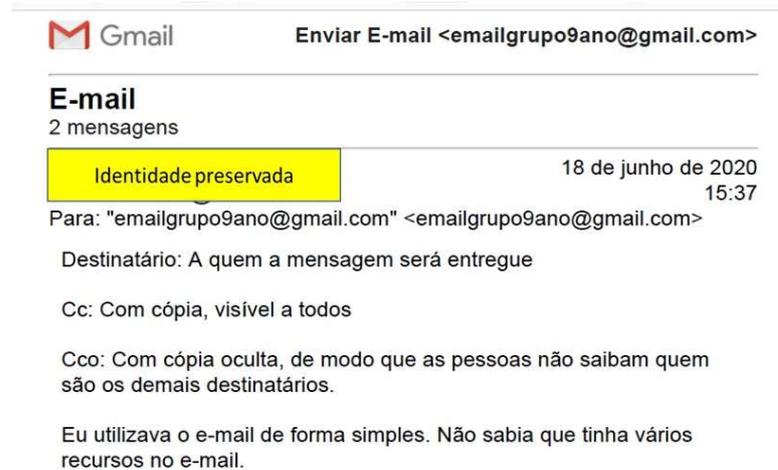
Foi uma tentativa de mostrar com o mínimo de tempo teórico, ali de forma técnica e prática, que o E-mail é a ferramenta tecnológica mais útil e eficaz que eles têm disponível para as interações no ciberespaço, e que de fato, ela é a melhor porta para adentrar na escrita digital. A partir de Pereira (2005) procurou-se adentrar nessa esfera de domínio da ferramenta digital, o que está diretamente relacionado com Ribeiro (2008) que indica a necessidade do desenvolvimento de habilidades, para atuar nos ambientes digitais

Os vídeos foram eficazes pois abrangeram quase todos os principais elementos da plataforma do Gmail que foi o provedor navegado (em função de sua supremacia em número de usuários). O resultado veio nas interações seguintes, cabeçalho com destinatário e outro endereço em cópia, o campo assunto preenchido, alguns chegaram até, a enviar e-mails com horário programado.

A atividade proposta para os alunos realizarem, após assistirem aos vídeos, foi bem um exercício de fixação, eles deveriam fazer uma lista descrevendo como funcionava cada botão de acionamento da plataforma, eles já receberam o exercício com uma lista mínima e, foi o que a maioria fez, mandou somente os itens do cabeçalho. A imagem a seguir, mostra um exemplo disso.

²⁸ OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **Estrutura do correio eletrônico**: material para o 9º ano. 2020c. Disponível em: <https://youtu.be/V3pbGjwP8Vo>.
OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **Responder uma mensagem**: material para o 9º ano. 2020c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dralRj4TXkA>

Figura 7 – Sobre a estrutura do E-mail



Fonte: Autor (2020).

Houve muitos problemas de ruído para realizar as gravações desses vídeos, chegou-se a tentar alugar um estúdio para fazer a parte de áudio, acertou-se o preço, mas quando chegou na hora o dono cancelou por conta do coronavírus que havia se espalhado pela cidade.

4.2.4 Observações e discussão da Aula 5

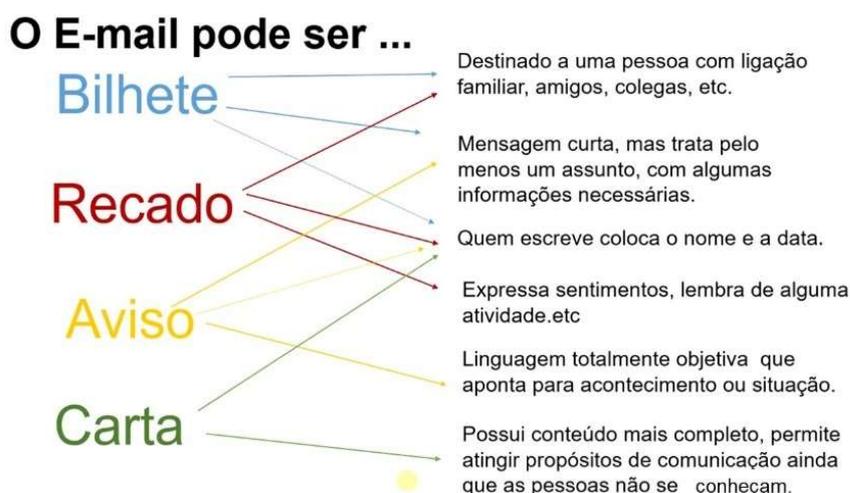
A aula nº 5 foi sobre os gêneros epistolares e, serviu para relembrar as funções e características dos gêneros epistolares, relacionar os gêneros do papel com as possibilidades de utilização via escrita digital por meio do correio eletrônico e dar uma ideia das características que conferem estabilidade aos gêneros.

A aula apresentou um diálogo do professor com estudantes no primeiro vídeo²⁹, uma conversa baseada em Bakhtin (1992) sobre os gêneros primários que irão dar origem aos secundários. A partir de Faraco (2008) pode-se dizer na videoaula, sobre variação linguística, que não há problema em interagir de uma forma muito espontânea, informal, até para mostrar que os gêneros, assim como a língua, não são um conjunto de regras ou algo distante da realidade dos alunos, pelo contrário, eles estão presentes no dia a dia.

²⁹ OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **Conversa sobre gêneros textuais**: material para o 9º ano. 2020d. Disponível em: <https://youtu.be/oDeKn4tK1nc>.

No segundo vídeo³⁰ os gêneros foram apresentados através de um esquema conceitual, trouxe alguns gêneros epistolares desconhecidos dos adolescentes (porque circulam nas organizações), depois foi realizada uma simulação de troca de mensagens e, no final, uma explicação fazendo uma comparação entre os cuidados de linguagem utilizados nas simulações.

Figura 8 – Gêneros mais simples



Fonte: Autor (2020).

Esta foi a forma encontrada para mostrar características peculiares dos gêneros epistolares no papel, as quais devem, necessariamente, serem transportadas para a plataforma do E-mail.

³⁰ OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **Gêneros textuais presentes no e-mail**: material para o 9º ano. 2020e. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7GuRIOe3I50>.

Figura 9 – Gêneros mais complexos



Fonte: Autor (2020).

Nas imagens anteriores apresenta-se mais possibilidades de utilização do e-mail, só que desta vez, para interagir em ambientes mais formais de comunicação. Segundo Marcuschi (2008) é possível avançar na prática pedagógica de tal forma que partindo de gêneros menos formais se persiga, também o conhecimento para atuar em situações epistolares mais formais. A pretensão não era fazer com que eles aprendessem cada gênero na sequência didática, mas que se familiarizassem com a existência e pudessem simular algum tipo de interação que envolvesse a linguagem mais formal. Aprende-se com Bakhtin (1992) que é necessário exercitar, aprender a construir, uma mensagem dentro de cada gênero.

A atividade proposta foi construir mensagens, onde cada participante assumisse um papel social. Para facilitar a compreensão foram sugeridas algumas alternativas: a) um de vocês no papel de chefe o outro no papel de subordinado (qualquer profissão); b) um no papel de médico, o outro no papel de paciente; c) um no papel de cliente o outro de advogado. Esse foi um divisor de águas dentro da sequência, imaginava-se que seria fácil para eles combinarem com os seus pares essa simulação, mas não foi simples, inclusive vários estacionaram nessa atividade e já não deram continuidade na sequência. Foi necessário dar a opção, no grupo do *WhatsApp*, para aqueles que não estavam conseguindo dupla, combinassem diretamente como pesquisador a simulação e o papel de cada um na interação. As

trocas foram bem significativas e vale a pena conferir pelo menos uma interação aqui na análise.

Figura 10 – Troca de e-mail com papéis sociais, remarcação de audiência



Fonte: Autor (2020).

Quando aplicada a rubrica de avaliação, verifica-se:

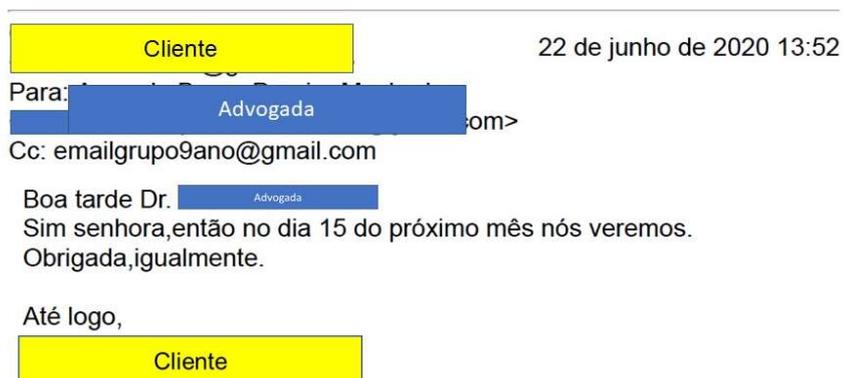
Quadro 12 – Quinta análise de extrato de e-mail

Percepção da destinatário do texto	Finalidade visada	Percepção de sua posição como autor	Prática social realizada	Elementos linguísticos
A autora direcionou a mensagem para uma cliente	Comunicar uma mudança de data. Isso ficou claro.	A autora do e-mail esteve plena em sua escrita profissional, faltou apenas um detalhe na abreviação do Dra. Ou Dr. ^a	Esse e-mail foi realmente uma troca simulada, o importante era perceber seu papel social	O texto estava correto, bem organizado só o termo correto seria consulta, pois era uma relação cliente e advogada, mas isso, não tira a riqueza da mensagem.

Fonte: Autor (2020).

O e-mail com a resposta da cliente, construído por outra estudante (aluna 1D), veio assim:

Figura 11 – Resposta do e-mail sobre remarcação de consulta



Fonte: Autor (2020).

Nessa resposta observa-se:

Quadro 13 – Sexta análise de extrato de e-mail

Percepção da destinatário do texto	Finalidade visada	Percepção de sua posição como autor	Prática social realizada	Elementos linguísticos
Houve o cuidado de escrever para uma pessoa com ascensão etária.	O objetivo era confirmar a nova data e isso, foi realizado	Sim, a cliente escreveu de forma consciente.	Esse e-mail fez parte de uma simulação, o importante era perceber seu papel social.	Usou pronome de tratamento de forma adequada, recuperou as informações da mensagem inicial e procurou ser gentil.

Fonte: Autor (2020).

4.2.5 Observações e discussão da Aula 6

A aula de nº 6 tratou de apresentar vários tipos de e-mails, sendo que o e-mail de solicitação foi o grande destaque, depois resposta e os demais tipos. O objetivo que era construir conhecimento acerca dessas possibilidades foi alcançado e, também, posso dizer que a aprendizagem veio com essa alternância de posição, porque, em dado momento, o vídeo falava para organizar a posição do locutor e, em

seguida, falava o que caberia ao interlocutor analisar naquela mensagem, para responder.

A atividade determinada para os estudantes foi criar uma mensagem, com a utilização de um dos tipos de E-mails, foi bem interessante o retorno, observe algumas:

Figura 12 – Extrato de um e-mail informativo



Fonte: Autor (2020).

Observe-se que há um focalizar muito valioso na realidade, de fato, naquele dia em que a aluna 1A enviou essa mensagem de caráter informativo, havia o risco do estado do RS ser invadido por uma nuvem de gafanhotos. Assim ela cumpriu a atividade e repassou uma informação útil para a sociedade como um todo.

Quadro 14 – Sétima análise de extrato de e-mail

Percepção do destinatário do texto	Finalidade visada	Percepção de sua posição como autor	Prática social realizada	Elementos linguísticos
Sim, a aluna sabia que era um grupo.	O tipo de E-mail informativo foi bem apresentado	A aluna escreve em nome da Equipe da Prefeitura	A escolha pelo e-mail informativo e o envio do texto fresco, mostram um desejo de contribuir para o bem estar da sociedade	O texto é um fragmento copiado de outra fonte, foi recebido porque tratava-se de uma simulação.

Fonte: Autor (2020).

A seguir apresenta-se outro e-mail bastante inusitado do exercício sobre “tipos de E-mails”, uma interação, na qual o aluno 1B, trouxe o pedido de desculpas.

Figura 13 – Extrato de um e-mail sobre pedido de desculpas



Fonte: Autor (2020).

O aluno 1B aplicou vários ensinamentos distribuídos no decorrer das aulas, inclusive, uma das orientações do vídeo era ser específico (quanto ao erro e à pessoa lesada).

Quadro 15 – Oitava análise de extrato de e-mail

Percepção do destinatário do texto	Finalidade visada	Percepção de sua posição como autor	Prática social realizada	Elementos linguísticos
Total	Obteve êxito	Sim, ele assume a responsabilidade	Uma expressão de humildade	Explorou muito bem o gênero carta e soube aproveitar os tipos de e-mails

Fonte: Autor (2020).

Essa mensagem implicou em uma resposta, demonstrada na próxima imagem:

Figura 14 – Resposta ao pedido de desculpas

Enviar E-mail <emailgrupo9ano@gmail.com> 24 de julho de 2020 14:54
Para: **Identidade preservada**.com>

Boa tarde [redacted],
você explorou muito bem o tema que era pedido de desculpas,
consequindo, inclusive, ultrapassar a ideia de uma simples simulação.

Desculpas aceitas e, entendo que são várias atividades para vocês
fazerem nesse formato digital, o que dificulta dar conta de tudo.

UM abraço.

Vamos para a última fase!

Fonte: Autor (2020).

Esses são exemplos de simulações de situações que produziram mensagens que culminaram, aproximando exercício (ficção) e realidade. A mensagem do Apêndice III, por exemplo, foi iniciativa da estudante 3A, que estava interessada em fazer e não encontrava uma dupla, ela pediu meu endereço de E-mail pessoal, porque nas orientações via *WhatsApp*, havia a necessidade de colocar o grupo e-mail em cópia.

Trocou-se mensagens sobre o principal tema da atualidade, o coronavírus, nesse jogo de linguagem, trabalhou-se as dúvidas, as informações sobre o assunto e, principalmente, conseguiu-se contextualizar as mensagens. Interessante que o pesquisador e a aluna 3A não se conheciam pessoalmente, então não detinham um “preconceito do outro”, foram levados pelos caminhos da língua escrita digitalmente e, a experiência mostrou que é possível mergulhar nesse mundo paralelo, que é o das narrativas, das histórias (ficcionais), mesmo recebendo o texto na caixa de entrada de um provedor de E-mail e, ainda assim, tratar assuntos relevantes, no contexto social mais amplo que se está vivendo.

4.2.6 Observações e discussão da Aula 7

A aula de nº 7 consistiu em apresentar ou relembrar as propriedades dos tipos textuais, por vezes esquecidos, ou isolados, na grade de conteúdos de português

destinada ao ensino fundamental. Foi uma aula explanada apenas teoricamente, porque já não havia tempo hábil para realizar simulações.

É necessário reconhecer que foi um erro estratégico ter colocado a aula logo após os tipos de E-mails, os quais demandaram bastante empenho dos alunos. Quando da aplicação presencial foram realizadas construções variando, acrescentando tipos textuais, com as imagens ao vivo no projetor. Na aula virtual sentiu-se a falta de interlocutores, ali com o professor para dar um exemplo, colocar alguma dúvida, enfim, o fato é que aula virtual de tipos textuais serviu como uma bagagem de conhecimentos, espera-se que ao seu tempo, os alunos amadureçam essa possibilidade de enriquecimento textual.

Durante muito tempo, pensou-se em fomentar a construção de argumentos para os textos dissertativos. Há centenas de anos se utilizam elementos descritivos para ajudar a pessoa a criar um ambiente ao ler uma narrativa. Pois bem, agora, em tempos de plataformas digitais, a aula de tipos textuais falou que é necessário colocar como foi dito no vídeo “uma pitada” de algum tipo textual para enriquecer ou até mesmo viabilizar o êxito de um e-mail. Para essa aula não houve solicitação de uma atividade simulada, mas ela fez parte das orientações finais para a construção de mensagens reais para interlocutores externos.

4.2.7 Observações e discussão da aula 8

A aula final começa com o ponto de reflexão no título do vídeo “Prontos para escrever, mas antes de enviar [...]”. Trata-se de uma frase afirmativa, na qual o professor declara em tom de incentivo que os alunos estão prontos para escrever. A intenção foi desafiar os alunos para assumirem a condição de cidadãos digitais que interagem com pessoas desconhecidas, pela plataforma do correio eletrônico.

Em síntese, o que eles precisariam saber era como transitar na plataforma, usando dos mecanismos de edição e programação para concretizar o envio do e-mail, porém, na conjuntura da interpretação textual, praticamente, tudo quer dizer alguma coisa ou deixar transparecer alguma coisa, por isso, o e-mail (mensagem) é um artefato linguístico que requer muita atenção.

Foi sobre isso que o vídeo³¹ discorreu, os cuidados necessários para que a mensagem seja exitosa. Nesse sentido, entraram em cena, as netiquetas que são regras de boa educação utilizadas para a participação nos ambientes digitais, assim como a análise do grau de familiaridade e a noção de contexto de interação.

As várias páginas de teoria sobre monitoração, variação linguística e estilística foram condensadas, em alguns poucos minutos de vídeo, explicadas com uma linguagem simples que fosse o suficiente para o educando pensar durante a construção revisar sua produção textual levando em conta quem seria o interlocutor.

Para essa etapa de produção final, ou melhor dizendo, com mensagens para interlocutores externos ao contexto do grupo de estudo sobre e-mail ou da turma do 9º ano, foi estabelecido contato com uma profissional de administração (Bacharela em Administração), a qual trabalha diretamente com o recebimento de E-mails para processos seletivos.

Sua identidade e empresa não serão divulgados, por conta de possíveis repercussões indesejadas na internet. Como viu-se no subcapítulo de Cibercultura, muitas informações na internet são usadas de forma distorcida. Nesse caso, publicizar a conta de E-mail de nossa colaboradora, poderia ocasionar uma enxurrada de e-mails de pessoas em busca de trabalho e, também, algumas informações que ela fornece nas mensagens, já influenciariam em uma disputa de vagas, portanto, é melhor preservar a colaboradora.

O contato com o ramo empresarial foi uma possibilidade que poderia ou não se concretizar, uma vez que, nas orientações individuais, os alunos receberam a informação de que esse contato era uma opção de interlocutor, mas caso não se sentissem à vontade poderiam construir apenas a mensagem para uma instituição de ensino médio.

A prática social pretendida na atividade, não poderia ser obtida por persuasão de nota, deveria haver uma predisposição do educando de colocar em prática o aprendido e, também, curiosidade, interesse de obter informações da empresa ou de uma instituição de ensino.

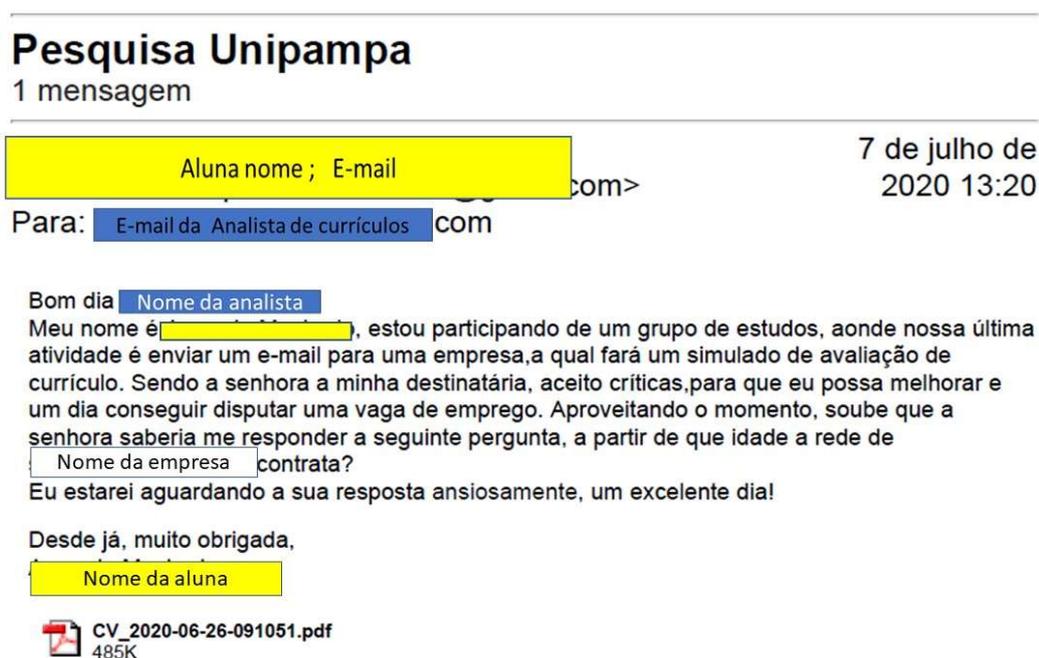
Na mensagem para a instituição de ensino médio, a mediação incluiu sugestões de assunto para questionamentos relativos às formas de ingresso, aos

³¹ OLIVEIRA, Ricardo Gomes de. **Prontos para escrever, mas antes de enviar...**: material para o 9º ano. 2020h. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HNGoPhdnWFY>.

cursos que a escola disponibiliza e, incentivou-se a criatividade dos alunos para perguntar alguma curiosidade de seu interesse.

Observe-se primeiro, alguns extratos relativos às trocas de e-mails com o setor empresarial ou comercial:

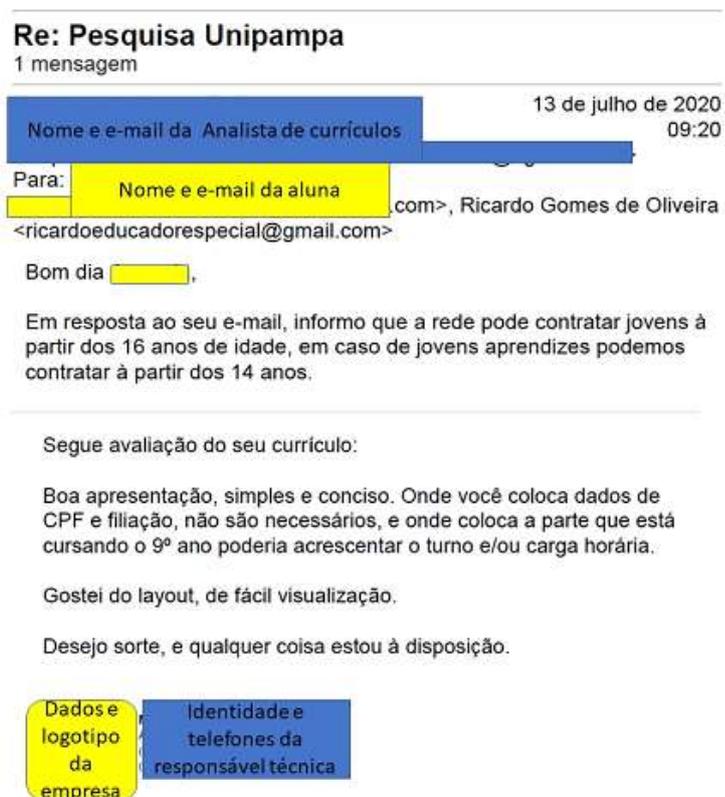
Figura 15 – Extrato de e-mail enviado para uma responsável de recursos humanos



Fonte: Autor (2020).

A resposta veio da seguinte maneira:

Figura 16 – Mensagem de resposta da representante da empresa



Fonte: Autor (2020).

O primeiro detalhe que chama a atenção é o título colocado no campo assunto “Pesquisa Unipampa”, esta foi uma solicitação da analista de currículos, dado o volume de mensagens que chegam diariamente. O nome e o e-mail da analista foram fornecidos, via *WhatsApp* privado, para que a aluna 1A pudesse estabelecer o contato com algum ponto de referência, o texto da mensagem e o currículo foram tecidos pela própria aluna 1A, a mediação do professor foi até o ponto de recomendar um aplicativo para construção de currículo, no próprio celular e, orientar que no momento de salvar o currículo a aluna 1A optasse pela opção PDF.

Observação: houve a necessidade de orientação específica individual, caso a caso, inclusive a aluna 3A teve problemas para anexar seu currículo, pois o provedor de E-mail era o Icloud que trabalha com sistema iOS e o mesmo não fazia o caminho de procurar no aplicativo o arquivo, apesar de não possuir nenhuma máquina que utilize este sistema, o pesquisador teve que recomendar um aplicativo para construir

currículo que fosse compatível com esse sistema, uma vez que a aluna 3A chegou ao seu limite de conhecimento tecnológico.

Quanto à mensagem da aluna 1A, obtém-se na análise geral:

Quadro 16 – Nona análise de extrato de e-mail

Percepção destinatário do texto	Finalidade visada	Percepção de sua posição como autor	Prática social realizada	Elementos linguísticos
A aluna teve a medida exata de respeito e adequação vocabular	Atingiu o objetivo que era obter uma resposta esclarecedora.	A mensagem foi bem pensada, a aluna colocou sua demanda de forma agradável, gentil, mostrando a cada frase que ela era a parte interessada.	A estudante agiu de forma, sincera e obteve um retorno favorável da analista. Apesar de não gerar uma entrevista para emprego, a experiência contribuiu para formação da aluna.	A estudante transitou bem no gênero carta pois usou saudações e cordialidade, explicou o motivo do contato, realizou pergunta pertinente, abriu-se para críticas, anexou o currículo

Fonte: Autor (2020).

Quando se fala em monitorar a linguagem, em estilo, adequação ao contexto, não se refere apenas a escrever dentro de regras gramaticais e ortográficas, Bagno (2007) fala em heterogeneidade ordenada e, a partir de Bortoni-Ricardo (2005) tem-se que os estilos monitorados aparecem ou deveriam aparecer quando a situação de interação demanda. A mensagem da figura anterior, mostra uma locutora preocupada em ser gentil, isso é entender o contexto, para quem se escreve. Observa-se que isso gerou uma resposta que atendeu todas as demandas da estudante.

Observe-se, a seguir, fragmentos de mensagens extraídas da interação entre o aluno 1B estudante de 9º ano, de uma das escolas pesquisadas, e um professor do Instituto Federal de Educação:

Figura 17 – Informações sobre ingresso no Instituto

Informações a respeito do processo seletivo de 2021
2 mensagens

Aluno nome e e-mail com> 27 de julho de 2020 08:40
Para: "miguelpereira@ifsul.edu.br" <miguelpereira@ifsul.edu.br>

Ao Diretor do Ifsul Câmpus Sant 'Ana do Livramento
Prezado Senhor

Sou [nome] e estou cursando o 9º Ano do ensino fundamental na Escola Municipal Pacheco Prates. Gostaria de informações a respeito do processo seletivo para ingressar nesta instituição. Em função da Pandemia, questiono: haverá processo seletivo neste ano? Em caso afirmativo, quais cursos serão oferecidos, número de vagas e datas das provas.

No aguardo de suas notícias
Att
[nome]

Fonte: Autor (2020).

As perguntas desencadearam uma extensa resposta da qual extraiu-se esse fragmento:

Figura 18 – Resposta do gestor

miguelpereira@ifsul.edu.br 30 de julho de 2020
<miguelpereira@ifsul.edu.br> 21:09
Para: [Aluno nome e e-mail] com>
Cc: emailgrupo9ano@gmail.com

Prezado [nome],

Fico feliz que te interesse por nossos cursos.
Respondendo tuas perguntas:

- Haverá processo seletivo neste ano?

Momentaneamente o processo seletivo está suspenso, mas acredito que teremos uma visão mais adequada durante o 2º semestre, pois não temos datas definidas no momento. Sugiro que tu acompanhe nossas redes sociais e para mais informações acesse o site:

<http://processoseletivo.ifsul.edu.br/>

Fonte: Autor (2020).

Essa é apenas a primeira parte, na qual o professor responde sobre o processo seletivo, o e-mail estende-se com as respostas das demais perguntas.

Observe-se a participação do aluno:

Quadro 17 – Décima análise de extrato de e-mail

Percepção destinatário do texto	Finalidade visada	Percepção sua posição como autor	Prática social realizada	Elementos linguísticos
Sim, o aluno percebeu que se tratava de uma autoridade acadêmica e colocou muito bem o vocativo. Além disso, cada frase, foi como que valorizando a resposta do interlocutor	O aluno solicitou informações e, deixou claro que fazia as perguntas por conta de todas alterações de calendário que estão ocorrendo em função da pandemia.	O aluno faz questão de mostrar quem ele é, ao fazer isso, assume a posição de candidato a ingresso para o próximo período	A troca de mensagens foi muito produtiva, o aluno obteve respostas com a dignidade que todo cidadão merece, o que certamente, contribuiu para a confirmação de sua habilidade nas palavras escritas.	O aluno explorou os recursos textuais para conquistar seu interlocutor com saudação e fecho gentis. Usou dois argumentos: o fato de ser do 9º ano e a questão da pandemia para reforçar a necessidade de resposta.

Fonte: Autor (2020).

O professor que recebeu o e-mail, teve o cuidado de responder uma por uma das perguntas, o que concluiu a interação de uma maneira satisfatória tanto para o professor porque é servidor público e tem sob sua incumbência responder pela parte de ensino, quanto para o estudante porque logrou êxito obtendo várias informações sobre curso, as quais, inclusive podem ajudá-lo a optar por uma carreira, nessa instituição, no ano que vem.

Sendo assim, pode-se abstrair que a prática social se materializou no envio da primeira mensagem, como prevê a Constituição (BRASIL, 1988) que a educação deve levar ao exercício da cidadania. Segundo Kato (1986) trata-se do uso língua, no qual o letrado expressa sua necessidade individual. Para Street (2014) é a materialização do letramento ideológico quando o letrado produz um discurso que não é apenas contemplativo; no caso analisado, trata-se de um menino de 14 anos demandando uma resposta consistente de uma autoridade acadêmica. Já, a participação social do aluno consolidou-se quando o professor respondeu a demanda de perguntas,

colocando o estudante na condição de provável aluno, ou seja, ele abriu as portas virtuais da instituição para o aluno participar do processo seletivo.

Houveram outras mensagens desse mesmo Instituto e também de escola da rede estadual de ensino que oferece Ensino médio. Todas as trocas foram significativas e elucidativas. A ideia de instrumentalizar os educandos para colocar suas demandas, dúvidas e, até mesmo solicitar serviço de órgãos públicos, foi plenamente atendida, os alunos apropriaram-se de vários conteúdos trabalhados nos vídeos o que gerou satisfação tanto para o pesquisador quanto para as professoras que abriram espaço para o desenvolvimento da sequência didática.

4.3 Análise das impressões docentes sobre a temática

As docentes tiveram uma posição de observação durante as aplicações do projeto-piloto e, também, neste ano, durante a aplicação do produto pedagógico reelaborado para atender à demanda do momento histórico vivido, no qual o ensino só foi possível à distância. Considera-se valiosa a percepção que essas profissionais tiveram, sendo que, ao responderem a um questionário com perguntas abertas, foi possível extrair várias informações que ajudam a compreender a realidade das escolas públicas e a relação dos estudantes com tecnologia. Para facilitar a distinção de assunto a análise transcorrerá a partir das seguintes categorias: 1º correio eletrônico e tecnologias, 2º estudo da língua.

4.3.1 Primeira categoria de análise

Com relação ao Correio eletrônico e tecnologias o questionário respondido pelas professoras que acolheram a sequência didática sobre E-mail forneceu respostas que contribuem para a compreensão de como o projeto foi recebido, a realidade dos estudantes e a visão das docentes quanto às tecnologias.

O primeiro ponto que deve ser avaliado é o acesso a tecnologia que os educandos desses estabelecimentos públicos de ensino estão tendo. Ao responder a questão 5 sobre a realidade que convivem nas escolas onde trabalham a professora D (Apêndice G) disse: *“Poucos alunos têm acesso à internet ou sequer dispõem de aparelhos eletrônicos. Algumas famílias possuem um smartfone para dois ou três filhos utilizarem durante as aulas remotas. Além disso, o crédito do celular é limitado”*.

A professora A (APÊNDICE D), também, confirma a pobreza dos alunos daquela comunidade *“O que prejudica muito os alunos é a condição de vida. Grande parte dos alunos, não possuíam, e não possui ainda internet em casa, muito menos um computador”*. Na escola nº 3, a professora C (APÊNDICE F) respondeu que *“a comunidade escolar é composta por famílias de baixa renda, a grande maioria sem acesso aos recursos: celular, computador, internet”*.

Sobre isso, Belloni e Gomes (2008, pág. 735) afirmam que há um “abismo existente entre uma cultura de elite amplamente ‘digitalizada’ e uma nova ‘cultura do pobre’, excluída da cultura letrada e dos novos saberes trazidos pelas novas tecnologias”. É, justamente, por isso que se deve levar as tecnologias mais úteis para a escola e torná-las objeto de estudo. Essas constatações reforçam a concepção inicial deste projeto de pesquisa que é levar o E-mail para dentro da sala de aula, para servir como ponto de partida para a entrada nas demais plataformas digitais de comunicação.

As respostas das professoras quanto ao nível de apropriação que os alunos possuíam do correio eletrônico mostraram que:

Segundo a professora A (APÊNDICE D) *“A maioria deles, para não dizer, todos, não sabiam a real utilização do e-mail. Normalmente, criam um e-mail para cadastro em redes sociais, mas não sabem a verdadeira função. Tanto é verídica a constatação que quando falamos em e-mail, não sabem a que exatamente estamos nos referindo, tampouco, a senha”*.

A constatação da professora A de que a maioria dos alunos não sabiam utilizar o e-mail, precisa ser entendida como resultado de uma construção no decorrer dos seus anos de convivência com alunos da mesma comunidade, inclusive, desde que acolheu o projeto-piloto em 2016, a mesma passou a incluir o correio eletrônico em sua lista de conteúdos desde o oitavo ano e, isso, se refletiu na resposta que os alunos deram quanto a ter estudado o E-mail em sala de aula pelo menos uma vez.

Outro destaque dado pela professora A, foi que os adolescentes costumam a criar uma conta de E-mail, ou alguém mais experiente cria para eles, a fim de completar o cadastro para liberação de um perfil em rede social, leva-se em conta que todos afirmaram possuir perfil em rede social. Além disso, o sistema operacional dos aparelhos celulares exige que seja cadastrada uma conta de E-mail para confirmação de dados e recuperação de senha; mas estas são as funcionalidades mais superficiais da plataforma de um E-mail.

Coscarelli e Ribeiro (2005) indicam que seria necessário escrever (criar textos) no ambiente digital, no caso a plataforma do E-mail, para que se efetivasse o letramento digital. Pereira (2005) enfatiza que é preciso domínio sobre a tecnologia, o que não acontece, sem que haja um esforço para compreender as funções que permitem editar, anexar, programar envio, organizar as caixas de mensagens, além do texto em si, etc. Para a Professora B (APÊNDICE E) *“Em geral, os alunos possuíam e-mail, mas não escreviam mensagens, porém, no que diz respeito ao perfil da rede social, possuem destreza e habilidade no manuseio a ponto de compartilhar informações e conhecimentos muitas vezes desconhecidos pelos professores”*.

Poderia ser apenas um recurso digital a menos, na imensa lista de aplicativos, com os quais uma pessoa nativa digital irá se deparar no decorrer de sua vida, mas, como postula-se nesta dissertação, o correio eletrônico continua sendo a porta principal para interações formais no ciberespaço, a falta de letramento nesse item equivale à pessoa que empreende-se em longas corridas mas sequer havia realizado boas caminhadas. Conforme a professora D (APÊNDICE G) *“Muitos alunos não utilizavam, pois achavam arcaico, preferindo o Whatsapp ou redes sociais para comunicar-se com os amigos”*. Por isso durante aulas presenciais ou nas videoaulas, o pesquisador fez uma intensa propaganda da importância de se aprender a escrever e-mail, o que foi lembrado nas respostas das professoras:

Em relação à pergunta 3, a professora D (APÊNDICE G) respondeu que *“O interesse dos alunos no acesso ao correio eletrônico foi o maior desafio do projeto. Os estudantes, seja por questão cultural ou praticidade, não faziam o uso dessa ferramenta. Com isso, muitos ativaram a conta antiga e outros criaram uma nova com o auxílio do Ricardo”*. Para a mesma pergunta, a professora C (APÊNDICE F) relata que *“Muitos nem tinham e-mail, mas com a proposta do professor Ricardo surgiu o interesse e curiosidade em criar uma conta de e-mail e ou movimentar uma conta inativa”*.

De acordo com Tapscott (2010), a Geração Internet pensa diferente, dos adultos que nasceram ainda na época analógica, portanto, há uma distância natural de pontos de interesse. No que tange a resposta à pergunta 4, a professora B, (APÊNDICE E) fala que *“A importância do e-mail, do meu ponto de vista, além de ser uma forma ágil de comunicação, é a possibilidade do registro, a fim de garantir a formalização e comprovação dos atos de comunicação”*. No trecho anterior a professora adulta pensa em instrumentalizar os educandos adolescentes, em termos

de linguagem, para exercerem seus papéis sociais, os quais, provavelmente, incluirão várias responsabilidades que podem ser facilitadas pelo letramento construído no decorrer da vida estudantil. Os estudantes por sua vez, pensam em entretenimento, liberdade de escolhas, rapidez para obtenção do que desejam e, isso torna a missão da escola um pouco mais difícil, porque ela precisa ensinar aos que nem sempre estão dispostos a aprender.

4.3.2 Segunda categoria de análise

Com relação ao estudo da língua as professoras responderam perguntas com relação ao objeto de ensino dentro da língua portuguesa e algumas de suas respostas devem ser destacadas aqui:

A professora A (APÊNDICE D) que era regente da primeira turma, na qual foi aplicado o projeto-piloto, no ano de 2016, acessou, agora em 2020 o conteúdo para a aplicação da sequência didática, disponibilizado na plataforma de vídeos, e observou que *“Os vídeos não podem “falar por si só”, devem ser mais um instrumento para que se consiga chegar aos objetivos do professor. Eles são importantes e interessantes, mas a aula não deve se reduzir ao vídeo. Volto a mencionar que os alunos não têm autonomia suficiente para seguir instruções somente através de vídeo sem que o professor não faça ao mínimo, uma introdução à atividade que será proposta. Essa autonomia não é desenvolvida de uma hora para outra. Acontece ao longo da jornada escolar e depende que todos os professores objetivem isso”*.

As declarações da professora A são importantes porque ela considera que as videoaulas apresentam uma desvantagem em relação à aula presencial. De fato, a sequência didática com aulas presenciais, desenvolvida na turma de 2016, foi bem mais rica do ponto de vista do ensino. Segundo Oliveira (2012), diante da informação automática o educando precisa de mediador. A mediação presencial, durante a construção de textos foi fundamental para que os alunos construíssem respostas mais complexas: como as que reuniam elementos de diferentes tipos textuais ou aquelas que envolviam arquivo a ser anexado.

Na mesma linha de raciocínio, a professora B (APÊNDICE D), também destaca que *“A troca de informações e de conhecimento em tempo real é fundamental para que os alunos (adolescentes em constante movimentação e sedentos pelo “agora”) possam não só comprovar o que estão vivenciando, como também se percebam como*

agentes de determinada ação, o que faz com que além de despertar o interesse se sintam "importantes" no processo".

Durante a aplicação do projeto-piloto na turma de 2019, se usou internet banda larga, internet móvel, o pesquisador levou aparelhos smartphones para os alunos utilizarem durante a intervenção e, houve bastante espaço para as sugestões de construção de texto, os quais, assim que enviados, sua cópia já era visualizada no telão que o pesquisador levava para a sala de aula. Além disso, após a conclusão de uma determinada interação se imprimiu a lista de mensagens para demonstrar como ficava organizada a sequência com as datas, endereços, mensagens, assim, as folhas eram passadas para que os alunos percebessem o caráter documental que o texto enviado pelo E-mail assume.

Com certeza, o espaço ideal para o desenvolvimento da sequência didática, trazida neste estudo, é a sala de aula presencial, com todos os alunos (ano passado a greve atrapalhou), mas essa não foi a realidade encontrada neste ano de 2020, por isso, constam, na sequência, respostas das duas professoras que acompanharam a implantação da sequência, através da utilização do *WhatsApp* e *YouTube*.

A professora D (APÊNDICE G) relata que *"Acredito que o ensino híbrido veio para ficar. Essa tendência só foi antecipada com o surgimento da pandemia. As ferramentas e o estudo digital serão a tendência para a vida escolar no mundo pós-pandemia. Com isso, o E-mail deixou de servir, somente, para fazer login nas redes sociais. Tornou-se, para os alunos, um veículo de comunicação moderno"*.

Quando a professora D fala de um lugar de ensino híbrido, pode-se considerar que já era esperado, tendo em vista o que foi estudado no subcapítulo *Cibercultura* em Lévy (1999) e Tapscott (2010) e, de fato, o processo de implantação deve ser acelerado em função dessa corrida aos recursos virtuais de ensino, por conta de manter ativa as atividades educativas em meio à pandemia.

Como disse a professora D, o E-mail foi revigorado nesse período de valorização da tecnologia, porque as pessoas precisaram fazer cadastros, precisaram contactar com empresas ou setores da administração pública que não estavam funcionando presencialmente, obviamente, os alunos do nono ano presenciaram essas demandas, também, em suas famílias e, tudo isso aconteceu em meio à aplicação da sequência didática, com certeza influenciou o desejo de aprender daqueles que se dispuseram a fazer parte do grupo de estudos, o qual esta mesma professora ajudou a criar.

Em relação a pergunta 2 a professora D (APÊNDICE G) respondeu que *“Vivemos em um mundo digita! A tecnologia está dominando cada vez mais o mundo. A partir da pandemia isso tornou-se mais notório. Acredito que foi de suma importância a temática correio eletrônico. Os alunos conheceram outros tipos de gêneros digitais e perceberam que o correio eletrônico pode ser usado tanto para uma conversa informal, quanto para diálogo mais formal”*.

A professora estabeleceu uma ligação entre o momento da pandemia e a sequência didática com a temática E-mail porque houve uma convergência entre o objeto de estudo e a realidade. De acordo com Freire (1981) há uma ligação entre realidade e linguagem, a tal ponto que o texto só fará sentido em um contexto. Por isso, o grupo de alunos que estudou o E-mail se viu em situações reais de definição do que dizer. Para Geraldi (2010, p.169):

O principal problema da escrita é tornar-se consciente de seus próprios atos. Em suma, escrever significa conscientizar-se da sua própria ‘fala’, ou seja, prestar atenção aos recursos linguísticos mobilizados ou mobilizáveis segundo o projeto de dizer definido para o texto em elaboração.

Essa responsabilidade pela escrita é o que realmente leva os educandos ao desenvolvimento de seu potencial, ocorre que em situações reais que terão determinado desfecho, em função da linguagem utilizada, os locutores mobilizarão todos os seus recursos linguísticos. Por exemplo, a interação entre os alunos e a responsável pelos recursos humanos da empresa, naquele contexto, os alunos poderiam estar abrindo uma porta, na qual poderiam entrar no futuro, portanto, não caberia uma mensagem displicente.

Outro ponto destacado pela professora D foi a questão da monitoração com respeito a informalidade ou formalidade, algo que funcionou na sequência didática como uma espécie de tema transversal em meio aos dois protagonistas que eram os gêneros e o e-mail. A monitoração foi defendida com flashes de orientações, pois entendeu-se que uma aula inteira sobre isso, poderia acarretar no estabelecimento da cultura do erro que é veemente reprovada por Faraco (2008) e conforme a professora D (APÊNDICE G) *“O estudo deixou claro que através do correio eletrônico é possível mandar um recado de forma informal ou utilizá-lo formalmente”*.

Em relação aos Gêneros a professora A (APÊNDICE D) colocou uma resposta que confirmou a ideia defendida pelo pesquisador: *“Vejo o e-mail como um suporte que*

cabe o trabalho de diferentes gêneros textuais desde que trabalhado a partir de situações comunicativas para que o aluno possa realmente utilizar de forma adequada". As situações mencionadas, anteriormente, são as mesmas situações de uso da língua, dentro da realidade que um contexto exige. "Bakhtin (1992) não define os gêneros discursivos a partir deles próprios, mas a partir da esfera das atividades humanas: são estas que vão 'especializando' formas de emprego da língua, em gêneros relativamente estáveis." (GERALDI, 2010, p. 173).

Já, na resposta nº 9, a mesma professora, considera que *"Em meio a pandemia, seria muito interessante o uso desse suporte que é o e-mail. No entanto, percebo que muitas vezes, nem os próprios professores têm o domínio para uso. Ao mesmo tempo, têm os fatores que não nos permite fazer uso pela renda familiar que é baixa e não tem poder aquisitivo que comporte o uso da internet a qualquer instante."*

A impressão da professora de que nem mesmo os professores têm o domínio dessa tecnologia é preocupante, pois se essa é a ferramenta pioneira, como foi reportado anteriormente nesse texto, a partir de Paiva (2004) e Lévy (1999), será mais complicado avançar para outras plataformas digitais que exigem um maior grau de conhecimento em informática.

Na pergunta 7, a professora B (APÊNDICE E) responde que *"Posso dizer sem medo de errar que os alunos submetidos à proposta possuem conhecimentos sobre o tema que superam os conhecimentos de muitos de seus professores. Tais conhecimentos não só estão sendo úteis no momento como servirão para projetos futuros da vida pessoal e profissional dos alunos"*. A resposta da professora B, que traz consigo a vivência de outro contexto escolar, porque sua escola é estadual, diferente da professora anterior que tem sua visão a partir da realidade do município, faz com que ambas acabem se confirmando. Por isso, que o conceito de letrado digital, obtido a partir de Frade (2005), demanda inclusive a prática de escrita para envio no ciberespaço e, entre as interações possíveis o E-mail, além de pioneiro, é o mais usado nos ambientes institucionais e empresariais.

Quanto ao momento ideal para o estudo do E-mail, aqui colocado como objeto de estudo para o nono ano, a professora B (APÊNDICE E) comenta que *"No último ano ele exerce fundamental importância, pois aí se iniciam as articulações, não só para a transição para o Ensino Médio, como também, nesse período, os alunos estão em busca de seu primeiro emprego como "Jovens Aprendizizes" e o uso da ferramenta se torna indispensável, até para contatar possíveis entrevistas. Todo esse processo*

de articulação com o uso da língua desde seu uso adequado aos diferentes contextos, até a elaboração de um currículo, ou documento pertinente à situação, estão entrelaçados ao uso do correio e fazem parte do que prevê o planejamento para as turmas”.

A professora citou, sem combinar com o pesquisador, as duas situações de interação com interlocutores externos (ao contexto da escola) contempladas na sequência didática de 2020, lembrando que na turma dessa professora, por conta da greve, a única situação de contato com interlocutor externo foi realizada para obtenção de ajuda para uma festa de formatura, a qual inclusive foi deferida, mas a turma estava dispersa e não se organizou para a realização da festa.

Como bem mencionou a professora B, o período de conclusão do ensino fundamental coincide com a necessidade que muitos estudantes têm de já irem a procura de uma vaga no mercado de trabalho; por isso, em uma situação de enxugamento de tempo para realização da produção final da sequência didática, optou-se em 2020, em meio à pandemia, por contemplar o envio de mensagem com currículo e os e-mails com solicitação de informações referentes ao ingresso em outras instituições de ensino.

5. CONCLUSÃO

O caminho percorrido para levar uma ferramenta digital para dentro de uma escola pública é moroso, no sentido de que a escola pública brasileira, ainda enfrenta muita dificuldade para colocar a tecnologia digital como um instrumento de aprendizagem, tal qual é o livro, o caderno, por exemplo. Os laboratórios de informática nem sempre estão em condições de uso e há dificuldade em várias escolas de acesso à internet sem fio ou cabeada em sala de aula. Ainda é preciso se chegar a um consenso sobre se os alunos podem ou não levar o celular para realizar as atividades.

Desde a construção do projeto-piloto em 2016, procurou-se várias escolas para analisar a viabilidade de realização da sequência didática com seus alunos. Todas foram receptivas à proposta, falo de direção e professor(a) de português, por vezes, só não foi realizado em determinada escola por uma questão de agenda ou pela falta de estrutura para a utilização de computadores e internet.

Nas três escolas onde a sequência didática foi aplicada, a maioria dos alunos tem como origem famílias com baixa renda, aliás, esse foi o critério principal para a escolha dessas escolas. Famílias com mais recursos tendem a desfrutar de um ambiente tecnológico dentro de casa e, aí, a disponibilidade de um bom computador e de internet a vontade, facilitam o acesso ao letramento digital. A intenção foi ofertar essa possibilidade de práticas sociais digitais para aqueles que historicamente ficam à margem dos avanços tecnológicos.

O objetivo geral deste trabalho foi sendo alcançado a cada aplicação, o desenvolver do produto pedagógico foi uma experiência que trouxe ao pesquisador uma responsabilidade de fazer aulas marcantes, foi possível mostrar aos alunos que a língua portuguesa é um instrumento valioso para a interação em todos os canais digitais disponíveis, que os gêneros (assim como os tipos textuais) e elementos de contextualização facilitam a organização da escrita.

As aplicações presenciais da sequência didática realmente proporcionaram uma imersão em plataformas digitais para vários estudantes que, até então, só conheciam os aplicativos de redes sociais. O processo começava com a ativação ou criação da conta e, os alunos se moviam para atualizar seus endereços eletrônicos. Uma das escolas possuía laboratório de informática funcionando, o que permitia que se dividisse a turma e, um grupo fosse realizando a parte prática. Acredito que essa é

a melhor maneira de ajudar o aluno, uma mediação ali no momento da construção da conta ou da mensagem, essa nivela aqueles que tem acesso abundante à tecnologia com aqueles que dependem bastante do que lhes é proporcionado pela escola.

Entre os objetivos específicos da pesquisa estava a construção de um produto pedagógico, o qual, em virtude da pandemia, constitui-se como um guia didático para videoaulas, não era o plano inicial, mas tornou-se uma alternativa viável. A videoaula trouxe para o projeto características como agilidade, velocidade, condensação e, principalmente, de simplificação porque diante do pouco tempo disponível para cada vídeo, foi necessário abreviar as explicações e deixar em destaque apenas alguns pontos centrais para a aprendizagem e para a execução das atividades.

A pesquisa e, conseqüentemente, a sequência didática, foram em torno da utilidade do E-mail para servir como porta de entrada para as participações escritas no ciberespaço. Na parte teórica, a partir de Bakhtin (1992) e Marcuschi (2008) observou-se que essa participação se dá em algum gênero textual. Nas explanações das aulas, os alunos ouviram que esses gêneros eram os mesmos que eles já conheciam na escrita de papel, a tarefa era transportar para o digital e usar recursos de edição e estruturação proporcionados pela plataforma.

Ficou comprovado pela troca de mensagens entre o pesquisador e estudantes, entre os próprios estudantes e nas interações com os interlocutores externos ao círculo escolar, que se os educandos forem instruídos a utilizarem os princípios da linguagem contextualizada, escreverão em diversos gêneros textuais com a ferramenta E-mail, inclusive, os gêneros que frequentam os ambientes mais formais, os quais abrem espaços para a inserção social.

Um fator marcante nessa pesquisa foi a faixa etária dos estudantes, destacando que se admite que eles passem a utilizar as ferramentas digitais a partir dos 13 anos de idade, em tese, essa marca é atingida por todos ao final do 8º ano, por isso, o trabalhar com e-mails a partir do 9º ano, além de útil para o domínio desse tipo de sistema e cultivo da participação social escrita, tornar-se uma ferramenta para a entrega de trabalhos, enfim, para um novo tipo de interação professor-aluno, a qual, já é comum nos relacionamentos profissionais, acadêmicos, institucionais que um indivíduo tem na vida adulta.

Sem perder de foco os fatores genéricos, no decorrer desse trabalho, voltou-se algumas vezes aos primórdios de letramento, pois há a responsabilidade, dentro do componente Língua portuguesa de entregar à sociedade um estudante letrado ao

final do ensino fundamental, sendo que, uma simples contribuição no sentido de revisar aspectos importantes da organização textual que deve ocorrer ou prestar atenção no que escrever em função do interlocutor, pode ser decisivo para o êxito linguístico. Nesse sentido, os letrados já não são aqueles que usam bem as letras, mas aqueles que jogam bem com as palavras, por isso, é necessário aproximar as aulas de português de situações reais de uso da língua. Letrado, em última instância, é quem consegue obter por meio da língua o que precisa e expressar por meio dela o que deseja. Segundo Freire (1981) Linguagem e realidade estão interligadas e para Street (2014) o Letramento está diretamente envolvido nas relações de poder.

Destaca-se que esse uso da língua está cada vez mais à distância, digital e repleto de anexos com linguagem verbal ou visual. No decorrer do trabalho passou-se a ideia de que o letramento, agora na versão digital, também seria incumbência da área de linguagens, essa levando em conta a BNCC (BRASIL, 2017). É necessário dizer que a carga de conteúdos relacionados ao letramento digital ficou pesado para os professores de língua portuguesa, dificilmente, outra disciplina disporá de sua carga horária para trabalhar E-mail por exemplo, mas certamente, o conhecimento digital, uma vez consolidado, será útil em todas as disciplinas.

Um dos objetivos traçados foi agregar informações na pesquisa a partir do olhar das professoras sobre o trabalho didático realizado, isso foi possível através da aplicação de um questionário e dos apontamentos realizados durante as aulas. As quatro professoras convergiram no sentido de confirmar a importância do correio eletrônico, ressaltaram (cada uma a sua maneira) que a sequência didática foi importante e contribuiu para o aprendizado dos alunos sobre a temática. A julgar pelas declarações, acredita-se que, inclusive, elas passem a introduzir este conteúdo em suas listas curriculares.

Quanto aos alunos de 9º ano, demonstraram que estão prontos para serem ativados nesse conceito de utilizar gênero e linguagem adequada ao contexto. Ficou claro que isso não fere em nada a liberdade de eles se expressarem com informalidade em outros redutos sociais. No aplicativo de mensagens *WhatsApp* por exemplo, as orientações para as atividades eram colocadas na variedade padrão da língua, no entanto, as dúvidas pessoais e as situações específicas que demandaram mediação foram respondidas de uma forma bem simplificada em uma linguagem que o aluno entendesse, inclusive com abreviações e uso de Emoticons (representação gráfica de emoções) para garantir a horizontalidade do diálogo. Por isso, discorreu

este texto que a melhor medida para a variação de linguagem é a percepção do outro em relação ao dizer do locutor.

Nesse sentido de medida, a sequência didática trouxe uma contribuição importante, porque proporcionou a linearidade que aumentou gradativamente o grau de complexidade do gênero e de monitoração da língua no decorrer da intervenção. Por isso, a primeira mensagem foi só para estabelecer contato e a última foi com interlocutores externos, entre esses dois extremos inseriram-se os módulos e a troca de mensagens no círculo escolar. Acredita-se que esse modelo possa ser aproveitado para outros gêneros ou ferramentas de comunicação, desde que seja anunciado no início da sequência que o aprendizado dos módulos será necessário para, lá adiante, interagir em uma situação real que materializará a prática social.

As situações reais, lembradas como ponto culminante do ensino, pressupõem que a pessoa construiu competências linguísticas para entender o que lhe transmitem e adquiriu a capacidade de elaborar resposta e/ou produzir enunciados. Essa leitura da BNCC foi destacada neste texto, incrementada com um dos pilares da educação estabelecidos pela UNESCO que é o “saber fazer”; sendo que o fazer tornou-se muito digital.

A conclusão que se chega é que a informação automática não tem produzido o avanço esperado em termos de avanço linguístico, porque é necessário trabalhar o domínio das tecnologias digitais de comunicações. Nesta pesquisa foi o E-mail, mas fica o incentivo aos colegas professores de português para sondarem seus grupos de alunos, a fim de verificar o nível de domínio linguístico e tecnológico. É provável que alguns deles tenham uma capacidade de imersão em tecnologia bem maior que o docente, mas isso não significa que sabem usar a língua conscientemente.

Esse campo de estudo linguístico-tecnológico possui várias possibilidades de revitalização do componente curricular língua portuguesa e pode contribuir para que os educandos aprendam a utilizar o ciberespaço de forma crítica e reflexiva, até porque o ciberespaço não é inofensivo ou neutro e tornou-se o grande atrativo dos nativos digitais. Assim como a gramática ensina a caminhar pelas trilhas de palavras, a literatura ensina a voar nas asas da imaginação, a linguística terá que atuar para que os educandos aprendam a navegar nos meios de comunicação digital.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada**: limpando 'o pó das idéias simples'. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ARAÚJO, Júlio César. BIASI-RODRIGUES, Bernardete (orgs.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ASSIS, Juliana Alves. Ensino aprendizagem da escrita e tecnologia digital: o email como objeto de estudo e de trabalho em sala de aula. *In*: COSCARELLI, Carla V.; RIBEIRO, Ana E. **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 209-239.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por caso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BELLONI, Maria Luiza; GOMES, Nilza Godoy. Infância, mídias e aprendizagem: autodidaxia e colaboração. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 104 - Especial, p. 717-746, out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0529104.pdf>. Acesso em: 09 set. 2019.

BORTONI-RICARDO, Stella. M. Variação lingüística e atividade de letramento em sala de aula. *In*: KLEIMAN, Angela B. (org.). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

BORTONI-RICARDO, Stella. M. **Educação em língua materna**: a sociolingüística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella. M. **Nós chegemu na escola, e agora?**: sociolingüística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Decreto nº 6.300, de 12 de dezembro de 2007. **Dispõe sobre o Programa Nacional de Tecnologia Educacional-ProInfo**. Brasília, 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6300.htm. Acesso em: 07 out. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEC, 2017. **Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2017**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79631-rcp002-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 01 mar. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: proposta preliminar. 2. ed. rev., 2016. Disponível em: https://www.siteal.iiep.unesco.org/sites/default/files/sit_accion_files/br_0557.pdf. Acesso em: 07 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 522, 10 de abril de 1997**. Programa Nacional de Informática na Educação – ProInfo. Brasília, 1997. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=22148. Acesso em: 27 out. 2016.

BRASIL, Secretaria de Educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/par/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048_99_7/12657-parametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series. Acesso em: 17 ago. 2016.

BRASIL. Lei n. 12.965, de 23 de abril de 2014. **Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. Disponível em: http://www.mpf.mp.br/pgr/documentos/2CCR_NotaTecnica_ConvencaoBudapeste.pdf. Acesso em: 07 jan. 2020.

BUZEN, Clecio. Apresentação. *In*: STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p. 7-11.

CALVÃO, Leandro D.; PIMENTEL, Mariano; FUKS, Hugo. **Do email ao Facebook: uma perspectiva evolucionista sobre os meios de conversação da internet**. Rio de Janeiro: Editora UniRio, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 3. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Dominios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p.173-194, fev. 2010.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2005.

DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FARACO, Carlos. Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERNANDES, Cláudio. Invenção da imprensa. **Brasil Escola**. [s. l]: Brasil Escola, [s.d.]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/invencao-imprensa.htm>. Acesso em: 04 out. 2019.

FERREIRA, Érica Lourenço de Lima Ferreira. **Internet**: macrocriminalidade e jurisdição internacional. Curitiba: Juruá, 2007.

FERREIRA, Helena. Maria.; VIERA, Mauricéia Silva de Paula. **Gêneros textuais e discursivos**: guia de estudos. Lavras :UFLA, 2013.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Alfabetização digital: problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com aprendizagem inicial do sistema de escrita. *In*: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs.). **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 1. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FURLANETTO, Maria Marta. Gênero do discurso como componente do arquivo: em Dominique Maingueneau. *In*: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

GREENWOOD, D. J.; LEVIN, M. Reconstruindo as relações entre as universidades e a sociedade por meio da pesquisa-ação. *In*: Denzin Norman K.; Lincoln Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HORA, Dermeval da. Estilo: uma perspectiva variacionista. *In*: GORSKI, Edair M.; COELHO, Izete L.; SOUZA, Christiane Maria N. **Varição estilística**: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014.

KATO, Mary. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOO, Lawrence Chung. **Web 3.0: impacto na sociedade de serviços uma análise da comunicação contemporânea**. Orientadora: Lucia Santaella. 2011. 228 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/4339/1/Lawrence%20Chung%20Koo.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. Ed. Atlas, 2012.

LEFFA, Vilson José; MARZARI, Gabriela Quatrin. O letramento digital no processo de formação de professores de línguas. **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 2, n. 2, p.1-18, 2013. Disponível em: <http://seer.canoas.ifrs.edu.br/seer/index.php/tear/article/download/143/72>. Acesso em: 20 nov. 2019

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MACHADO, Anna Rachel. A perspectiva sociodiscursiva de Bronckart. *In*: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Apresentação. *In*: ARAÚJO, Júlio César. BIASI-RODRIGUES, Bernardete. (orgs.). **Interação na internet : novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 9-12.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2009.

MARASCIULO, Marília. 5 curiosidades sobre Tim Berners-Lee, fundador da World Wide Web. **Galileu online**, 8 jun. 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/06/5-curiosidades-sobre-tim-berners-lee-fundador-da-world-wide-web.html>. Acesso em: 11 mar. 2020.

MARQUEZAN, Lorena Inês Peterini. **Psicologia da educação**. Curso de graduação a Distância em Educação Especial. UFSM, Santa Maria 2005.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus. 2008.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

OLIVEIRA, Ricardo Gomes. **A influência de um sistema operacional no desempenho do docente ao utilizar o computador como ferramenta pedagógica**. Orientadora: Walkiria Helena Cordenonzi. 20p. 2012. Artigo (Especialização em Tecnologias da informação e da comunicação. Santa Maria: UFSM, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/13125/TCCE_TICAE_EaD_2012_OLIV EIRA_RICARDO.pdf?sequence=1. Acesso em: 12 fev. 2020.

O QUE é o 'desafio do desodorante' que levou criança a morte. **Veja online**, São Paulo, 7 fev. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/o-que-e-o-desafio-do-desodorante-que-levou-crianca-a-morte/>. Acesso em: 25 fev. 2020.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. E-mail: um novo gênero textual. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio.; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). **Hipertextos e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010. p. 68-90.

PADUA, Gelson Luiz Daldegan de. A epistemologia genética de Jean Piaget. **Revista FACEVV**, n. 2, 2009. p. 22-35 Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2547283>. Acesso em: 12 fev. 2019.

PEREIRA, João Tomaz. Educação e sociedade da informação. *In*: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 1. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

PRENSKY, M. Digital Native, digital immigrants. Digital Native immigrants. On the horizon, **MCB University Press**, v. 9, n. 5, Oct. 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital>. Acesso em: 03 mar. 2020.

PROPORÇÃO de indivíduos que possuem telefone celular. Disponível em: https://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_DOM&idUnidadeAnalise=Usuarios&ano=2014. Acesso em: 10 dez. 2020.

RIBEIRO, A. E. **Navegar lendo, ler navegando: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais**. Orientadora: Carla Viana Coscarelli. 2008. Tese (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AIRR-7DDQ6S/1/ana_elisa_ribeiro_tese.pdf. Acesso em: 14 nov. 2019.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In*: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editoria, 2005. p. 184-207.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: MacGraw-Hill, 2006. SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas, *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**, Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SHIPLEY, David; SCHWALBE, Will. **Enviar - o guia essencial de como usar o e-mail**. Rio de Janeiro, RJ: 2008.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

VALENTE, J. A. A crescente demanda por trabalhadores mais bem qualificados: a capacitação para a aprendizagem continuada ao longo da vida. *In*: J. A. Valente, J. Mazzone, & M. C. C. Baranauskas (orgs.). **Aprendizagem na era das tecnologias digitais**. São Paulo: Cortez; FAPESP, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. Orientador: Ingedore Grunfeld Villaça Koch. 2002. 220 p. Tese (Doutorado em linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2002. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269080>. Acesso em: 19 set. 2018.

APÊNDICE A – Resultado do questionário sobre E-mail 2º semestre, ano 2016

Questionário foi aplicado em duas turmas de 9º ano da Escola Pacheco Prates

1)As pessoas maiores de idade que moram com você utilizam a ferramenta de comunicação E-mail? (23) sim (10)não que eu saiba	
2)Você possui conta de E-mail:	
(29) sim	(4)não
Se a resposta foi afirmativa siga respondendo nesta coluna. ▼	Se a resposta foi negativa siga respondendo nesta coluna. ▼
3)Você envia e-mails? (7) sim (22)não só recebo	3)Você sabe para que serve uma conta de E-mail? (3) sim (1)não exatamente
4)Costuma ler as mensagens que chegam em sua caixa de entrada do E-mail? (10) sim (19)não só recebo	4)Costuma a enviar mensagens de texto em telefone celular? (3) sim (1)não
5)Você já enviou e-mails para alguma empresa, instituição ou pessoas que não eram próximas(parentes e amigos) a você? (2) sim (27)não	5)Você já fez ligações telefônicas para alguma instituição, departamento, serviço público, serviço de atendimento ao consumidor? (1) sim (3)não
6)Gostaria que o assunto E-mail fosse um conteúdo em sala de aula? (20) sim (9)não	6)Considera interessante aprender a utilizar outras ferramentas para envio e recebimento de mensagens eletrônicas? (3) sim (1)não
Durante o ensino fundamental você viu em sala de aula esse assunto correio eletrônico? (1) sim, apenas uma vez (1) sim, mais de uma vez (31)não que eu lembre	
8)Você tem computador disponível em casa? (22) sim (11)não	
9)Em sua casa tem acesso à internet? (32) sim (1)não	
10)Você tem conta na rede social Facebook ou usa o aplicativo <i>WhatsApp</i> ? (33) sim (0)não	

APÊNDICE B – Resultado do questionário sobre E-mail 2º semestre, ano 2020

QUESTIONÁRIO- ENVIO DE MENSAGENS DIGITAIS

Escolha somente uma alternativa (X)

1) Você tem acesso a computador ou aparelho com internet?



- a-(36) Sim, tenho internet em casa e, também no meu celular o tempo todo.
 b-(1) Não tenho acesso à internet.
 c-(1) Uso apenas quando um parente ou amigo(a) me empresta.
 d-() Essas coisas relacionadas à internet não me chamam a atenção.

2) Para realizar algumas atividades nas próximas aulas, vamos ter que acessar nossos e-mails. Você possui uma conta de E-mail?

a-(23) Sim tenho uma, sei que está funcionando porque costumo a acessar.

b-(5) Não tenho uma que eu pudesse acessar agora, se fosse o caso.

c-(10) Fiz uma conta mas não lembro mais a senha, nem os dados que coloquei para confirmação.

3) você abre a caixa entrada do seu e-mail com que frequência?

a-(19) Pelo menos uma vez por semana. b-(18) Não costumo a ler ou não tenho e-mail .



c-(1) Leio todos os dias.

4) Já enviou mensagem por e-mail?

a-(2) Sim, costumo a enviar e-mails. b-(9) Sim, algumas vezes. c-(27) Nenhuma que eu lembre.

5) Lembra de ter estudado o “e-mail”, durante uma aula?

a-(17) Sim, pelo menos, uma vez foi tratado em aula. b-(3) Várias vezes c-(18) Não, que eu lembre.

6) A partir da afirmação: “O e-mail é a porta de entrada para a sociedade digital”. Você diria que?

a-(20) É importante aprender mais sobre o assunto.

b-(2) Eu acredito que já sei o suficiente para enviar mensagens para uma instituição, empresa, pessoas que não tenho proximidade, etc.

c-(16) Sei apenas o básico para acessar a conta de e-mail.

7) A mensagem digital enviada pelo e-mail possui um formato que dê para imprimir?

a-(4) Dá apenas como imagem, “print”. b- () Não, ela se desconfigura.

c-(32) Não sei, nunca tentei. d-(2) Sim, fica em forma de documento

8). Quanto a enviar arquivos anexados na mensagem do e-mail?

a-(7) Já enviei b-(7) Já recebi, mas não sei como enviar. c-(24) Não sei como funciona.

APÊNDICE C – Troca de mensagens - Pesquisador e aluna

Ricardo Gomes de Oliveira
<ricardoeducadorespecial@gmail.com>

Boa tarde, ando com os sintomas febre, tosse seca e dificuldade para respirar, estou preocupada com a minha situação. Aguardo sua mensagem e uma ótima tarde para o senhor.

Aluna 3A

Camille Pontes

10 de junho de 2020

<camillepontes09@icloud.com>

13:01

Para: ricardoeducadorespecial@gmail.com

Cc: emailgrupo9ano@gmail.com

Enviado do meu iPhone

Ricardo Gomes de Oliveira

10 de junho de 2020

<ricar

Aluna 3A

22:46

Para: Camille Pontes <camillepontes09@icloud.com>

Cc: emailgr[redacted]o@gmail.com

Boa noite Camille,

desculpe a hora da resposta, mas eu estava de plantão no hospital.

Entendo sua preocupação. Você sofre de alguma doença respiratória

crônica? Tipo asma ou bronquite que de vez em quando lhe ataque?

Em caso afirmativo, você tem, em casa, medicação que já foi prescrita antes? Qual?

Se você está sentindo esses sintomas pela primeira vez ou se a intensidade é muito maior do que antes, há o serviço de testagem, da secretaria de saúde do município, que pode atendê-la para verificar uma possível contaminação em relação à Covid-19. Não estou afirmando que você esteja com a doença, mas vale a pena tirar a dúvida.

Por enquanto utilize medicamentos antitérmicos, como dipirona ou paracetamol e, se consegue suportar, amanhã, você vai ao pronto socorro que será atendida.

Permaneço à disposição

02/08/2020

Gmail - Suposta contaminação



Ricardo Gomes de Oliveira
<ricardoeducadorespecial@gmail.com>

Suposta contaminação

3 mensagens

Aluna 3A

11 de junho de 2020

@icloud.com>

07:50

Para: ricardoeducadorespecial@gmail.com

Cc: emailgrupo9ano@gmail.com

Bom dia, nunca sofri com doença respiratória, estou tendo pela primeira vez. Mas vou fazer isso que o senhor mandou e vou ir vendo. Muito obrigada e tenha um bom dia!

Enviado do meu iPhone

Ricardo Gomes de Oliveira

11 de junho de 2020

<ricardoeducadorespecial@gmail.com>

08:37

Para: [redacted]@icloud.com>

Bom dia,
já que você não tem histórico de problemas respiratórios, recomendo que você vá ao pronto socorro municipal para ser examinada, funciona ao lado da Santa casa .
Por enquanto, não tenha contato direto com outras pessoas, utilize a máscara e tome água com frequência.

Estimo suas melhoras!

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Ricardo Gomes de Oliveira

11 de junho de 2020

<ricardoeducadorespecial@gmail.com>

08:50

Para: [redacted]@icloud.com>

Cc: emailgrupo9ano@gmail.com

Bom dia,
já que você não tem histórico de problemas respiratórios, recomendo que vá ao pronto socorro municipal para ser examinada, funciona ao lado da Santa casa .

APÊNDICE D – Professora A - Pacheco Prates - 2016

GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS BAGÉ

**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE LÍNGUAS**

Aluno Pesquisador: Ricardo Gomes de Oliveira¹

Orientadora: Camila Gonçalves dos Santos do Canto²

Público-Alvo: 9º ano do Ensino Fundamental

Disciplina: Língua Portuguesa

Atividade Desenvolvida: Sequência didática

TEMÁTICA**Gêneros textuais para o 9º ano, utilização da ferramenta digital *E-mail***

Prezada Professora,

agradecemos que tenha acolhido nossa proposta de intervenção pedagógica, a qual relacionou a produção textual escrita com ênfase em sua veiculação através do correio eletrônico. Agora, pedimos que responda às questões a seguir, com seu olhar de observadora durante a aplicação da sequência didática, com sua experiência na área e, também, pelo conhecimento em relação ao grupo de alunos, no qual a sequência didática foi aplicada.

1) Peço que se apresente, mencione o nome de sua escola e situe se sua turma recebeu o projeto-piloto presencial no ano de 2016, 2019 ou se recebeu a aplicação da sequência na forma digital em 2020.

Sou professora de Língua Portuguesa na E.M.E.F. Professor Pacheco Prates. O projeto-piloto foi aplicado em minha turma do nono ano em 2016.

¹ ricardooliveira@unipampa.edu.br

² camilasantos@unipampa.edu.br

1) Em sua opinião, a temática correio eletrônico, da forma como foi conduzida, cumpriu a função de ser pertinente enquanto objeto de estudo, dentro do componente curricular Língua Portuguesa para o 9º ano?

Acredito que sim, pois os alunos continuaram utilizando após o término do projeto. Procurei dar continuidade de uso através de situações criadas por mim.

2) Durante a explanação sobre criação de conta de e-mail, foi destacado que há uma relação do endereço de usuário com o estabelecimento de uma identidade (identificação) digital e que o envio de uma mensagem contém vários elementos a serem analisados pelo interlocutor. Pelo que conhecia de seu grupo, você diria que, no geral: eles eram usuários conscientes do e-mail, alguns possuíam mas não escreviam mensagens, grande parte sequer tinha conta ativa, etc.? E se o assunto fosse perfil em rede social, qual grau de fluência eles teriam?

A maioria deles, para não dizer, todos, não sabiam a real utilização do e-mail. Normalmente, criam um e-mail para cadastro em redes sociais, mas não sabem a verdadeira função. Tanto é verídica a constatação que quando falamos em e-mail, não sabem a que exatamente estamos nos referindo, tampouco, a senha e que o login do *faceboock*, por exemplo, é o endereço eletrônico. Alguns pensavam que era o número do celular.

3) O que você pode comentar da ideia apresentada no decorrer da sequência didática, de que o E-mail é uma plataforma para a construção escrita de diversos gêneros textuais desde um bilhete informal até um requerimento com monitoramento e formalidade?

Vejo o e-mail como um suporte que cabe o trabalho de diferentes gêneros textuais desde que trabalho a partir de situações comunicativas para que o aluno possa realmente utilizar de forma adequada.

4) A respeito da adesão, participação individual dos alunos, peço que destaque fatores importantes como internet, greve, falta de computador ou celular, dificuldade de lidar com a tecnologia, o fato de a maioria dos estudantes pertencerem a famílias com baixa renda, etc.

No projeto-piloto de 2016, os alunos foram para a sala de informática criar suas contas de e-mails, inclusive, um deles que era mais velho do que os demais, pediu para que o professor realizasse o passo a passo com ele porque ele tinha vergonha de não saber usar o computador. Além disso, trocaram várias mensagens uns com os outros: enviaram mensagens para as escolas perguntando sobre o ensino médio, até se serviam merenda quanto tivesse aula a tarde uma aluna perguntou, enviaram 3 mensagens para comerciantes do bairro mas nenhuma ajuda foi concretizada, era para a festa de formatura.

O que prejudica muito os alunos é a condição de vida. Grande parte dos alunos, não possuíam, e não possui ainda internet em casa, muito menos um computador. Embora que se possa trabalhar com e-mail no celular.

1) Usando de franqueza, como você observou a aula em que relacionamos os tipos textuais como elementos enriquecedores da mensagem? Após assistir a aula, você diria que é viável agregarmos tipos textuais para contribuir na construção de determinado gênero textual e, se tudo isso cabe no interior de uma mensagem que deve ser objetiva como o e-mail?

É muito importante que o aluno tenha em mente o objetivo comunicativo e público-alvo para que possa definir a tipologia textual mais adequada à situação.

2) Em vários momentos da sequência, foi enfatizada a escrita digital visando as futuras práticas sociais (sociedade da informação, era digital) nos diversos setores da sociedade e, também para assuntos profissionais. Em sua opinião, houve algum tipo de contribuição do objeto de estudo para a sequência de vida dos educandos?

Acredito que sim, apesar de não ter tido muitos contatos com eles após a conclusão do ensino fundamental. No entanto, teve um dia, há algumas semanas que através do ensino remoto, coincidentemente, encontrei virtualmente, uma ex-aluna que está cursando Agronomia na Uergs e era aluna do meu esposo, estava na aula e me reconheceu. Depois, conversando com ele, comentou que ela só enviava os trabalhos por e-mail e que através do *moodle* não conseguia.

3) Na primeira versão presencial, realizamos uma exposição com algumas trocas de mensagens entre os estudantes e o pesquisador, dos estudantes entre em si e algumas com interlocutores. Na segunda versão, utilizamos mais dispositivos com internet e as mensagens eram construídas e enviadas em tempo real e visualizadas pelo grupo no projetor de imagem, algumas delas foram impressas durante a aula e compartilhadas para visualização, a fim de destacar o caráter documental que o e-mail assume. Agora em 2020, o conteúdo veio por vídeos e as explicações por WhatsApp, a mensagem ficou entre o remetente e o destinatário e, foi solicitado que uma cópia fosse enviada para uma conta de e-mail criada para o grupo de estudo. A pergunta é como você analisa essa impressão de mensagens, a visualização pelo grupo em tempo real ou, por outro lado, para você que observou a sequência no formato à distância (com a dinâmica de vídeos), dá para considerar esse tipo de trabalho viável tanto à distância quanto presencial?

Com certeza é viável, no entanto, os nossos alunos ainda que virtualmente, precisam ter além dos vídeos, mais contato com o professor, ou seja, o professor deve interagir mais porque ainda não desenvolveram a autonomia a ponto de que um vídeo sane suas dúvidas

e ao mesmo tempo, precisam que o professor esteja fazendo cobranças e ressaltando a importância da atividade. Caso contrário, não participam como o esperado.

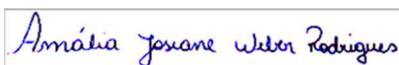
1) A partir dessa pandemia que vivemos no ano de 2020, a qual modificou muitas relações da sociedade e, inclusive obrigou as pessoas a se comunicarem por ferramentas digitais. Como você observa a participação do E-mail nesse contexto e as perspectivas de utilização dessa ferramenta pioneira e resistente (como trabalhamos na sequência didática)?

Em meio a pandemia, seria muito interessante o uso desse suporte que é o e-mail. No entanto, percebo que muitas vezes, nem os próprios professores têm o domínio para uso. Ao mesmo tempo, têm os fatores que não nos permite fazer uso pela renda familiar que é baixa e não tem poder aquisitivo que comporte o uso da internet a qualquer instante. No entanto, gostaria de salientar que desde o Projeto-Piloto, incorporei nas minhas aulas, com meus alunos, o uso dessa ferramenta, ainda que o retorno seja complicado pelo o mesmo motivo citado anteriormente, mas na medida do possível, usamos durante o ano.

2) Fique à vontade para tecer suas considerações, críticas e contribuições, trata-se de uma pesquisa que gerará um guia didático e queremos ao publicar os resultados contribuir com um produto pedagógico aplicável dentro das possibilidades que os professores dispõem com as especificidades inerentes a cada contexto escolar.

Penso que os vídeos não podem “falar por si só”, devem ser mais um instrumento para que se consiga chegar aos objetivos do professor. Eles são importantes e interessantes, mas a aula não deve se reduzir ao vídeo. Volto a mencionar que os alunos não têm autonomia suficiente para seguir instruções somente através de vídeo sem que o professor não faça ao mínimo, uma introdução à atividade que será proposta. Essa autonomia não é desenvolvida de uma hora para outra. Acontece ao longo da jornada escolar e depende que todos os professores objetivem isso.

Local e data: Sant’Ana do Livramento, 01 de julho de 2020



Amália Josiane Weber Rodrigues

APÊNDICE E – Professora B - Cyrino - 2019

1) Peça que se apresente, mencione o nome de sua escola e situe se sua turma recebeu o projeto-piloto presencial no ano de 2016, 2019 ou se recebeu a aplicação da sequência na forma digital em 2020.

Me chamo Claudia Eloir Rodrigues Sanches, trabalho na EEEM Cyrino Luiz de Azevedo, situada na periferia de Sant'Ana do Livramento, com mais de 700 alunos nos turnos da manhã à noite. A minha turma que recebeu o projeto-piloto no ano de 2019, foi uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, na modalidade presencial, que teve em meio à aplicação uma greve que se estendeu por toda a aplicação. Ainda assim, com um número reduzido de alunos algumas vezes, foi possível explorar o material e as atividades propostas a fim de enriquecer os conhecimentos dos alunos no que diz respeito à questão da identidade digital e o uso de gêneros textuais na comunicação através do e-mail.

2) Em sua opinião, a temática correio eletrônico, da forma como foi conduzida, cumpriu a função de ser pertinente enquanto objeto de estudo, dentro do componente curricular Língua Portuguesa para o 9º ano?

Certamente o uso do correio eletrônico é um tema que deve ser abordado, não só no 9º ano, mas em todos os anos finais do Ensino Fundamental, contudo, no último ano ele exerce fundamental importância, pois aí se iniciam as articulações, não só para a transição para o Ensino Médio, como também, nesse período, os alunos estão em busca de seu primeiro emprego como "Jovens Aprendizes" e o uso da ferramenta se torna indispensável, até para contatar possíveis entrevistas. Todo esse processo de articulação com o uso da língua desde seu uso adequado aos diferentes contextos, até a elaboração de um currículo, ou documento pertinente à situação, estão entrelaçados ao uso do correio e fazem parte do que prevê o planejamento para as turmas.

3) Durante a explanação sobre criação de conta de e-mail, foi destacado que há uma relação do endereço de usuário com o estabelecimento de uma identidade (identificação) digital e que o envio de uma mensagem contém vários elementos a serem analisados pelo interlocutor. Pelo que conhecia de seu grupo, você diria que, no geral: eles eram usuários conscientes do e-mail, alguns possuíam, mas não escreviam mensagens, grande parte sequer tinha conta ativa, etc.? E se o assunto fosse perfil em rede social, qual grau de fluência eles teriam?

Em geral, os alunos possuíam e-mail, mas não escreviam mensagens, porém, no que diz respeito ao perfil da rede social, possuem destreza e habilidade no manuseio a ponto de compartilhar informações e conhecimentos muitas vezes desconhecidos pelos professores.

4) O que você pode comentar da ideia apresentada no decorrer da sequência didática, de que o E-mail é uma plataforma para a construção escrita de diversos gêneros textuais desde um bilhete informal até um requerimento com monitoramento e formalidade?

A importância do e-mail, do meu ponto de vista, além de ser uma forma ágil de comunicação, é a possibilidade do registro, a fim de garantir a formalização e comprovação dos atos de comunicação.

5) A respeito da adesão, participação individual dos alunos, peço que destaque fatores importantes como internet, greve, falta de computador ou celular, dificuldade de lidar com a tecnologia, o fato de a maioria dos estudantes pertencerem a famílias com baixa renda, etc.

Embora tenhamos contado com uma greve durante a aplicação do projeto, destacamos que na escola contávamos com internet disponível para que os alunos pudessem acessar sua conta. Porém outros fatores como a falta de aparelhagem eletrônica, a dificuldade em lidar com uma ferramenta nova, que muitos desconheciam o uso, apesar de ter, e também a situação socioeconômica de muitas das famílias do grupo, dificultaram um pouco o trabalho, mas não a ponto de torná-lo inviável ou impossível.

6) Usando de franqueza, como você observou a aula em que relacionamos os tipos textuais como elementos enriquecedores da mensagem? Após assistir a aula, você diria que é viável agregarmos tipos textuais para contribuir na construção de determinado gênero textual e, se tudo isso cabe no interior de uma mensagem que deve ser objetiva como o e-mail?

Com certeza, a partir do conhecimento dos tipos textuais e dos gêneros a eles relacionados os alunos terão a possibilidade de optar pelo que melhor se adapta ao contexto da mensagem, pois os textos podem sim serem utilizados de uma forma objetiva e sucinta, daí a importância do conhecimento e da compreensão de cada um.

7) Em vários momentos da sequência, foi enfatizada a escrita digital visando as futuras práticas sociais (sociedade da informação, era digital) nos diversos setores da sociedade e, também para assuntos profissionais. Em sua opinião, houve algum tipo de contribuição do objeto de estudo para a sequência de vida dos educandos?

Posso dizer que a contribuição foi de fundamental importância, principalmente se a análise for feita a partir do momento atual, onde os alunos precisam lidar estreitamente com o e-mail e com a escrita digital para poderem manter a regularidade e o acesso às atividades, bem como fazer a devolutiva das atividades propostas a fim de comprovar a continuidade do trabalho desenvolvido e sua frequência. Posso dizer sem medo de errar que os alunos submetidos à proposta possuem conhecimentos sobre o tema que superam os conhecimentos de muitos de seus professores. Tais conhecimentos não só estão sendo úteis no momento como servirão para projetos futuros da vida pessoal e profissional dos alunos.

8) Na primeira versão presencial, realizamos uma exposição com algumas trocas de mensagens entre os estudantes e o pesquisador, dos estudantes entre em si e algumas com interlocutores. Na segunda versão, utilizamos mais dispositivos com internet e as mensagens eram construídas e enviadas em tempo real e visualizadas pelo grupo no projetor de imagem, algumas delas foram impressas durante a aula e compartilhadas para visualização, a fim de destacar o caráter documental que o e-mail assume. Agora em 2020, o conteúdo veio por vídeos e as explicações por WhatsApp, a mensagem ficou entre o remetente e o destinatário e, foi solicitado que uma cópia fosse enviada para uma conta de e-mail criada para o grupo de estudo. A pergunta é como você analisa essa impressão de mensagens, a visualização pelo grupo em tempo real ou, por outro lado, para você que observou a sequência no formato à distância (com a dinâmica de vídeos), dá para considerar esse tipo de trabalho viável tanto à distância quanto presencial?

A troca de informações e de conhecimento em tempo real é fundamental para que os alunos (adolescentes em constante movimentação e sedentos pelo "agora") possam não só comprovar o que estão vivenciando, como também se percebam como agentes de determinada ação, o que faz com que além de despertar o interesse se sintam "importantes" no processo.

9) A partir dessa pandemia que vivemos no ano de 2020, a qual modificou muitas relações da sociedade e, inclusive obrigou as pessoas a se comunicarem por ferramentas digitais. Como você observa a participação do E-mail nesse contexto e as perspectivas de utilização dessa ferramenta pioneira e resistente como trabalhamos na sequência didática?

O e-mail a partir da pandemia, tornou-se ainda mais uma ferramenta que podemos comparar a um documento físico como a identidade ou CPF, sem os quais as pessoas/estudantes poderiam perder o acesso a algo que muito deseja ou lhe é importante ou fundamental. Dessa forma, trata-

se de mais um dos itens de suma importância e necessidade para o desenvolvimento/possibilidade da realização de tarefas primordiais.

10) Fique à vontade para tecer suas considerações, críticas e contribuições, trata-se de uma pesquisa que gerará um guia didático e queremos ao publicar os resultados contribuir com um produto pedagógico aplicável dentro das possibilidades que os professores dispõem com as especificidades inerentes a cada contexto escolar.

Hoje a grande maioria dos alunos possui um smartphone, cadastrado a partir de uma conta de e-mail. O que percebemos é que "antes" esse e-mail parecia ter somente essa utilidade e principalmente, os alunos desconheciam as demais. Arrisco em dizer que foram sortudos os alunos que tiveram a oportunidade de receber esse projeto e ampliar seus conhecimentos a respeito da ferramenta, pois quando se depararam com a situação em que nos encontramos hoje, em que tudo acontece através do meio virtual, já possuíam o conhecimento e principalmente puderam compartilhar com os colegas e familiares. Familiares? Sim! Muitos dos alunos que participaram do projeto possuem familiares estudando na modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos e estão servindo de mediadores/disseminadores de tais informações que se tornam "vitais" para a sobrevivência no meio educacional ou profissional para essas pessoas.

O uso do e-mail como ferramenta de acesso ao mundo virtual ou ainda como uma forma de identificação, juntamente a todos os recursos que ele nos proporciona precisa sim fazer parte do currículo das escolas, e isso é o que NOS diz a BNCC em uma de suas dez competências gerais, que é a CULTURA DIGITAL (Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva).

Espero que ao ser disponibilizado esse trabalho ganhe a adesão de professores que terão muito a aprender e a ensinar aos estudantes dessa e das próximas gerações.

APÊNDICE F – Professora C - Mauricio Cardoso - 2020

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MAURICIO CARDOSO

SANTANA DO LIVRAMENTO - RS

DISCIPLINA: LINGUA PORTUGUESA

TURMA: 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

PROFESSORA: ALINE PEREIRA VIÑAS

TEMÁTICA: GÊNEROS TEXTUAIS PARA O 9º ANO, UTILIZAÇÃO DA FERRAMENTA DIGITAL E-MAIL

1) Sim! Foi recebida a sequência em forma digital. O professor Ricardo entrou em contato com a direção da escola e posteriormente comigo. Sou a professora de Língua Portuguesa e atuo com os alunos da turma de 9º ano da E.E.E.F. Mauricio Cardoso no município de Santana do Livramento - RS.

A proposta de trabalho com os alunos vem de encontro a incentiva-los e ensina-los a produção textual com a utilização do email, preparando-os assim para uma diferente forma de comunicação e corroborando com a sua futura inserção no mercado de trabalho.

O professor Ricardo iniciou seu projeto com um vídeo de apresentação aos alunos, sendo o mesmo disponibilizado em um grupo de whatsapp criado pela escola. Nesse vídeo abordou como se daria o projeto a ser realizado. Após esse primeiro contato, tivemos as aulas suspensas, dando férias aos alunos devido a pandemia, onde o retorno somente ocorreu em junho quando se iniciou a aplicação das atividades.

2) Sim, pois os alunos puderam interagir entre si através da troca e emails, exercitando a língua escrita de forma correta e coerente em seus mais diversos tipos e padrões da Língua Portuguesa culta, servindo também nesse momento de desafio digital onde temos aulas remotas e que para acesso a elas se tem de ter uma conta de email, para assim acessar a plataforma disponibilizada pelo estado do RG.

3) Não, pois muitos nem tinham email, mas com a proposta do professor Ricardo surgiu o interesse e curiosidade em criar uma conta de email e ou movimentar uma conta inativa.

Se fosse em redes sociais, não teríamos dimensão de sua utilização, pois as redes sociais influenciam em todos os aspectos da vida das pessoas, principalmente na dos jovens.

4) De fato a utilização do email, para os mais diversos tipos de correspondências escrita, se faz importante como forma de conhecimento, enriquecimento e aprendizagem dos mesmos.

5) Visto que a comunidade escolar é composta por famílias de baixa renda, a grande maioria sem acesso aos recursos: celular, computador, internet e ainda a dificuldade de se adaptar a nova rotina de aulas remotas, ocasionou uma certa

lentidão no retorno das atividades propostas, sendo necessário através do professor o contato individual com cada aluno, para incentiva-los na realização das atividades.

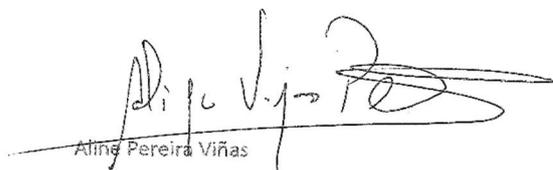
6) A aula mencionada agrega de forma a ensinar como construir diferentes tipos de textos, sendo assim se torna valida na construção textual cumprindo os objetivos propostos.

7) A contribuição foi valida, principalmente no cenário que estamos vivendo, pois os alunos passam a ter noção daqui para frente da importância de ter uma conta de email e dos benefícios de utiliza-la.

8) Certamente estamos em um momento de reinventarmos as diferentes formas de comunicação de escrita e aprendizagem, tornando-a assim produtiva, dinâmica e adaptável a ser utilizada tanto a distância em aulas remotas como presencialmente.

9) O email se consolida como ferramenta indispensável para a comunicação, pois mesmo com o passar dos anos, frente ao atual cenário ele se mostrou resistente e útil para acesso aos materiais do estado e para interação social.

10) O projeto proposto é de extrema valia, vindo de encontro ao momento atual e as mudanças nas várias maneiras de ensinar e aprender, destacando assim positivamente a sua aplicação na disciplina inserida de Língua Portuguesa com a turma de 9º ano da E.E.E.F Mauricio Cardoso, Santana do Livramento - RS.



Aline Pereira Viñas

Professora Língua Portuguesa

Julho/2020

APÊNDICE G – Professora D - Pacheco Prates -2020

1) Peço que se apresente, mencione o nome de sua escola e situe se sua turma recebeu o projeto-piloto presencial no ano de 2016,2019 ou se recebeu a aplicação da sequência na forma digital em 2020.

Meu nome é Priscila Leal. Sou professora na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Pacheco Pratas. Ministro aulas de Língua Portuguesa para os oitavos e nonos anos. O projeto-piloto foi elaborado e trabalhado com alunos dos nonos anos, faixa etária de 13 a 16 anos, durante o primeiro trimestre de 2020. Inicialmente foi aplicado um questionário (sondagem) para identificar o acesso dos alunos à internet e o conhecimento deles em relação ao e-mail. Esse processo aconteceu em março antes da pandemia. Logo, no mês de maio, o projeto foi repensado e aplicado de forma digital, pois as aulas foram suspensas. Diante da suspensão das aulas fomos obrigados a convidar alguns alunos para fazer parte do projeto. O primeiro encontro com os alunos aconteceu através dos grupos de WhatsApp. O Ricardo fez a apresentação com um vídeo introdutório e a partir disso os discentes foram convidados a participar do estudo. No entanto, devido à pandemia e a falta de recurso (internet e aparelhos eletrônicos) de alguns alunos somente 12 participaram.

2) Em sua opinião, a temática correio eletrônico, da forma como foi conduzida, cumpriu a função de ser pertinente enquanto objeto de estudo, dentro do componente curricular Língua Portuguesa para o 9º ano?

Vivemos em um mundo digital. A tecnologia está dominando cada vez mais o mundo. A partir da pandemia isso tomou-se mais notório. Acredito que foi de suma importância a temática correio eletrônico. Os alunos conheceram outros tipos de gêneros digitais e perceberam que o correio eletrônico pode ser usado tanto para uma conversa informal, quanto para dialogo mais formal.

3) Durante a explanação sobre criação de conta de e-mail, foi destacado que há uma relação do endereço de usuário com o estabelecimento de uma identidade(identificação) digital e que o envio de uma mensagem contém vários elementos a serem analisados pelo interlocutor. Pelo que conhecia de seu grupo, você diria que, no geral: eles eram usuários conscientes do e-mail, alguns possuíam mas não escreviam mensagens, grande parte sequer tinha conta ativa, etc.? E se o assunto fosse perfil em rede social, qual grau de fluência eles teriam?

Por meio da sondagem percebemos que muitos alunos não acessavam o e-mail ou tinham contas inativas. Muitos usavam com um único objetivo: fazer o login nas redes sociais. O interesse dos alunos no acesso ao correio eletrônico foi o maior desafio do projeto. Os estudantes, seja por questão cultural ou praticidade, não faziam o uso dessa ferramenta. Com isso, muitos ativaram a conta antiga e outros criaram uma nova com o auxílio do Ricardo.

4) O que você pode comentar da ideia apresentada no decorrer da sequência didática, de que o E-mail é uma plataforma para a construção escrita de diversos gêneros textuais desde um bilhete informal até um requerimento com monitoramento e formalidade?

É sabido que os gêneros textuais estão presentes em tudo. Através desse estudo foram permitidos o conhecimento e a funcionalidade do e-mail. Muitos alunos não utilizavam, pois achavam arcaico, preferindo o WhatsApp ou as redes sociais para comunicar-se com os amigos. O estudo deixou claro que através do correio eletrônico é possível mandar um recado de forma informal ou utilizá-lo formalmente.

5) A respeito da adesão, participação individual dos alunos, peço que destaque fatores importantes como internet, greve, falta de computador ou celular, dificuldade de lidar com a tecnologia, o fato de a maioria dos estudantes pertencerem a famílias com baixa renda, etc.

Muitos alunos vão à escola com um único objetivo: a merenda. As condições financeiras da comunidade são baixas. A nossa maior preocupação é conseguir levar para todos uma educação de qualidade. Poucos alunos têm acesso à internet ou sequer dispõem de aparelhos eletrônicos. Algumas famílias possuem um smartfone para dois ou três filhos utilizarem durante as aulas remotas. Além disso, o crédito do celular é limitado. Enfim, esses obstáculos e a questão cultural, impediram que muitos estudantes pudessem participar do projeto.

6) Usando de franqueza, como você observou a aula em que relacionamos os tipos textuais como elementos enriquecedores da mensagem? Após assistir a aula, você diria que é viável agregarmos tipos textuais para contribuir na construção de determinado gênero textual e, se tudo isso cabe no interior de uma mensagem que deve ser objetiva como o e-mail?

O objetivo de trabalhar os tipos textuais para enriquecer uma mensagem eletrônica é retomar neste texto os aspectos da construção textual. Portanto, não se trata de escrever um texto narrativo ou descritivo, por exemplo, e sim tornar o texto mais preponderante ao chegar no receptor.

7) Em vários momentos da sequência, foi enfatizada a escrita digital visando as futuras práticas sociais (sociedade da informação, era digital) nos diversos setores da sociedade e, também para assuntos profissionais. Em sua opinião, houve algum tipo de contribuição do objeto de estudo para a sequência de vida dos educandos?

A participação dos alunos no projeto foi satisfatória. Isso foi visível através das mensagens trocadas. A escrita deles foi mais elaborada em alguns momentos, ou seja, esse estudo auxiliou em vários processos, por exemplo, na escrita mais formal, na troca de mensagem como os colegas, nas requisições realizadas e na diversidade de gêneros.

8) Na primeira versão presencial, realizamos uma exposição com algumas trocas de mensagens entre os estudantes e o pesquisador, dos estudantes entre em si e algumas com interlocutores. Na segunda versão, utilizamos mais dispositivos com internet e as mensagens eram construídas e enviadas em tempo real e visualizadas pelo grupo no projetor de imagem, algumas delas foram impressas durante a aula e compartilhadas para visualização, a fim de destacar o caráter documental que o e-mail assume. Agora em 2020, o conteúdo veio por vídeos e as explicações por WhatsApp, a mensagem ficou entre o remetente e o destinatário e, foi solicitado que uma cópia fosse enviada para uma conta de e-mail criada para o grupo de estudo. A pergunta é como você analisa essa impressão de mensagens, a visualização pelo grupo em tempo real ou, por outro lado, para você que observou a sequência no formato à distância (com a dinâmica de vídeos), dá para considerar esse tipo de trabalho viável tanto à distância quanto presencial?

A dinâmica dos vídeos, as temáticas e as trocas de mensagens foram essenciais para que os alunos apresentassem interesse no projeto à distância. Acredito que presencialmente os adolescentes apresentariam um maior interesse acerca do assunto, além do mais, outros alunos participariam do estudo. Muitos deles são imaturos para o estudo à distância e outros não têm acesso ao meio digital.

9) A partir dessa pandemia que vivemos no ano de 2020, a qual modificou muitas relações da sociedade e, inclusive obrigou as pessoas a se comunicarem por ferramentas digitais. Como você observa a participação do E-mail nesse contexto e as perspectivas de utilização dessa ferramenta pioneira e resistente (como trabalhamos na sequência didática)?

Com o surgimento da pandemia fomos obrigados a nos reinventar da noite para o dia: aulas online, videoaulas e outras ferramentas foram / são os desafios de nós, educadores. Uma vez que a pandemia não permitiu o acesso de mais alunos no projeto, foi essencial para 12 alunos,

que mesmo com as atividades da escola fizeram parte e agregaram conhecimentos para estes e outros momentos que virão. Acredito que o ensino híbrido veio para ficar. Essa tendência só foi antecipada com o surgimento da pandemia. As ferramentas e o estudo digital serão a tendência para a vida escolar no mundo pós-pandemia. Com isso, o e-mail deixou de servir, somente, para fazer login nas redes sociais. Tomou-se, para os alunos, um veículo de comunicação moderno (quebrou os paradigmas), permitindo contato com diversos gêneros textuais e agregando novas ferramentas digitais na vida do educando.

10) Fique à vontade para tecer suas considerações, críticas e contribuições, trata-se de uma pesquisa que gerará um guia didático e queremos ao publicar os resultados contribuir com um produto pedagógico aplicável dentro das possibilidades que os professores dispõem com as especificidades inerentes a cada contexto escolar.

Quando o Ricardo, em março, apresentou a proposta de trabalho fiquei entusiasmada, logo pensei nos diversos gêneros textuais que poderia trabalhar com os alunos através do correio eletrônico. Várias expectativas foram formadas diante do assunto. Ao realizar a sondagem com eles ficamos ainda mais contentes, pois muitos estavam demonstrando interesse no assunto. Logo as aulas foram suspensas, todavia, no início de maio montamos um grupo "Grupo de estudos e-mail" e convidamos alguns alunos para participar. Neste momento o trabalho começou a fluir. O Ricardo soube atrair os alunos. Os vídeos que ele mandava foram essenciais para o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, ficamos tristes que nem todos os alunos tiveram a mesma oportunidade de conhecimento. Logo, esse gênero será retomado quando retomarmos os estudos presenciais, a meu ver, todos têm direito à igualdade de ensino.